



Ilustração Brasileira

ANO XII

JUNHO 1950

NUMERO 182



MODA E BORDADO
UMA
REVISTA PARA O LAR!

Os modelos parisienses, americanos e nacionais, as "Páginas das Noivas" cheias de motivos encantadores, as indicações úteis nas páginas "De Coser e Outras Coisas", os riscos para bordar, arranjos da casa, contos, conselhos de beleza, notinhas úteis, receitas culinárias e muitas coisas mais, fazem de "Moda e Bordado" uma revista que agrada ao bom gosto da elegância feminina!

Em todos os jornaleiros e livrarias.

NUMERO AVULSO CR\$ 6,00

Assinaturas - 12 meses - Cr\$ 70,00 - 6 meses - Cr\$ 36,00

À venda em todos os jornaleiros e livrarias

Pedidos Pelo reembolso à S. A. "O Malho"

Rua Senador Dantas, 15-5.º — Rio



Onde se divertem
pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

Uma lancha veloz ou esguio veleiro... uma companhia agradável... o deslumbramento panorâmico da Guanabara — e um cigarro Hollywood, para realçar os prazeres da vida. Fumos cuidadosamente escolhidos, habilmente combinados, fazem de Hollywood o cigarro que já é uma tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood.

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

O late Club Rio de Janeiro congrega entre seus sócios a melhor sociedade carioca.



Ilustração Brasileira

FUNDADA EM 1909

Edição da S. A. "O Malho"

Grande prêmio na exposição do Centenário, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940.

Órgão oficial da Exposição do Centenário, em 1922, do Centenário da Pacificação dos Movimentos Políticos de 1842, do Centenário do Dois de Julho, da Bahia, do Instituto Histórico nas comemorações do Centenário do Nascimento de D. Pedro II, do Centenário do plantio de café no Brasil, do Cincoentenário da República, do Centenário da Confederação do Equador, do Cincoentenário do Cerco da Lapa, e do Cincoentenário da Fundação da Academia Brasileira.

DIRETORES:

Oswaldo de Souza e Silva

Antonio A. de Souza e Silva

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Senador Dantas, 15 — 5.º Andar

Telefones: 22-9675 — 22-0466 — 22-0745

Caixa Postal 880 — End. Teleg. "OMALHO"

Rio

PREÇOS DAS ASSINATURAS

(REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da América e Espanha:

12 meses ... Cr\$ 120,00

6 meses ... Cr\$ 60,00

Demais países:

12 meses ... Cr\$ 140,00

6 meses ... Cr\$ 70,00

Número avulso Cr\$ 10,00

ANO XLI — N.º 182 — JUNHO — 1950

NOSSA CAPA

CAMINHO DA SAUDADE (GRAJAU)

Tela de J. B. de Paula Fonseca

CURIOSIDADES DO BRASIL

ORIGEM DO LARGO DO MACHADO

O Largo do Machado, hoje denominado Praça Duque de Caxias, — era no século XVIII um sítio conhecido por "Lagoa da Carioca". Depois de aterrado chamou-se Campo do Machado, nome do primeiro indivíduo que aí levantou casa. Em 1810 foi demarcado e alinhado, construindo-se em redor. A Câmara Municipal, por deliberação de 18 de Novembro de 1869, deu-lhe o nome atual, em homenagem ao grande militar que dirigiu a vitória das armas do Brasil na guerra com o Paraguai. Em 1872 foi ajardinado pelo Dr. Glaziou, já então inspetor dos jardins municipais. A superfície total da praça é de 15.269 metros quadrados. O jardim ocupa 7.050 metros quadrados. Ainda recentemente, há bem pouco tempo, via-se a estatua do Duque de Caxias, inaugurada em 15 de Agosto de 1899. É um primor de escultura. Modelou-a Rodolpho Bernardelli, assim como os baixo-relevos que lhe ornaram o pedestal, talhado em mármore de Carandahy. Caxias monta um cavalo de raça; está em grande uniforme de Marechal do Exército, e tem na mão direita um olho de alcance. O monumento eleva-se nove metros sobre o nível do solo. Feito por subscrição pública, recorda o valor político e militar de Luiz Alves de Lima e Silva, nascido em 25 de Agosto de 1803, praça aos quinze anos de idade, alferes aos quinze; em 1821, com o curso da Real Academia Militar, promovido a tenente, posto com que entrou na primeira campanha. Chegou uma época em que a sua espada era a garantia do trono e da família imperial. Na face ocidental está a igreja da Matriz da Glória, entre as ruas Laranjeiras e a antiga Carvalho de Sá, hoje Gago Coutinho. É construída no mesmo estilo do templo da Madalena, de Paris. Sobre treze degraus, lançados em toda a extensão da frente, vinte e dois metros, erguem-se oito colunas jônicas, lisas, de granito, com dez metros de altura, guarnecendo o vestibulo e sustentando o entablamento. O frontão réto, oferece no timpano um painel em baixo relêvo; nas extremidades laterais vêm-se as estatuas de S. Pedro e de S. Paulo. Pouco atrás do frontão levanta-se uma torre quadrangular, até quarenta e dois metros de altura, com três sineiras em cada face. Do terraço que a encima, guarnecido de balaustrada, e com estatuas nos ângulos, sobe outro corpo de torre, mais estreito, com uma sineira em cada face, e rematada por uma pirâmide quadrangular cujo apice mantém a cruz a sessenta metros sobre o nível da rua. No interior predomina o estilo barroco. No altar-mór, de um feitio original, a rica obra de talha é do artista nacional Antonio Jacy Monteiro. Há mais seis altares de elegante arquitetura. Do lado norte da praça, em belo edificio, entre as ruas Cattete e Bento Lisboa, funciona uma das cinco Escolas Modelo que a Prefeitura mantém na cidade. É estilo do Renascimento. Principiada a sua construção em 28 de Dezembro de 1840. Foi inaugurada com uma escola municipal do antigo regimen, em 9 de Abril de 1875.

CARLOTA JOAQUINA, — INTRODUTORA DA "CALECHE" NO RIO DE JANEIRO

É do século XVII a primeira "calèche" inventada por Anne Picquet e seu irmão, o senhor de Santour, que, em 1664 obtiveram privilégio para estabelecer veículos dessa espécie em Paris. Em 1685, transferiu-se o privilégio aos senhores de Beauvais e de Fresnoy, que introduziram os "Charriots", as "calèches" de dois e quatro lugares e outras viaturas. Entrou na circulação o gracioso veículo, conquistando assentimento popular, sobretudo por denotar a transição da pompa das carruagens dos fidalgos aos hábitos mais comedidos da gente abastada. A realeza em breve se dispôs a desnaturar o fim daquela invenção. Logo em princípios do reinado de Luiz XV, adotou-se em 1710, a "colèche" no bre ou a "calèche" à Luiz XV, a qual durante os sessenta e qua-

EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS

tro anos do longo governo daquele rei, se usou em França. Era um primôr na arte da carpintaria de carros, possuindo riquíssimos adornos internos. A primeira "calèche" que chegou ao Rio de Janeiro, pertencia à rainha Carlota Joaquina. Desageitada, jogando nas ruas, aos trancos e barrancos, como si fôra um navio em alto mar, a "calèche" da esposa de D. João causou grande espanto, quando, pela primeira vez a viu nossa cidade. Enquanto o cocheiro fazia estalar chicotadas, nas seis mulas que a puxavam, os sótas, montados cada um no animal da esquerda das parelhas da frente, metiam esporas na cavalgadura e davam relhadas na mula da direita. Fazia o veículo enorme rumor, e suas rodas, girando vertiginosamente, levantavam nuvens de pó. Os transeuntes, cobertos de poeira, descobriam-se, curvando-se assustadiços, em postura de veneração. E a carruagem real, precedida de dois batedores e seguida de piquete da cavalaria de bandeirola nas lanças, perdia-se na curva do caminho, em demanda da chacara de Botafogo ou da Bica da Rainha, do Engenho de Inhauma, ou da longiqua fazenda de Santa Cruz. Em 1820, as poucas "calèches" a frete que existiam, pagavam de imposto, segundo o alvará de 20 de Outubro, a quantia de 12\$800. Por abril ou maio de 1843, importados da França, chegaram ao Rio de Janeiro novos modelos de "calèches". Um dêles preferido pela elegancia da construção, se compunha de três corpos, tendo quatro assentos. Decorridos meses da chegada das "calèches Anacleto Fragozo Rhodes, pretendendo concorrer com o desenvolvimento da industria francesa, poz em circulação um veículo fabricado em sua casa. Denominou-a de "caleça" — visto já se ter aporuguezado o vocabulo em Lisboa. Alcançaram celebridade e foram contemporaneas da MORENINHA de Joaquim Manoel de Macedo, cuja primeira edição se fizeram em 1844 e das comédias de Martins Pena, demarcando uma época, com os desaguisados da politica. Todo o Rio de Janeiro, ou diremos melhor, todo o Brasil que sabia lêr, leu a MORENINHA. Leu-a, linha por linha, decorando-lhe o entrecho, das alturas do Castelo às planuras insulares de Paquetá.

O LOCAL EXATO ONDE D. PEDRO I GRITOU "INDEPENDÊNCIA OU MORTE"

Em 1825, o Presidente da Província de S. Paulo solicitou da Camara Municipal da metrópole bandeirante que mandasse verificar o lugar exato onde, às margens do riacho Ipiranga, a 7 de Setembro de 1822, o imperador D. Pedro deu o célebre grito de "Independência ou morte"! A Camara Municipal anuiu ao pedido do Presidente e, dias depois, nomeou uma comissão de notáveis personagens com a incumbência de enterrar no local histórico uma urna de ferro contendo objetos, moedas, medalhas, jornais e documentos referentes à grandiosa cerimônia.

Decorrido quasi um século, o Governo do Estado encarregou o engenheiro Mario Whately de aformosear a região do Ipiranga e construir, ali, um monumento digno de comemorar, eternamente, a gloriosa efeméride.

Em 1921, quando os operários das Obras Públicas desbravaram o terreno para o ajardinar, descobriram a urna enterrada em 1821...

O engenheiro Whately mandou o valioso achado para o Museu do Estado, de onde foi transferido, mais tarde, para o Museu do Ipiranga.

INDUSTRIAS GRAFICAS "LUXO"



J. T. SALGADO

Rua Visconde Inhauma, 101

RIO DE JANEIRO

Tel 43-3292

AQUI ESTÁ O TALHER QUE V.A. S.A. PROCURAVAM
EM PRATA DE LEI 900
MODELO 1212

EBERLE

METALÚRGICA ABRAMO EBERLE S. A.
CAXIAS DO SUL — R. G. SUL

Novo Hotel Jung

NO CORAÇÃO DA CIDADE



120 quartos.
Todos os apartamentos com banheiro, água corrente, quente e fria, telefone e AQUECIMENTO CENTRAL.—Higiene rigorosa.

DIÁRIAS, COM EXCELENTE COMIDA, DE
Cr\$ 100,00 até Cr\$ 130,00

Ender. Telegráfico: "NOVOJUNG"

PORTO ALEGRE

Rio Grande do Sul ♦ Brasil



**“E hoje eu teria que trabalhar
fora, se não fôsse ele...”**

Bastam os cuidados do lar para encher a vida de uma esposa. A alimentação, a higiene, o vestuário dos filhos, os sustos permanentes, a sempre renovada vigilância... E a dura batalha de todo chefe de família não visa apenas o sustento do lar, visa permitir que sua esposa possa acompanhar em casa, vigilante e heróica, a educação de seus filhos... Esta presença fecunda precisa ser conservada em qualquer hipótese. Entretanto, muitas vezes o súbito desaparecimento do chefe constringe a es-

pôsa a deixar o cuidado imediato dos filhos pela obrigação de prover... Evite que isso aconteça em seu lar. O seguro de vida pode consegui-lo, garantindo a manutenção do lar, o encarecimento dos filhos. E a Sul America lhe oferece vários planos de seguros, um dos quais há de corresponder à melhor solução para o seu problema pessoal. Ouça, como a voz de um amigo, a palavra do Agente da Sul America. Ele lhe mostrará qual o plano mais adequado ao seu caso.



Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895

A Sul America - Caixa Postal 971 - Rio de Janeiro
Queiram enviar-me um folheto com informações sobre o seguro.
11-JJJJ-1234567890

Nome.....
Data de Nascimento: dia..... mês..... ano.....
Profissão.....
Casado?..... Tem filhos?.....
Rua..... Bairro.....
Cidade..... Estado.....

“O seguro é a maneira mais suave e acertada de se conseguir a formação de um patrimônio”, disse Ary Medeiros, de São Paulo, 2º colocado no Concurso Sul America.

OS VERDADEIROS FORTIFICANTES

A vida ao ar livre, o exercício muscular, a alimentação nutritiva e rica de ferro, cobre e vitamina, são os melhores remédios contra a anemia.

Recorra aos fortificantes naturais, pois são mais baratos e mais eficientes do que os das farmácias. — SNES.

CIA. SIDERURGICA BELGO-MINEIRA

FERRO GUZA

LAMINADOS

TREFILADOS

ESCRITORIO CENTRAL DE VENDAS:

Avenida Nilo Peçanha, 26

RIO DE JANEIRO

PAGINAS ANTIGAS

JUNHO DE OUTRORA

JOÃO DO RIO

N a delícia perfumada destas noites de junho, tão luzentes d'astros, tão alacres de prazeres, há, no olhar das avós e no olhar das mães de todos nós uma nevoa de nostalgia. Que sentem elas quando a natureza se oferta cheia de graça e de abandono? Nenhum de nós indaga, nem tempo tem de indagar. Há um jantar elegante com espáduas nuas e casacas, na casa de um titular; a mulher de um alto financeiro espera-nos para não ouvir em qualquer teatro as estrélas viajantes; e talvez, após o teatro, tenhamos um baile do escol ou — o que é peor! — uma ceia longa com pequenas caras. Como indagar as vagas tristezas silenciosas dos olhos das nossas maiores?

Entretanto, elas estão tristes e talvez não saibam porque — tristes recordações que ficam presas à vida como os farrapos de um nevoeiro, tristes da nostalgia, a última vibração do passado que se faz harmonia presente.

— Então, avó, não quererás ver hoje a opereta?

— Em junho, pequeno?

E, pobresinhas! elas são, à beira dos costumes desaparecidos, como os espelhos mágicos da saudade. Curvai-vos para os seus olhos. Toda a história antiga do grande mês dos santos invernaes, modesta e caseira, desabotoa nas pupilas de cada uma. Olhai a sua face. A melancolia empalidece-a. Senti o seu coração. Chora, decerto, baixo, em surdina, ignorando porque chora. E as avós e as doces mães de cinquenta anos sentem apenas a mente a recordar o mês de junho d'antanho — mês de fogos e de frio, em que elas passaram crianças a pensar nos brincos, moças a pensar no futuro noivo, mães a temer desastres para os filhos.

Ah! o mês de junho! Santo Antônio, São João, São Pedro, a Senhora Sant'Ana, a pureza dos lares, com muito namoro, muitos foguetes, e bailes, e carás e melado, o encanto do céu todo acêso nas pupilas cegas dos balões soltos! Jesus! Há quanto tempo isso foi...

Certo, com algum esforço, nos lembramos que tivemos uma barraquinha ou uma cêsta de fogos, com pistóles e rodinhas. Talvez não-lá tivesse mandado o namorado da mana, hoje casado com outra e pai de rapazes já feitos. Era bom? Era como tudo que não volta mais.

Em algumas casas as meninas deitavam sortes, enquanto os rapazolas enchiam balões. E era a gota de chumbo quente, indicando o futuro e a clara d'ovo ao sereno mostrando se as pequenas partiam para a catedral ou para o cemitério. Como era grave a análise e quanto riso de diamante se desnastrava no ar, sonoro e meigo!

Depois, entre o baile e a ceia — a ceia tradicional com melado, havia o fogo, o sagrado esplendor do fogo, com fogueiras altas para se pular, e chuvas de ouro líquido e chispas de rodinhas, e jorros de rojões, e tiros coloridos de pistóles da Pérsia. E a animação, a alegria, mãos que se tocavam, com o pretexto de arrebatam as pistolas, beijos vagos aproveitando a ocasião de amparar uma queda...

Quantas vezes, a cair de sono e carrancudos, fomos ao colo da avózinha!

— Mas, que temos? O José que não te quer dar as rodinhas? Espera, meu filho...

COMPANHIA BRASILEIRA DE USINAS METALÚRGICAS

End. Telegr. “METALUSINA” — TELEFONE 23-4863

USINA DE NEVES

TELEFONE 8016

Grande Laminagem de ferro e Aço, Fundição de Ferro e Bronze, Fábrica de Pregos para Trilhos, Parafusos, Rebites, Porcas, Painéis de Ferro, etc.



FUNDIÇÃO NACIONAL

TELEFONE 22-3025

Fundição de Ferro de Engomar, Balanças, Louças de Ferro Estanhado, Fundido e Batido para Cozinha, Canos de Chumbo para Água e Gás, Estamparia de Ferro, etc.

Todos os seus produtos têm a marca registrada — “ESTRELA”

Usina de Barão de Cocais

ESTAÇÃO DE MORRO GRANDE—MINAS

ALTOS FORNOS PARA PRODUÇÃO DE FERRO GUSA E AÇO

ESCRITORIO:

Rua Teófilo Otoni 52, loja
RIO DE JANEIRO

E a boa senhora lá ia tirar rodinhas para queimarmos em honra de Santo Antônio, que lhe dera, em moça, um marido, e, em velha, a luz daqueles netos.

Um baile de junho! Ai! como os rapazes daqueles tempos gostavam e aproveitavam! Não havia cartões de convite com termos em inglês, nem cotillons e flirts. Os burqueses convidavam "para uma brincadeira lá em casa". A dona do lar talvez aparecesse de *matinée*, mas a ceia era farta, estava-se como na própria casa, e a alegria simples parecia rir em cada lábio e em cada olhar. Fora, no quintal ou no jardim, os meninos pintavam; na sala, a valsa, as moças namoravam, e o fogo era dentro e fora da casa, porque havia os fogos de salão, a fonte bouquet, a chuva de ouro e prata, as pérolas Fontaine, as serpentes voadoras, os fósforos elétricos, as cobrinhas de Faraó, as borboletas e as estrelinhas, rebentando com um leve ruído de seda, estrêlas como que feitas de seda luminosa... As borboletas davam um estalo e tinham um verso. Serviam para o namôro, o puro irmão mais velho desse doente blasé que se chama o flirt.

— D. Maria, quer puxar?

— Vá lá.

Um estalo, e saía o verso:

Cupido exige de todos
Um penoso sacrifício.
Se quer assim, vamos bem,
Mas se não quer, outro ofício

Gargalhadas, arrufos, inquietações... Havia versinhos intrigantes:

As pessoas que vos amam,
Que só sabem vos gabar,
Dizem que de vós segredos
Já ninguém pode fiar.

Havia indiscretos:

Oh! quanto prazer te deu
Meu coração inflamado!...

Havia até patriotismo nas quadras:

F' tão grande pela Pátria
Este vosso fanatismo,
Que não há quem não respeite
O vosso patriotismo.

Essas tolices tôdas prendiam as almas no laço perpétuo do casamento!

E, se o aspecto íntimo de junho era tão bom e tão casto, o aspecto lá fora, nas ruas, sob o docel do céu, tinha da maravilha de uma paisagem noturna do Oriente, de uma festa árabe. Ruas inteiras se coagulavam de barraquinhas com lanternas de papel multicolor, ajuntando grupos de crianças a soltar busca-pés à bahiana, bombas, trepa-moleques, zig-zags de chama, súbitos estrondos. Das janelas de muitos prédios, num polvilho perpétuo de favilas, golfavam em arrancos as notas azues, verdes e rubras, dos pistolões, dos quintais subiam rojões rasgando o veludo do espaço, alguns num longo assobio, para rebentar lá em cima ramalhetes de luzes variegadas.

A iluminação normal dos combustores diminuía, de vergonha. Havia quarteirões que, em momentos, davam o aspecto de uma

O PAPEL

couché e imitação couché aplicado neste
número foi fornecido por



REPRESENTANTES:

COM. IMPORTADORA SUECA LTDA.
AV. RIO BRANCO, 39 — Fone 23-0632
— RIO DE JANEIRO

NÃO HA DE SER NADA.
TOME
Rhum Vegetal
NAS TOSSES · GRIPE · BRONQUITES
NAS BOAS FARMACIAS E DROGARIAS

*Coceira nos pés
Falso ácido úrico*

Os **FUNGUS** e
outros **COGUMELOS**
são responsáveis por muitas mani-
festações falsamente atribuídas a
"ÁCIDO ÚRICO"
• NÃO RESISTEM
às aplicações de
FITOCIDOL

APOS O BANHO, PELA MANHÃ
E A NOITE
REALIZA PROFILAXIA E TRATAMENTO DE
Doenças parasitárias e pruriginosas
da pele,
IMPINGENS, FRIEIRAS, ARRANHÕES,
SUORES DOS PÉS



CONTROLE PERIODICAMENTE O SEU CONSUMO DE ELETRICIDADE

Cada consumidor, através da leitura periódica do medidor de luz, pode exercer o controle do seu gasto mensal, evitando, assim, seja este superior à quota a que tem direito. Basta-lhe, para isso, seguir os ensinamentos que se seguem:

Procedendo-se a uma leitura do medidor (ou marcação) anote-se sempre, em cada mostrador, o número que já foi ultrapassado pelo ponteiro.

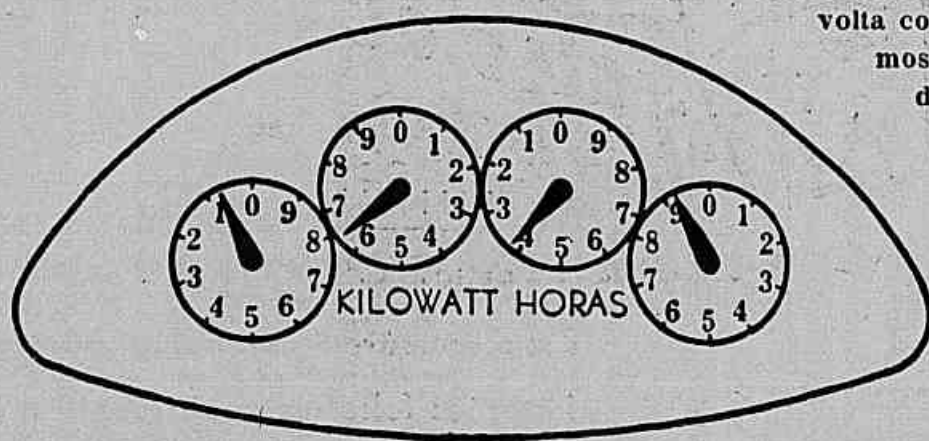
Começemos sempre pelo primeiro mostrador à esquerda. Cada divisão vale 1.000 quilowatt-horas: quando o ponteiro estiver entre dois números, anote-se sempre o menor, no exemplo abaixo o número 0. O segundo mostrador, a contar da esquerda para a direita da gravura, tem divisões que valem 100 quilowatt-horas cada uma. Anote-se sempre o menor número quando o ponteiro estiver entre dois números, no caso da gravura abaixo o número 6.

O terceiro mostrador, a contar da esquerda para a direita da gravura, tem divisões que valem 10 quilowatt-horas cada uma. Anote-se sempre o menor número quando o ponteiro estiver entre dois números, no caso da gravura abaixo o número 3.

Finalmente, o quarto mostrador tem divisões que valem 1 quilowatt-hora cada uma. Anote-se sempre o número que foi ultrapassado, no caso da gravura abaixo o número 9.

Terminada pois a anotação, teremos o resultado total dos quatro mostradores: 0639, isto é, 639 quilowatt-horas ou 639 kWh. Supondo-se que a última leitura dos mostradores deu o resultado 503 quilowatt-horas, sendo a atual de 639 quilowatt-horas, constata-se logo, pela diferença entre estas duas leituras, que foram consumidos 136 quilowatt-horas durante o período de tempo decorrido entre as duas marcações, isto é: 136 kWh.

Para esclarecimento lembramos que uma volta completa do ponteiro de cada mostrador corresponde a uma divisão do mostrador imediatamente à esquerda.



NOTA:

Em certos casos, para as instalações maiores, as leituras devem ser multiplicadas por uma constante que se encontra indicada na frente do Medidor, precedida pela letra K. Por exemplo, havendo no medidor a indicação "K-15" a leitura do medidor deverá ser multiplicada pela constante 15, a fim de se obter os quilowatt-horas.

guerra de fantasia ardente, com grandes fogueiras lambendo o casario de reflexos amarelos, iluminações intermitentes de fogos de Bengala, ora verdes, ora rubros, e aquele tecido de flor de fogo, de renda de fogo, de franja de fogo, que se desdobrava, trechos e trechos, de sacada para sacada, como mantos irreais e inconsúteis, de refulgências inauditas.

Para além das casas, no céu sereno, de um azul côr de tinta, riscado pelo arabesco dos foguetes, pelas longas filas de ouro que se prendiam em laços momentâneos, para escorrer em fitas luzentes, o carnaval dos fogos soltava a iluminação dos balões. Eram dois, eram dez, eram vinte, eram duzentos, eram mil, subindo de tôdas as direções, caindo alguns atacados de vertigem, galgando as imensidades outros, em fila, em marcha, em desencontro, obedecendo às correntes das variadas camadas de ar, parecendo, a confundir-se com as estrelas, a dança das lanternas dos santos à procura do bem na terra. A noite imensa era silenciosa, mas feita desses silêncios abalados de mil estalos e mil rumores, porque se o céu estalava aos rojões, os barulhos dos fogos viviam na cidade até cantarem os galos e ainda perto do alvorecer as badernas do garotinho corriam aos balões caídos aos gritos de:

— "Tasca! Tasca!" — ou a cantar em cântico

**Cai, cai, balão
Aqui na minha mão!**

Santos clementes do mês de inverno, muito boa Senhora Sant'Ana, cujo nome desde o berço ouvimos, para esquecê-lo depois de homens — que saudades! Há quanto tempo foi isso em que sentíamos o frio dos grandes momentos vendo um balão cortar obliquamente a escuridão do firmamento? Há quanto tempo nós tínhamos, como supremo ideal da inocência, que um balão caísse na nossa mão? Hoje, nem mais as crianças pensam em balões senão dirigíveis... O doce mês de junho antigo, com o seu rosário de folguedos simples, acabou, morreu. Há agora outro, um junho bonito, de sobretudo de peles, neurastênico, febril, com surmenagem de pândegas e snobismo. E como nós somos este junho, por isso não sentimos — oh! não! — na delícia perfumada destas boas noites, tão alacres de prazer, tão brilhantes de astros, o olhar das avós e das pobres mães cheio da saudade do de antanho...

Leiam O MALHO de Junho

PAPEL DA HIGIENE MENTAL

A Higiene Mental não consiste simplesmente em prevenir as doenças do cérebro ou da razão. Seu campo de ação é bem mais vasto — ela ensina como formar ou conservar um espírito forte e sadio.

Pratique os preceitos da Higiene Mental, para ter o espírito forte e sadio. — SNES.

Banco do Estado de São Paulo S. A.

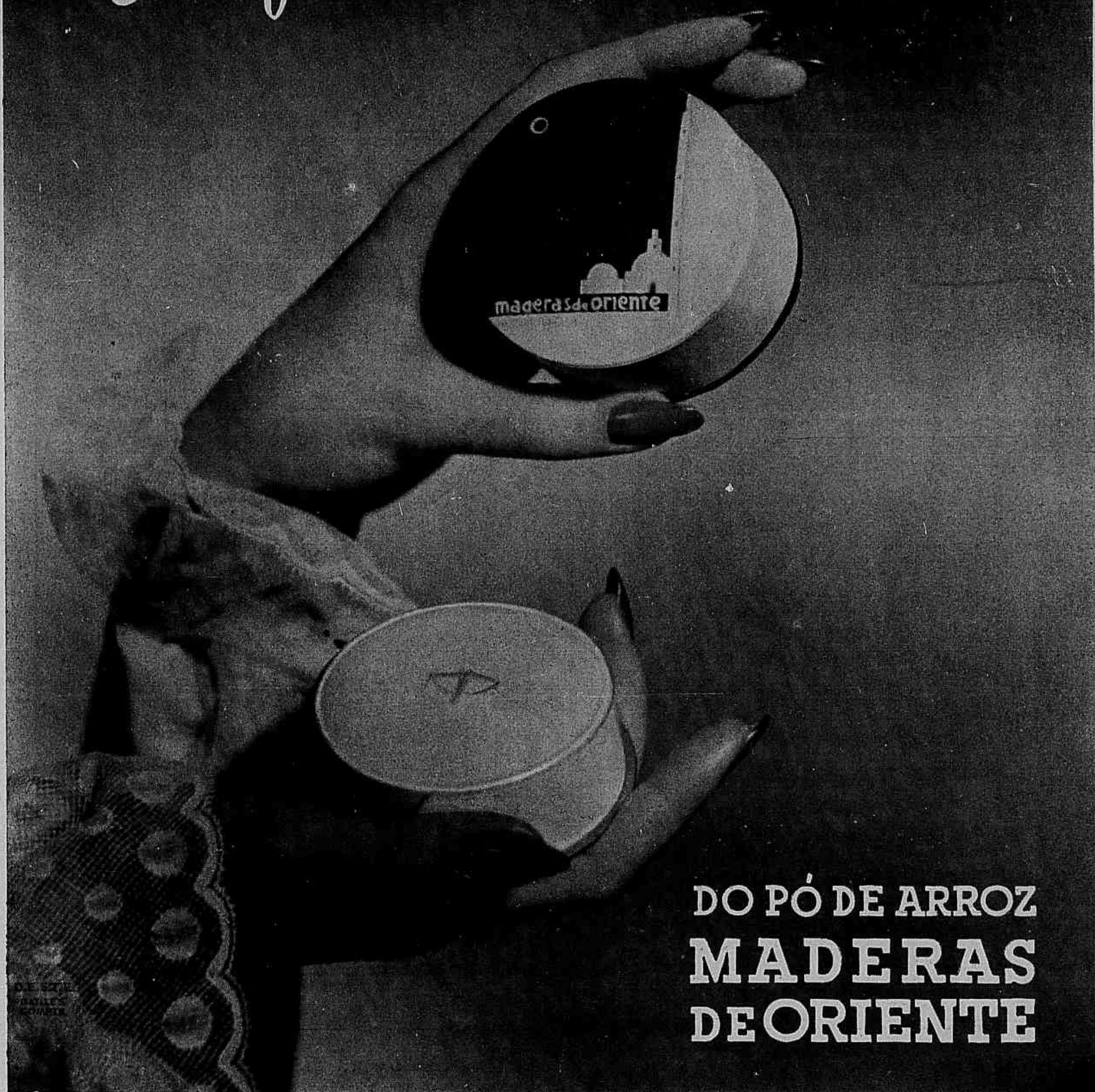
CAPITAL REALIZADO: — CR\$ 100.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — CÂMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL — AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES — SERVIÇO RÁPIDO E EFICIENTE.

53 Agências no Estado de São Paulo e uma em Mato Grosso.

MATRIZ: — Praça Antônio Prado, 6 — Caixa Postal, 789 — Endereço Telefônico — "BANDEIRA" — São Paulo.

A finura incomparável



DO PÓ DE ARROZ
**MADERAS
DE ORIENTE**

O arrebol discreto

DE ROUGE
UN RUBOR



MYRURGIA

Novidade revolucionária em capitalização...

Conheça o **novo** e
exclusivo título de
INTERCAP

Vantagens do novo título INTERCAP:

- 1 - CAPITAL DUPLO
na 1.^a combinação sorteada
- 2 - SORTEIO PROGRESSIVO
a partir da compra do título
- 3 - SORTEIO MENSAL DE OITO
combinações diferentes
- 4 - CONVERSÃO EM TÍTULO SALDADO
a partir do 2.^o ano
- 5 - DISTRIBUIÇÃO DE 60%
dos lucros da sociedade
- 6 - PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS
a partir do 8.^o ano
- 7 - MAIOR PRAZO DE PARTICIPAÇÃO
NOS LUCROS E SORTEIOS



A CIA. INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO

Av. Presidente Vargas, 509 - 6.^o e 7.^o andar - Caixa Postal 1533
Rio de Janeiro

Queir m enviar me detalhes sobre o NOVO TÍTULO INTERCAP.

Nome

Endereço



Após 15 anos de trabalho construtivo e fecundo, Intercap lança um novo plano, exclusivo e de inéditas características, aclamado por todos como o mais perfeito e vantajoso. Procure conhecer as suas vantagens. São reais. São matemáticas. São suas... Estude-as com cuidado. E adquira um ou mais títulos. Com os mesmos prêmios mensais, no mesmo número de anos, você ganhará muito mais, você estará construindo um patrimônio valioso, seguro e perdurável!

COMPANHIA INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO

GUERRA FRIA



TÍTULO do romance de Tolstoi — “Guerra e Paz” — daria o subtítulo mais adequado à história da civilização. Entre as armas de fogo e os ramos de oliveira, porém, jamais acudiu aos epigrafistas de tantos séculos, memórias eescritas com o sangue das gerações humanas, a estranha idéia dos congelados ou de nervos para dois mundos irreconciliáveis.

Termicamente, não esperávamos que a indústria dos frigoríficos também conservasse dêste modo *la chair à canon*. Integralmente, circunscrito aos adversários o choque, sob o óculo dos neutros, mais ou menos longo, apenas conhecíamos o estado de guerra, ao qual sucedia o estado de paz. Foi necessário que houvessemos chegado à extrema dissociação dos átomos para bipartir a guerra mundial, congelando-lhe as operações, discernindo a meia-guerra ou semi-guerra com os ocidentais e os eslavos.

Fôrças invisíveis ou aparentes, mas inegáveis, circulantes no campo de batalha, a espionagem, o maquiavelismo e a propaganda atemorizam como as bactérias e os gases, os submarinos e os tanques. Bombardeios de rádio mantêm a confusão, o espanto e a discordia; campanhas jornalísticas aprofundam suspeitas e antagonismos. O problema é ganhar sem violência a guerra fria, no dizer dos estrategistas norte-americanos. Mas a verdade bélica ressaí da linguagem de Smuts, profeta octagenário da África do Sul: — “Irromperá uma terceira guerra na Europa, se é que não começou com a guerra fria”.

Deixemos a coluna do termômetro pela evidência dos fatos. Relanceando o jornal, sentimos hoje por toda a parte o sobressalto da paz deflagrante, comparável no seu elemento a um arsenal de explosivos urânicos ou hidrogênicos; o peso dos tributos e dos armamentos sobre os povos, enquanto não os dizimam as hostilidades; o reforço de bases marítimas ou aéreas; a luta de classes instigada como preliminar da ofensiva dos exércitos; a desvalorização das próprias notas oficiais; o episódio do Báltico e a marcha de Pentecostes.

Ontro perigo maior avulta na profundidade de outra realidade para a consciência dos homens livres. Moralmente, nunca foi tão incerta e difícil a reconstrução da ordem planetária. Aos sistemas imperialistas sobrevieram duas concepções da vida, que porfiam agora em lutas radiofônicas, possivelmente radioativas, de súbito, impelindo aviões a jacto, desprendendo bombas exterminadoras. Em 1950, a esfera de influência ameaçada é bem a dos valores, que nos engrandecem ou nos aformoseiam o próprio mundo interior. Núcleos irradiantes e satélites obscuros passaram através da imensidade com as suas guerras, em tôdas as épocas, mas nunca se admitiu nos séculos transpostos uma subversão instantânea desses princípios morais.

Para a nossa angústia de caminheiros da atualidade já foi bastante a erosão da terra por onde semeamos ilusões jurídicas ou estéticas. E' com a invencível coragem dos plantadores de jardins no deserto que todos nós, homens de sangue ardente nas estêpes da guerra fria, devemos colorir neste momento as flores de papel e retórica da paz.

CELSO VIEIRA

DA ACADEMIA BRASILEIRA



Xavier de Bourbon-Parme, fidalgo hespanhol, antigo chefe da resistência francesa, ajoelado e rezando o terço em frente a gruta de N.S. de Lourdes.

O templo de Lourdes à noite.



Preocupam-se os cientistas com os milagres de LOURDES

CLAUD JACOBY

Muita coisa já foi escrita sobre Lourdes e muitas peregrinações lá se realizaram. A emocionante história da menina Bernadette, contada e recontada muitas vezes, faz parte da decoração de magnífica pequena cidade nos Pirineus, na França, perto da fronteira espanhola.

No ano de 1856, a jovem Bernadette, menina doente e de família pobre, teve visões numa gruta montanhosa, em Lourdes. Ela imaginou ter visto uma dama lindíssima que, no seu dialeto local, pediu a Bernadette que fosse construída uma igreja nas proximidades e que houvesse peregrinações nessa gruta. Em seu último aparecimento a senhora revelou-se como sendo Nossa Senhora da Imaculada Conceição.

Pouco a pouco, as faculdades extraordinárias de Bernadette foram sendo reconhecidas, até que um Comité Eclesiástico confirmou a validade de suas afirmações. A igreja foi concluída em 1862, quatro anos antes da entrada de Bernadette no Convento de Nevers, como freira. Morreu em 1879 e foi canonizada em 1933 pelo Papa Pio XI.

As visões de Bernadette e as curas miraculosas dos nossos dias são muito difíceis de serem compreendidas. Vivemos em um mundo onde a ciência inunda a humanidade com fatos e figuras, analisa a mente humana e deixa muito pouco lugar para o sobrenatural. Agora, o fato permanece de curas miraculosas que foram realizadas e que não puderam ser explicadas pela medicina. Foi provado que peregrinos ontem mortalmente doentes hoje partem de lá curados, aparentemente sem sintomas de sua doença. A natureza requer tempo para curar uma doença, mas lá, o tempo é um fator que não existe. Isto acontece de um dia para outro e não existem explicações lógicas.

Toda a aparelhagem desenvolvida pela ciência está sendo empregada para se provar estes milagres. Um corpo permanente de 38 médicos controla as condições físicas de todos os peregrinos que se dirigem a Lourdes para lá serem tratados. As facilidades hospitalares não estão facultadas aos que tem doenças mentais. Uma pessoa curiosa poderia indagar porque somente o corpo e não a mente pode ser curado, ou poderia ter uma chance de se curar miraculosamente. Qualquer médico credenciado, de qualquer parte do mundo, pode investigar os históricos dos casos ou juntar-se ao corpo médico permanente, que inclui pessoas de diferentes religiões e nacionalidades. Uma cura é considerada final, após um ano depois do acontecimento do milagre. Isto não pode ser fraude.

O impacto emocional é muito poderoso em Lourdes. Sombras grisalhas não existem. Todas as atividades são expressas em preto e branco — reflexos do bem e do mal. O visitante ficará profundamente emocionado ou, como acontece em alguns casos, deixará a cidade a toda a pressa. Esta cidade era há noventa anos um ponto desconhecido do mapa e entrou nas vistas de todo o mundo num lapso de tempo relativamente muito curto. Milhões

de pessoas visitaram Lourdes para rezar ou simplesmente para visitá-la. Proporcionalmente o aspecto comercial cresceu e isto não é sempre um aspecto agradável de ser lembrado. Muitas vezes os marcadores aproveitam o ardor e a devoção religiosa para vender objetos sem nenhum valor. Centenas de pequenas lojas vendem artigos religiosos, lembranças, livros etc. Os vendedores conversam em qualquer língua da Europa Ocidental e o turista britânico tem sempre pronto seu costumeiro chá da tarde.

Nossa Senhora de Lourdes tem sido uma inspiração para muitos, curou e deu esperança; renovou a fé tão necessária nos nossos tempos. O movimento Pax Christi está baseado neste fato. Foi fundado pelo bispo Theas como consequência de seu aprisionamento num campo de concentração alemão na França, durante a última guerra mundial. Queria realizar o que já tinha predicado e o resultado foi este movimento de paz internacional, que tem como finalidade principal, o entendimento entre os povos de todo o mundo, baseado em princípios da reli-

gião. Eles se encontram uma vez por ano em Lourdes durante a peregrinação mais importante, e realizam mais dois encontros similares, uma vez por ano, em diversas regiões e países. Sómente este ano, devido as comemorações do Ano Santo, a principal reunião será realizada em Roma. Um espírito forte motiva esta organização. Ela traz em conjunto todo o povo comum e cria boa vontade entre muitas pessoas que eram ferozes inimigos ainda há pouco tempo. Esta aproximação conduz a um melhor entendimento, numa forma simples e prática. A vontade existe e o caminho está traçado.

enxergava! Gerard sofria de uma doença muito pouco conhecida, e nenhum especialista podia curá-lo. Os pais decidiram levar o menino numa peregrinação a Lourdes. Lá chegaram em 26 de setembro, e na 4.^a estação do Caminho da Cruz, o milagre se deu: a criança enxergou. Imediatamente, após a constatação do fato, foi feita uma investigação médica. O escritório de constatações de Lourdes afirmou que a doença de Gerard era tecnicamente incurável e que conseguira, em algumas horas, sem tratamento nenhum, recobrar uma visão perfeita.



Peregrinos transportados em carrinhos a caminho de Lourdes.

Orando nas escadas da gruta de Lourdes.

O QUE DIZEM OS NÚMEROS

Em 1948, Lourdes recebeu 1.300.000 peregrinos, 325 trens organizados. Em 1949, o número de peregrinos atingiu 1.600.000, vindos em 364 trens especiais. Os peregrinos também chegam por via aérea. No terreno de Ossun, em 1948, aterrissaram 46 aviões especiais com peregrinos, e em 1949 esse número elevou-se para 82.

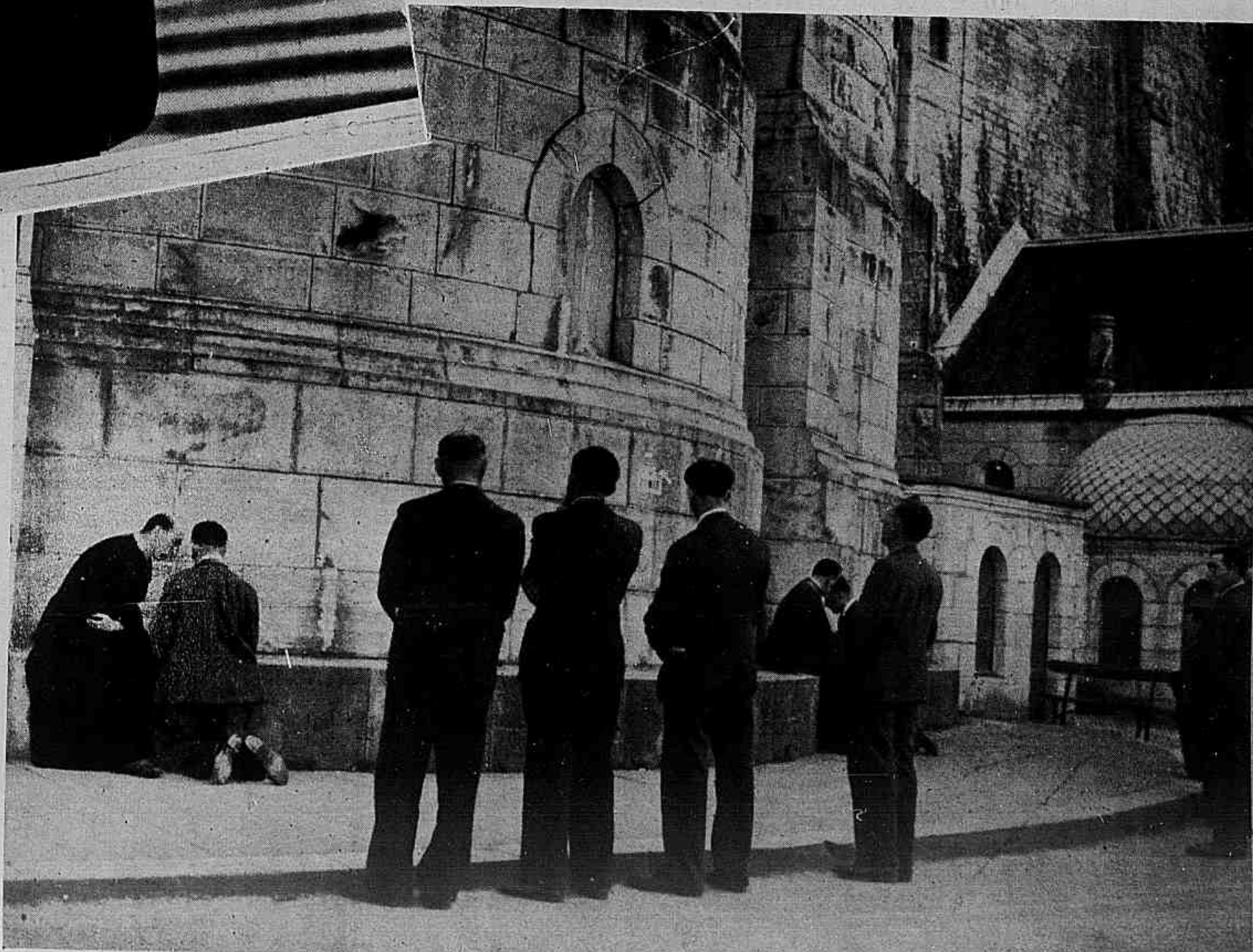
Naturalmente, é muito difícil saber o número exato de peregrinos chegados em carros particulares e ônibus. Estima-se esse número, em 1948, em meio milhão, e em 1949 diz-se que aumentou para 800.000.

Nos outros domínios as cifras são mais preciosas e dão a impressão exata do movimento na Cidade da Virgem. Em 1948 havia 16.320 pessoas hospitalizadas, número esse que aumentou em 1949, para 20.725. Para tratar esse exército de doentes foram precisos 1.460 empregados de hospital e para os transportar contara-se 7.200 voluntários para os conduzir em carrinhos de mão. É claro que tal número de doentes atraía grande número de médicos especialistas. Em 1942, chegaram 1.178 médicos, entre os quais 33 professores de universidades, 56 de hospitais, etc., que examinaram os doentes e que reteriveram, para exame posterior de cura, 73 casos. Se o número de médicos foi grande, deve-se dizer que o número de padres também correspondia ao total de peregrinos. Foram celebradas 55.000 missas apenas no Santuário da Gruta e ao todo foram distribuídas 2.300.000 comunhões.

A confissão ao ar livre. Espetáculo comovedor que se repete em todos os cantos do recinto sagrado.

UM MILAGRE RECENTE

Um milagre, acontecido não há muito tempo, em 26 de setembro de 1947, é oficialmente reconhecido, dois anos depois, pelo escritório de constatações de Lourdes. Trata-se do que se passou com o menino Gerard Bailly, da cidade de St. Paul-Sur-Mer, parte de Dunquerque. Nasceu ele em 19 de março de 1939. Aos 18 meses, começou a dar seus primeiros passos, e o dia que é sempre um dos mais felizes para todos os pais, foi para os de Gerard, o mais triste. Verificaram que o menino não



PARABRA

A NOVA RENASCENÇA

A tolerância, elemento tão essencial à sobrevivência da humanidade civilizada, só é possível atingi-la, graças ao exercício de uma alta dose de idealismo e de espiritualismo, na política. Os homens chamados à direção dos povos, neste momento, só têm, assim, um caminho, para a pacificação da família humana: é estabelecer a política em bases espirituais. John Macdonell, em um dos seus últimos escritos antes da sua morte, "The Spiritual Basis of Politics", confessa que estamos diante de um conflito entre as forças mais altas e mais baixas da política, com a particularidade que estas ultimas, capturaram alguns frutos da ciência. Que movimento de regeneração nos salvará deste eclipse? Um outro humanismo? Uma nova Renascença? O século atual, como aliás o século passado, não assiste mais as lutas de religião, e sim ao choque entre a ciência e as forças do mais estúpido irracionalismo, o qual está acelerando um violento processo de decomposição orgânica do sistema econômico da Europa Continental. Cento e cinquenta anos, em que a idade do ferro culmina na civilização da máquina a vapor, tornaram as etapas do progresso tão curtas que o operário de hoje possui um conforto de que não dispunham os nababos dos

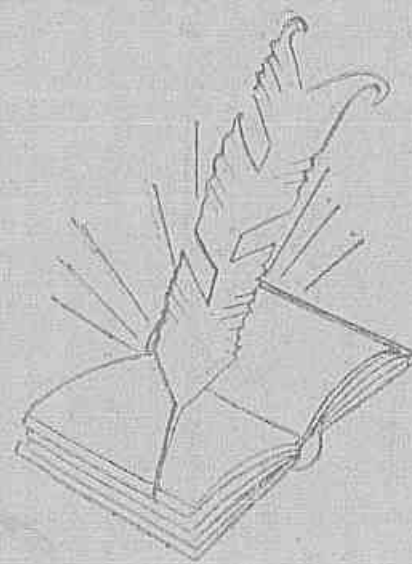
tempos medievais, e mesmo do século XVII. Esse surto de progresso material, para infelicidade do homem moderno, não coincide, todavia, com um nível igual de perfeição moral. Em certo sentido, moralmente, a cultura não acarretou benefícios compensadores para o homem. O sociólogo alemão Muller Lyer no seu livro escrito antes da guerra, "Phasen der Kultur" demonstra que a cultura fez a sorte da maioria da espécie humana antes pior do que melhor. A paixão política e o interesse tem procurado envenenar as mais nobres competições, fazendo crer às massas ignorantes que a ruína de um Estado trará, para aquele que o venceu, militar ou economicamente, a prosperidade e a felicidade. Com os meios de difusão de idéas hoje ao serviço do homem, essas toxinas se insinuam rapidamente no sangue dos povos, conduzindo-os à inveja daquilo que devia constituir o ponto de referencia das suas aspirações. Sociólogos discutem problemas ligados à superioridade ou inferioridade de raça, para explicar fenomenos de simples acidente geográfico. Ora, é o gênio latino quem se julga superior ao anglo-saxonico; ora é este que se reputa dominador daquele, quando na realidade são méros fatores de riqueza mineral, o dominador comum da força econômica e política.

ASSIS CHATEAUBRIAND

A CULTURA BAIANA

Para compreender a Bahia não é preciso vê-la, com os nossos olhos; porém saber o que ela viu — cenas, dramas, epopéias, observados em três séculos pelas imoveis pupilas de suas seteiras militares, dos fortes que a cingem com a proteção das baterias silenciosas e imprestáveis. Era a capital do Estado do Brasil antes que as grandes cidades de hoje houvesse rebentado, como flores de raça e progresso, do segredo da mata indígena. Chegou a ser, no século XVII, uma das maiores cidades do continente. Ganhou a fama de sua prosperidade, da inteligência dos seus filhos, das prosá-

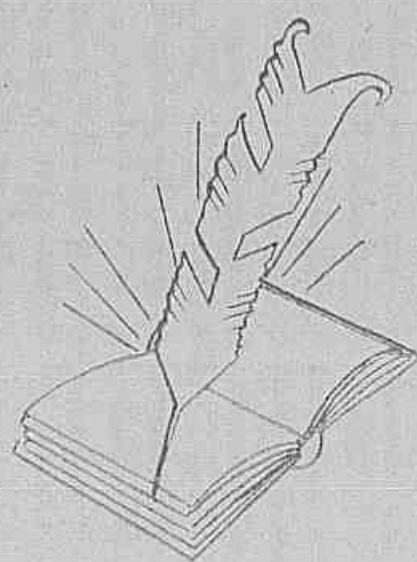
pias e larguezas de sua aristocracia, da salubridade do seu clima e da abundancia dos seus produtos. Conservou-se capital brasileira até 1763. Preservou, entretanto, até o segundo reinado, bem perto de nós, portanto, os seus títulos primaciais: pela animação de suas elites representativas, pela altura do seu ensino superior, pelos requintes de sua vida fidalga, pela fartura, serenidade e magia de sua vida popular, pela influência que exerceu sobre os destinos da nacionalidade, pelo heroismo de seus soldados, pelo gênio dos seus estadistas, pela vocação patriótica de suas juventudes, pela irradiação de sua cultura.



PEDRO CALMON

de ideias

A Suprema autoridade do Espírito



Acima de todas as doutrinas, acima de todas as ciencias, está a "verdade" a quem todas elas devem servir. E acima da verdade, está a intelligencia do homem que a descobre, está a autoridade suprema do espirito que a justifica. Nós cremos no valor da intelligencia. Creamos na autoridade suprema do espirito. Creamos no seu poder de discernir, de esclarecer, de julgar, de crear, de reconstruir até, si fôr preciso, um universo inteiro. E para afirmar o valor dessa intelligencia, para manter a soberania desse espirito, não haverá obstaculos que nos possam deter. Nem a autoridade das doutrinas consagradas. Nem a autoridade dos sabios. Nem a autoridade dos séculos. Deante da força do espirito

que analisa, que perscruta, que concebe, que fecunda — não há autoridades que se possam valer. Porque é esse espirito quem "crea" todas as autoridades; e só ele poderá e deverá mantê-las; e só ele poderá e deverá derrubá-las; quando acaso trairem as finalidades supremas do espirito que as creou. O homem é grande. A sua intelligencia é grande. O seu espirito é eterno. Nós reivindicaremos a "grandeza" do homem contra todas as doutrinas que a quizerem negar. Reivindicaremos para ele o direito de possuir a vida "como quer" possuí-las: com os seus intintos, mas também com a sua razão e com a sua intelligencia. Acima de nós, apenas a "verdade" que o nosso próprio espirito revelou.

ALMIR DE ANDRADE

VALOR DA INCOMPREENÇÃO

É claro que a incompreensão toma tôdas as fórmulas, porque acompanha a incessante variabilidade cultural e moral do homem na sua vida de relação. Convem respeitar desde logo as diversas ordens de incompreensão; seria absurdo reduzir esse complexo, embora por comodidade de analyse, a simples instrumento de tese. Além da limitação inevitável que decorre da evolução da sensibilidade, separando os homens e as gerações, dentro da mesma época as preferencias culturais abrem divergencias profundas entre os contemporaneos, formam zonas glaciaes de indiferencias, conduzindo a caminhos que nunca se encontram. Entre gente que se acotovela na mesma rua, pode haver uma distancia de estrela a estrela. E a mesma palavra toma outro sentido conforme a boca. Na assembleia mais rumorosa, na palestra mais animada, ha sempre uma vaga ameaça de silencio: uma suspeita de solidão anda rodando a pausa mais breve. De modo que não é preciso uma grande acrobacia mental para pressentir o fundo de incomunicabilidade que faz de cada homem uma ilha perdida no oceano do misterio. — "Eu sou um pobre Robinson numa ilha de carne e de espirito..." — monologava Paul Valéry: e a experiencia tragica dos misticos, nos seus momentos angustiosos de treva interior, sempre constatou o insulamento da criatura. E' esse o valor da incompreensão —

define em ricochete, esclarece por contraste e até serve para mostrar que a discordancia é um fator positivo na vida do espirito. Na historia da literatura, impõe-se igualmente outra face positiva desse valor, que decorre da propria fatalidade da incompreensão. Com a distancia no tempo, de geração a geração, acentua-se o conjunto de circunstancias que tende a retocar, modificar e às vezes a deformar o sentido original das grandes obras, a pureza genuina das intenções que animavam o autor, ou dos sentimentos de afinidade que o ligavam ao leitor contemporaneo, numa especie de harmonia preestabelecida. Com a mudança inevitavel, e apesar de todas as tentativas de reconstituição critica, nunca podemos afirmar com certeza que o compreendemos como ele mesmo desejou ser compreendido, e é quasi certo que jamais o interpretamos como o interpretaram a seu tempo os contemporaneos. Mas é justamente essa forma dialectica de incompreensão, necessária, cambiante, imperceptivel na sua marcha miuda, o principal ator de enriquecimento progressivo no conteudo das grandes obras, e na sua cumplicidade com o tempo que passa, nós sentimos, por força de uma intuição contraditória mas viva, o seu valor mais concludente — o verdadeiro valor da incompreensão.

AUGUSTO MEYER

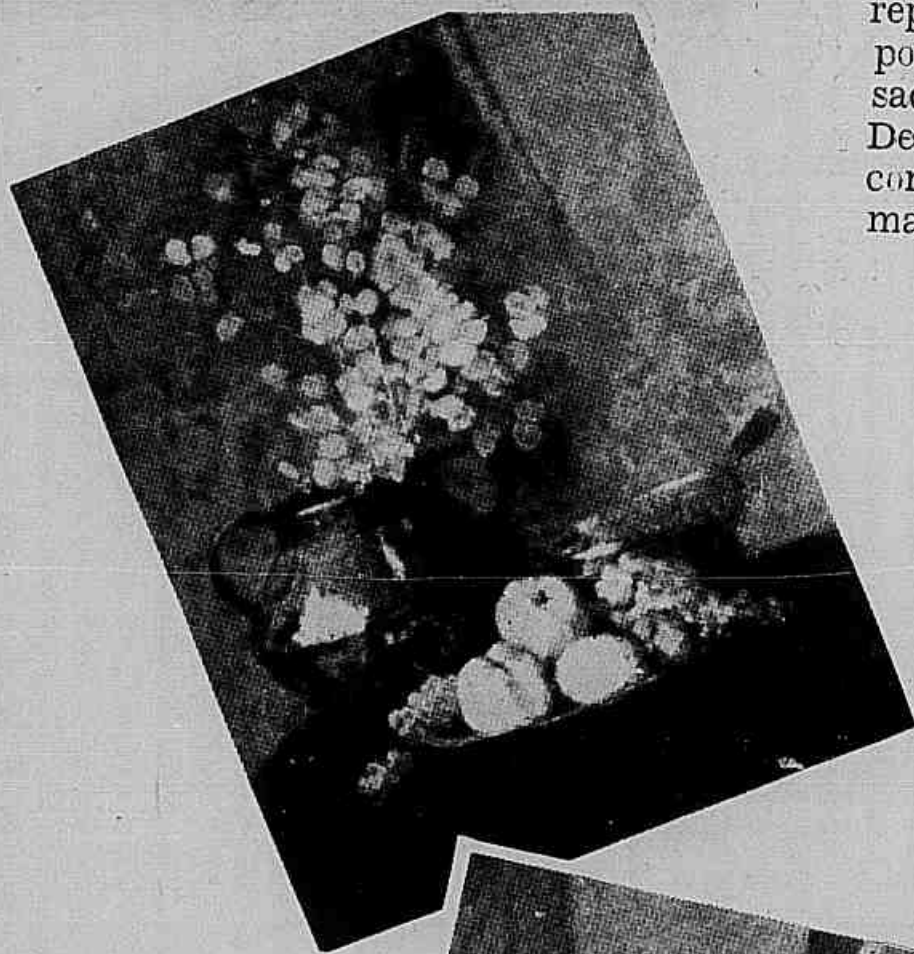


J. Grun: — "O Manequim".

DA NATUREZA MORTA EVOLUÇÃO DO GÊNERO

POR FLÉXA RIBEIRO
PROF. CATEDRÁTICO NA ESCOLA NACIONAL
DE BELAS ARTES

L. Lievre: — "Na Antecâmara".



Schoengrun:
"Natureza
Morta".



J. Joets:
"Pão e Maçãs".

Os gêneros de pintura, creio que os últimos a se constituírem independentes e autônomos — foram a "paisagem e a natureza morta". Aquele porque a vida, na sua realidade objetiva, só existia onde o animal aparecesse. Este, porque, os elementos heteróclitos só poderiam surgir como subsidiários, e não como unidades próprias.

A expressão — "natureza morta", — não é das mais felizes. E tanto esta denominação, como a de "vida em silêncio", dos alemães, não correspondem à realidade objetiva do conjunto que se propõe a definir e a explicar.

E' mais frequente do que se poderia pensar, a universidade de nomes inadequados, e até mesmo contraditórios. Mas a necessidade de encontrar a nomeação

que indentifique a coisa, com precisão e nitidez, leva o homem a aceitar a designação como suficiente, no transcurso do tempo. E', por exemplo, o que sucede com o termo "gótico", que impróprio, errôneo, nada significando, acabou por vencer o "opus francigenum", o ogival, etc. E ficou, na sua graciosa simplicidade, como capaz de perpetuar no sentido próprio a maior criação da arte medieval. A natureza morta terá, assim, a vantagem de evocar, com sistemática precisa, um gênero de pintura que se constituiu autônomo, e que o ouvindo, logo o sabe, com segurança, do que se trata. Há uma representação memorial típica. Não se pode mais confundir. Está individualizado o gênero: é natureza morta.

Desde o século XVI, a natureza morta se constitui um gênero particular. Não é mais simples acessório. Aliás, em quase toda a composição, ainda nos retratos de aparato, é frequente que elementos típicos da natureza morta apareçam. Os pintores nórdicos, em especial os flamengos, de espírito objetivo, sensíveis mais do que os italianos, a uma realidade tangível, desde os primórdios, introduziam em seus quadros detalhes que constituiriam, mais tarde, o que propriamente se passou, depois, a denominar de natureza morta.

Para um simples fim, de valia didática, seria possível, marcar a evolução da natureza morta, no seguinte andamento:

De princípio, ela se manifesta como simples elemento acessório da composição, mas já tomando lugar de evidência, às vezes se constituindo mesmo, em geradora típica do ambiente.

No segundo grau, aparece, verdadeiramente, correspondendo ao seu nome: e só há natureza morta quando o quadro representa animais mortos. No terceiro estágio, vamos encontrá-la, com animais mortos e vegetais arrancados da terra, ou somente estes: folhas, galhos, flôres, frutos. E' o primeiro campo de sua verdadeira transformação.

No quarto grau, deparamos a natureza morta, com unidade em que aparecem na sua composição, objetos de toda a espécie. Essa mistura heterogênea, obedece, ainda assim, a uma espécie de ordem: e que consiste em somente representar objetos completos, definidos, e que se não podem modificar, sem perder seu caráter. Sucede, porém, que posteriormente, e nos tempos atuais, vamos encontrar a natureza morta representando, em sua pauta artística, objetos de metal, e até simples máquinas. Verifica-se, deste teor, que a natureza morta, perdeu seu caráter primário, legítimo, é hoje uma composição em que todas as coisas se podem adicionar, com a condição que afetem um conjunto de "arrumação desordenada" ou que se não apresenta em condições de permanecer, no âmbito, como arranjo definitivo.

Aliás, todo o século XV italiano, e em especial, XVI flamengo, oferecem, com fértil evidência, a natureza morta em suas composições de retratos, como fator de alta importância na compreensão espiritual, ou mesmo material da atmosfera em que respira o retrato, ou em que a ação moral se desenvolve.

E neste passo, a natureza morta, como que se difunde em quase todos os gêneros de pintura. E', por assim dizer, o aparato indispensável, para marcar, como sugestão germinativa, o clima moral, mental, profissional, e até econômico do personagem retratado.

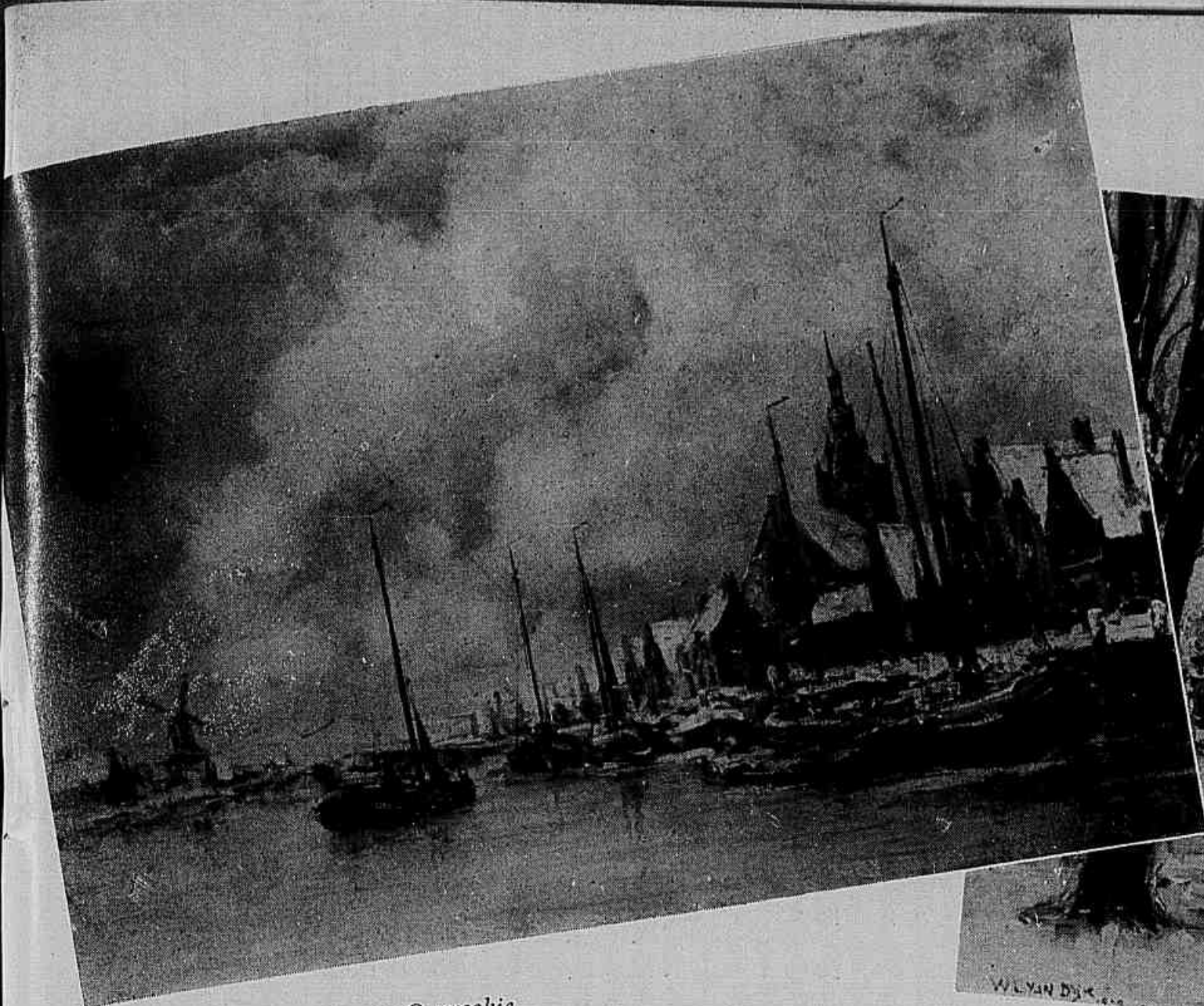
Mas é evidente que nesse lance técnico, a natureza morta, ainda não havia alcançado sua independência, e não havia conseguido atingir ao ponto de ser considerada um gênero, como sucede, em verdade, depois do século XVI, e em particular, depois de Chardin, na centúria seguinte.

Modernamente não se concebe, no entanto, a natureza morta, onde há seres vivos. E menos ainda, se aparece a figura humana.

De fato, seria contraditório.

Não se poderá negar que o século XVIII e XIX apresentam preciosos documentos em que a natureza morta vai do inanimado, do arrancado da natureza, até aos objetos inertes, fabricados, e que nem de longe sugerem o sentimento espacial da vida.

E' uma ampla, impressionante transformação.



Inverno em Overschie



Inverno em Delfshaven (subúrbio de Roterdão).

UM PINTOR HOLANDÊS NO BRASIL

RAUL DE AZEVEDO

Na galeria dos mais famosos pintores do momento está de certo o holandês Win Van Dijk, que convive conosco a que se tornou um dedicado amigo do Brasil.

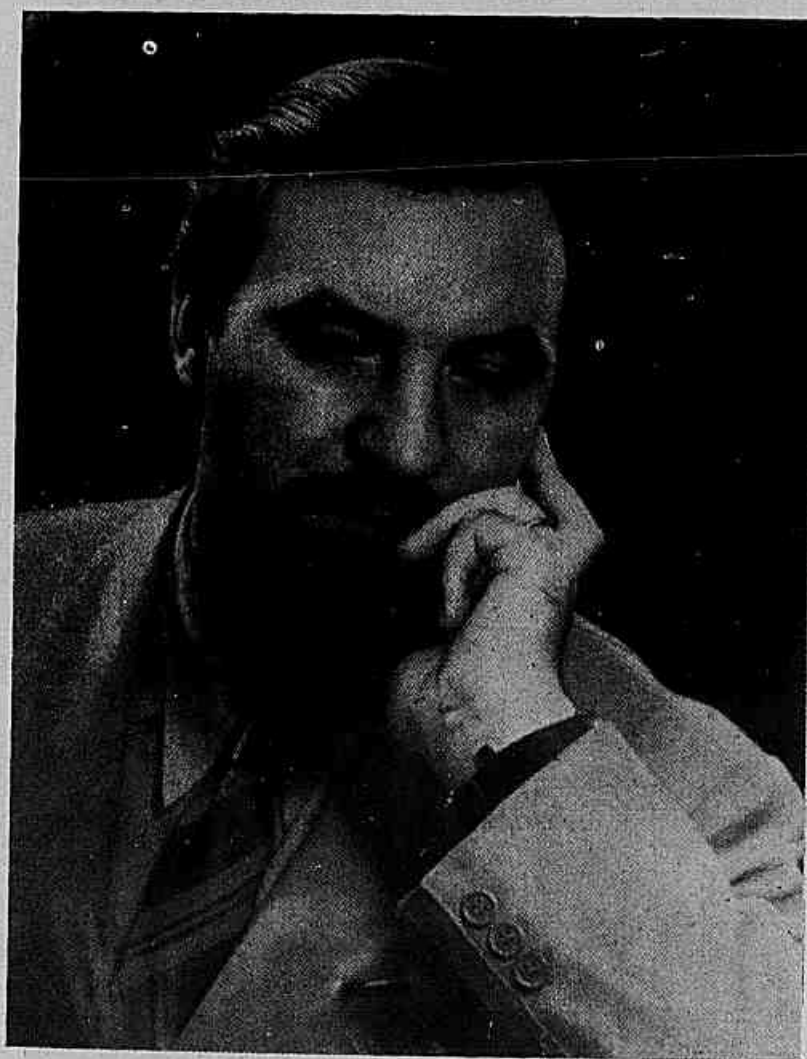
A sua arte é segura, maravilhosa e comovente. Mesmo no desenho, ele tem aí a base talvez principal dos seus quadros já famosos. A sua intuição plena da arte, a sua pintura forte e sugestiva, os seus flagrantos, retratos, natureza morta, paisagens, emoção, tudo faz desse pintor honesto com a sua Arte, um nome mundial.

Diversos prêmios, de muitos países, consagraram definitivamente Win Van Dijk como um pintor da sua época, um homem que tem uma sensibilidade rara, e que sabe manejar as tintas com mestria, sabendo dominar o público entendido.

Ele tem pintado ocasos surpreendentes, marinhas que extasiam, paisagens tão naturais que empolgam,



Arredores de Petrópolis



Win Van Dijk

retratos que vivem, — uma série de óleos que enobreceriam qualquer artista.

Ao lado, alguns quadros do pintor de renome, — arredores de Petrópolis, e paisagens e marinhas dos subúrbios de Roterdão, Holanda.

A sua galeria de paisagens e outras telas do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro, Baía, Petrópolis, os seus quadros religiosos, fascinam críticos e público, pela verdade neles contida e pelo sentimento que nos emociona.

Em breve, a 1 de Agosto próximo, no salão da Associação dos Artistas Brasileiros, esse famoso artista holandês, fará um aexposição de talvez cinquenta quadros, já ansiosamente esperada.

As suas mostras no Rio de Janeiro, Baía, Rio Grande do Sul, São Paulo, têm marcado êxito, sendo os seus quadros logo vendidos.

A pintura holandesa, tão cara e tradicional ao Brasil, revive nestas telas, com um fulgor raro e uma emoção incomum.

Ele é um continuador raro e feliz da eterna pintura holandesa.

Lembra-nos às vezes Van Goyen, recorda-nos de outros Van-Ostade.

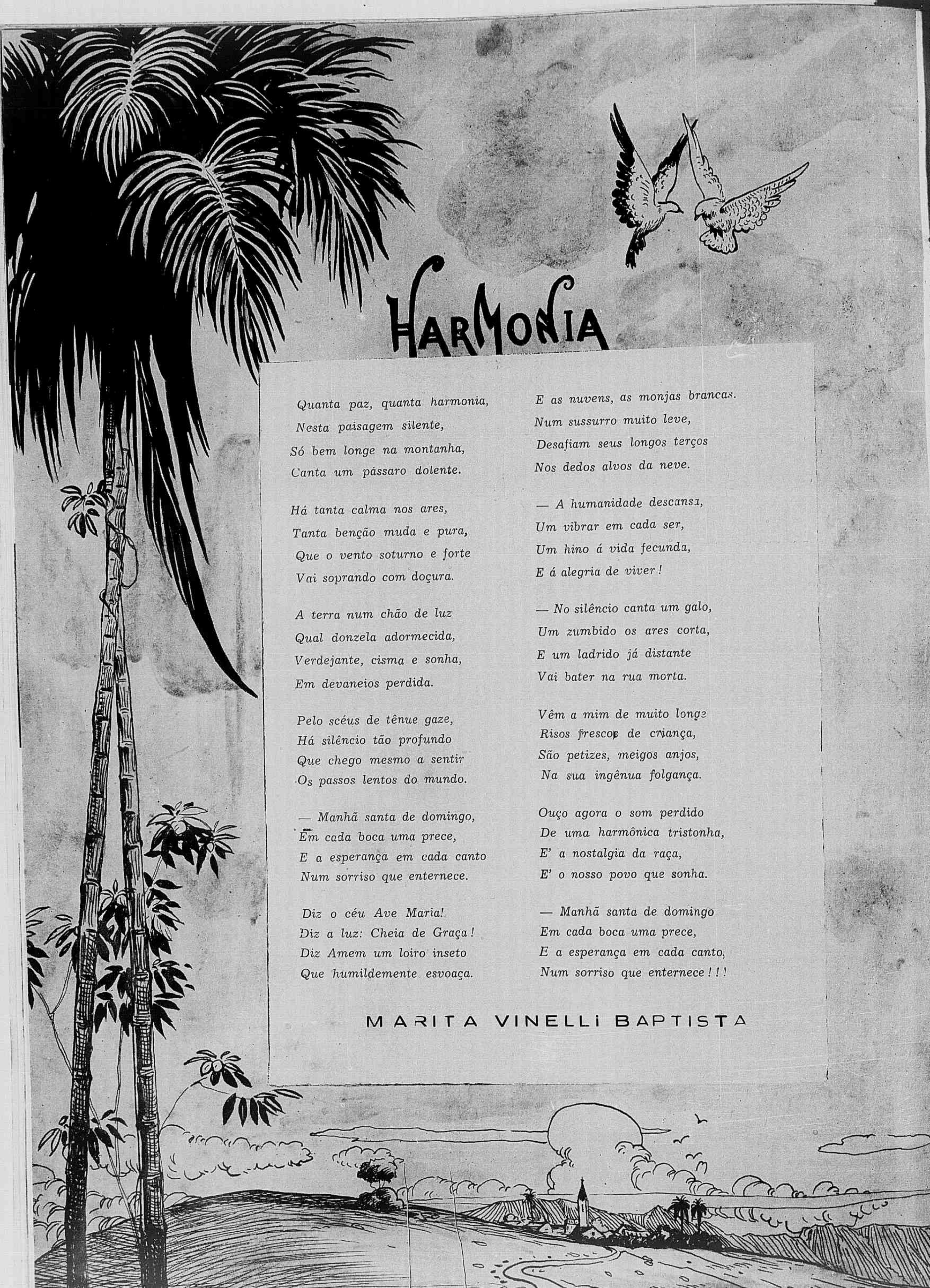
Que poder tem esse homem quando pinta o mar e as árvores!

As suas telas nos dominam, e comovem!

Longe da sua pátria ele pinta a sua terra natal com um amor que encanta, um embevecimento que entenece.

Já dizia um crítico que ele era o Tempo e o Espaço. Ele nos faz, ao contemplar as suas telas, amar a Vida!

O nome de Win Van Dijk não morrerá nunca. Ele atravessará os séculos, e os homens do futuro terão saudades dos de hoje, que tiveram a felicidade de conviver com o artista e vê-lo pintar nobremente, superiormente, as suas telas que encantam, comovem e deslumbram!



HARMONIA

Quanta paz, quanta harmonia,
Nesta paisagem silente,
Só bem longe na montanha,
Canta um pássaro dolente.

Há tanta calma nos ares,
Tanta benção muda e pura,
Que o vento soturno e forte
Vai soprando com doçura.

A terra num chão de luz
Qual donzela adormecida,
Verdejante, cisma e sonha,
Em devaneios perdida.

Pelo scéus de tênue gaze,
Há silêncio tão profundo
Que chego mesmo a sentir
Os passos lentos do mundo.

— Manhã santa de domingo,
Em cada boca uma prece,
E a esperança em cada canto
Num sorriso que entenece.

Diz o céu Ave Maria!
Diz a luz: Cheia de Graça!
Diz Amem um loiro inseto
Que humildemente esvoaça.

E as nuvens, as monjas brancas.
Num sussurro muito leve,
Desafiam seus longos terços
Nos dedos alvos da neve.

— A humanidade descansa,
Um vibrar em cada ser,
Um hino á vida fecunda,
E á alegria de viver!

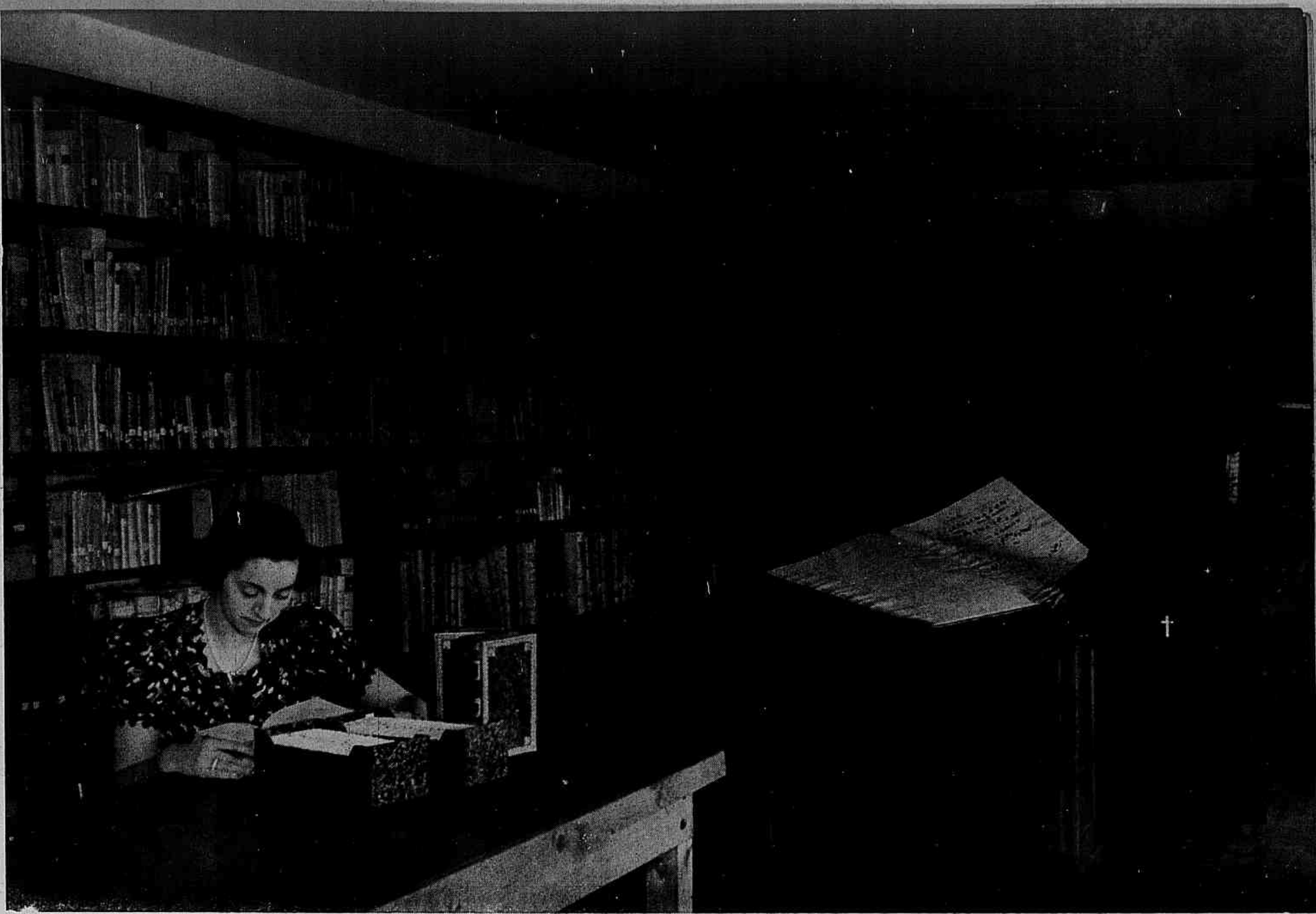
— No silêncio canta um galo,
Um zumbido os ares corta,
E um ladrado já distante
Vai bater na rua morta.

Vêm a mim de muito longe
Risos frescos de criança,
São petizes, meigos anjos,
Na sua ingênua folgança.

Ouçó agora o som perdido
De uma harmônica tristonha,
E' a nostalgia da raça,
E' o nosso povo que sonha.

— Manhã santa de domingo
Em cada boca uma prece,
E a esperança em cada canto,
Num sorriso que entenece!!!

MARITA VINELLI BAPTISTA

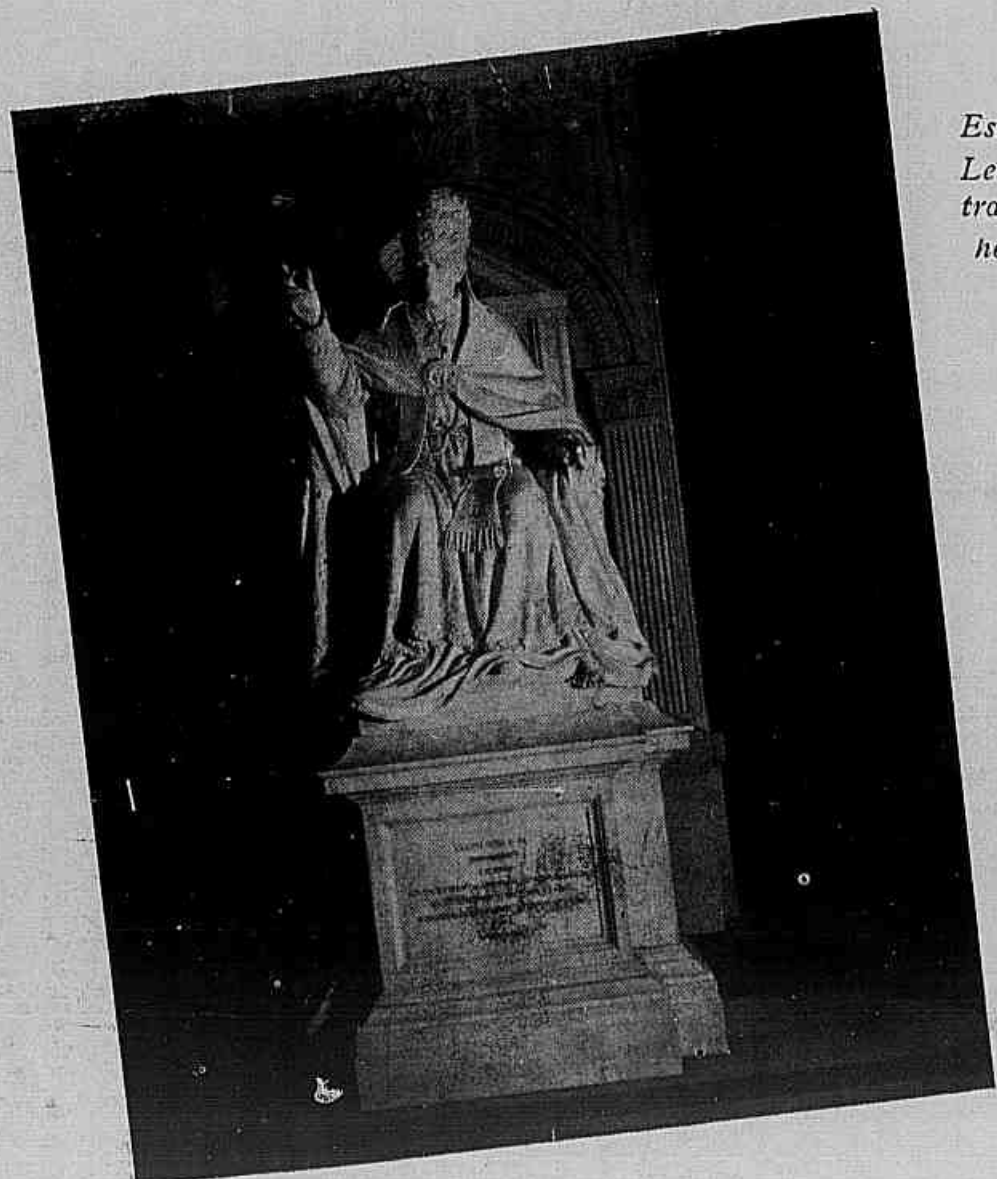


Vista parcial da Biblioteca Oliveira Lima

UMA VISITA À BIBLIOTECA OLIVEIRA LIMA, NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE WASHINGTON (D.C.)

JOÃO PAULO DO RIO-BRANCO

Da metrópole onde se arquiteta, com zeloso entusiasmo, a focalização dos continentes e a hidrogenização do planeta, onde se discute, com desolado horror, a sovietação de um oriente outrora filosófico e mandarinal, remeto-vos quatrocentos centímetros quadrados de platônicas considerações sobre pó, traças, papéis velhos e outros apetrechos inerentes à existência de uma Biblioteca. Há, nesta atitude, um generoso desdém, uma vaidosa impertinência e, quiçá, um vislumbre de arrogância que muito do meu agrado seriam... fossem eles intencionais. Infelizmente, porém, tanto a escolha do assunto como o da atitude escapam à minha responsabilidade... questão de instruções, tão somente,

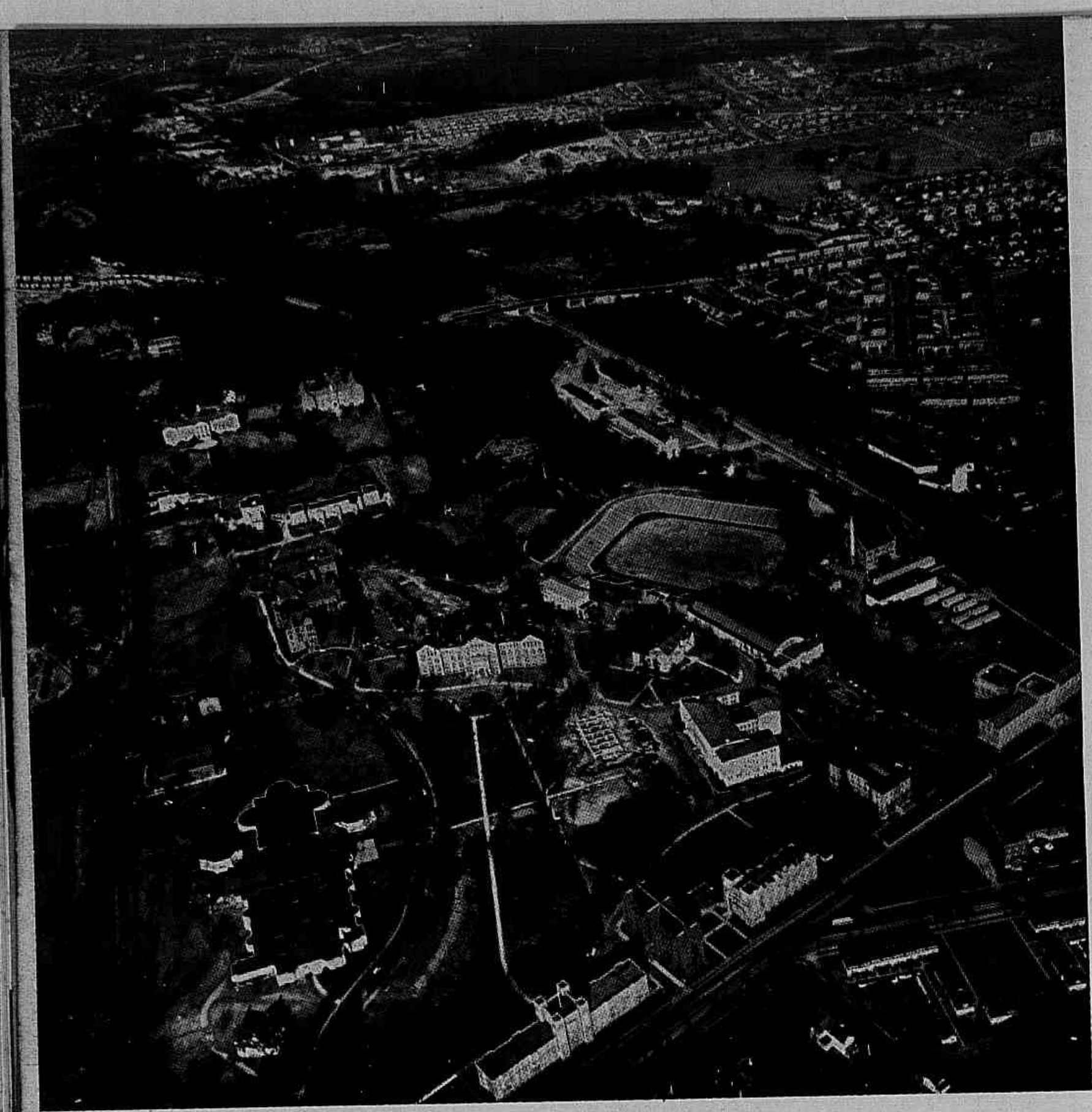


*Estátua do Papa
Leão XIII, na en-
trada de Mc Ma-
hon Hall.*

A "Catholic University" de Washington — seja dito, "en passant", o maior e, pedagogicamente falando, o mais categorizado estabelecimento católico de ensino nos Estados Unidos da América — é um pequeno mundo de 4.600 estudantes, 195 professores, 14 edifícios, diversos clubes, um jornal e uma biblioteca. É a esta, ou melhor à parte desta — parte modesta e bem esquecida — que dedicaremos essas linhas — Edifício sóbrio e amplo que, de longe, avistamos no harmônico e bem arborizado parque que circunda, invade e prolonga a Universidade em todos os sentidos, ele — como é precípua função de toda biblioteca — fornece aos que lhe pedem, sabedoria, tranquilidade e silêncio.

Na porta, atende-nos o Senhor J. de Siqueira Coutinho, ex-cidadão português radicado em Washington há uns trinta anos, professor de geografia e de economia, sábio nas horas letivas e sábio ainda, com simpatia e cordialidade, nas horas vagas. No "hall" de entrada, por entre vitrinas de exposição, pinturas consideravelmente chinesas (o autor, Mme. Ching-Chich Yee, doou-as recentemente à Universidade), avistamos, calmos, indiferentes, marmóreos, os bustos de Santo Tomás de Aquino e do Pio XIII. A sala de leitura principal que atravessamos rapidamente abriga uns 300.000 volumes; ainda que num sábado, dia feriado, os estudiosos eram muitos; seminaristas mergulhados em amazônicos "infolios", jovens "freshmen" com a fé estudantil dos neófitos e gravatas trágicas, mimosas donzelas irlandesas com sabedoria provocadora e provocadores "sweaters" azuis...

Os motivos decorativos, como convem, são poucos ali; notam-se, principalmente, nas importantes dimensões da sala, na harmônica distribuição das estantes pelas paredes altíssimas, e em dois grandes painéis, um de Monseñor Gibbons, por um artista italiano radicado nos Estados Unidos, o outro, famoso por motivos diversos e, a meu vêr, mórmente por seu valor monetário, de George Washington, pelo pintor americano Stewart. Ao sairmos da sala principal, descemos a escadaria — igualmente principal — e (não estranhe o leitor) entramos num sótão melancólico onde se amontoavam, sob um secular manto de pó, os livros jamais lidos — intermináveis coleções de leis, introduções condensadas, em dezoito volumes, ao estudo da reprodução das fanecrocotiledôneas, gemidos desgraçados de lírico inspirado, doutrinas filosóficas que, por enfadonhas, se tornaram esotéricas. Passamos por um corredor escuro, profundo, entre duas imensas paredes recobertas de livros sem dúvida edificante e, saindo desse desfileiro de sabedoria virgem e espessa, topamos com uma porta fechada que o Professor Coutinho, com um justo senso das convenções sociais, somente abriu após nela bater paciente e demorada-



Vista aérea da Universidade Católica de Washington

mente. O panorama mudou de todo ao todo; não eram mais livros, não era mais escuridão; não era mais pó. Eram, à guisa de entrada, duas salas amplas, ensolaradas e intensa, comovedora, supinamente brasileiras. Estávamos na Biblioteca Oliveira Lima — antes, no Museu Oliveira Lima, porquanto, além dos livros numerosos e raros, a doação de Oliveira Lima à Universidade Católica, ainda abrange, entre gravuras, esculturas e objetos de arte diversos, um sem número de peças dignas de qualquer museu. Chamaram particularmente minha atenção uma coleção de miniaturas de marfim, uma série de leques e três bustos ilustres, de Dom João VI, José Bonifácio e Rio Branco (o barão), respectivamente. Mais do que tudo, agradou-me esse pedacinho de Brasil, paradoxal e surpreendentemente esquecido nesse sotão, com desenhos de nossa terra, gente, (ainda que imobilizada e imortalizada no bronze) de nossa terra porcelana familiar, uma pele de onça, e um bom número de revistas portuguesas, brasileiras e castelhanas à disposição de um público inexistente.

“Houve tempos”, disse-me o Professor Coutinho com o sorriso triste e ausente de quem fareja ainda as emanções bemfazejas de um longinquo e perdido paraíso — Houve tempos em que a Universidade contava com trinta alunos de português. Em verdade, raramente o pobre Camões carregou tão pesada cruz e mal sei como ele resistiu a esta avalanche de solecismos... mas, de qualquer maneira, fazia imenso bem à alma ver essa turminha endiabrada, agitada da fé, por vezes algo truculenta, mas sempre entusiasta, de neófitos, recitar, ofender, declamar, orar e blasfemar na linguagem de Camillo...”

Houve uma pausa triste, que respeitei com a devida tristeza. O professor prosseguiu “Ce temps n'est plus, hélas! Hoje em dia, são dois a frequentarem melancólica e enfadonhamente as salas tristonhas. Aliás, acrescentou ele com ar pensativo, avalio em 25 o número de alunos que, na totalidade das Universidades de Washington, se dedicam ao estudo do português. Admito, é verdade, que, nesta cidade de milhão e meio de habitantes, haja uma centena (e olhe lá, amigo, a computação é generosa) de indivíduos mais ou menos bisonhos com algum conhecimento do idioma luso; no entanto, como esse “algum conhecimento” vai de assaz vago ao extremamente escasso, ele não se afigura

tônico bastante vigoroso para levar essa centena ilustrada aos sótãos esquecidos da Universidade Católica. Em conclusão, portanto, temos uma Biblioteca de 40.000 volumes para as necessidades esporádicas e sempre frugais de 25 pessoas...” Assim falou o Professor Coutinho e, acrescente eu, com indistinta nostalgia: Qual um polo norte grandiosíssimo concebido para o usufruto plácido e polar de 25 pinguins”.

Mas abandonemos essas tristes considerações e voltemos à nossa viagem pela Biblioteca...

Visitado o museu, entramos na Biblioteca propriamente dita, que conta com um acervo de 40.000 livros e vem sendo atualizada graças aos esforços de um outro português, professor nas Universidades Católicas e de Georgetown, o Sr. Manuel Cardoso.

Enfadonha, em verdade, seria uma enumeração das raridades bibliográficas que repousam nesta biblioteca; não posso, todavia, resistir — com o daninho prazer de causar inveja — à tentação de citar as seguintes:

1 — “Paesi nouamente retroauti. Et novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulado. Stampato in Vicentia...” 1507.

Esta raríssima obra é a primeira a relatar o descobrimento do Brasil por Cabral.

2 — “Flos sanctorum” — 1515, do qual só se conhece dois exemplares, ambos em Portugal.

3 — “La Chronica del Peru...” por Pedro de Cieça de Leon”, exemplar primoroso de livro preciosíssimo.

4 — “Les singularités de la France Antartique, autrement nommée Amérique...” por André Thevet, autor de “Cosmographie Universelle” — livro editado em 1558 e de extrema raridade.

5 — A primeira edição, editada em Goa, 1563, do famoso “Coloquios dos simples, e drogas de cousas medicinais”.

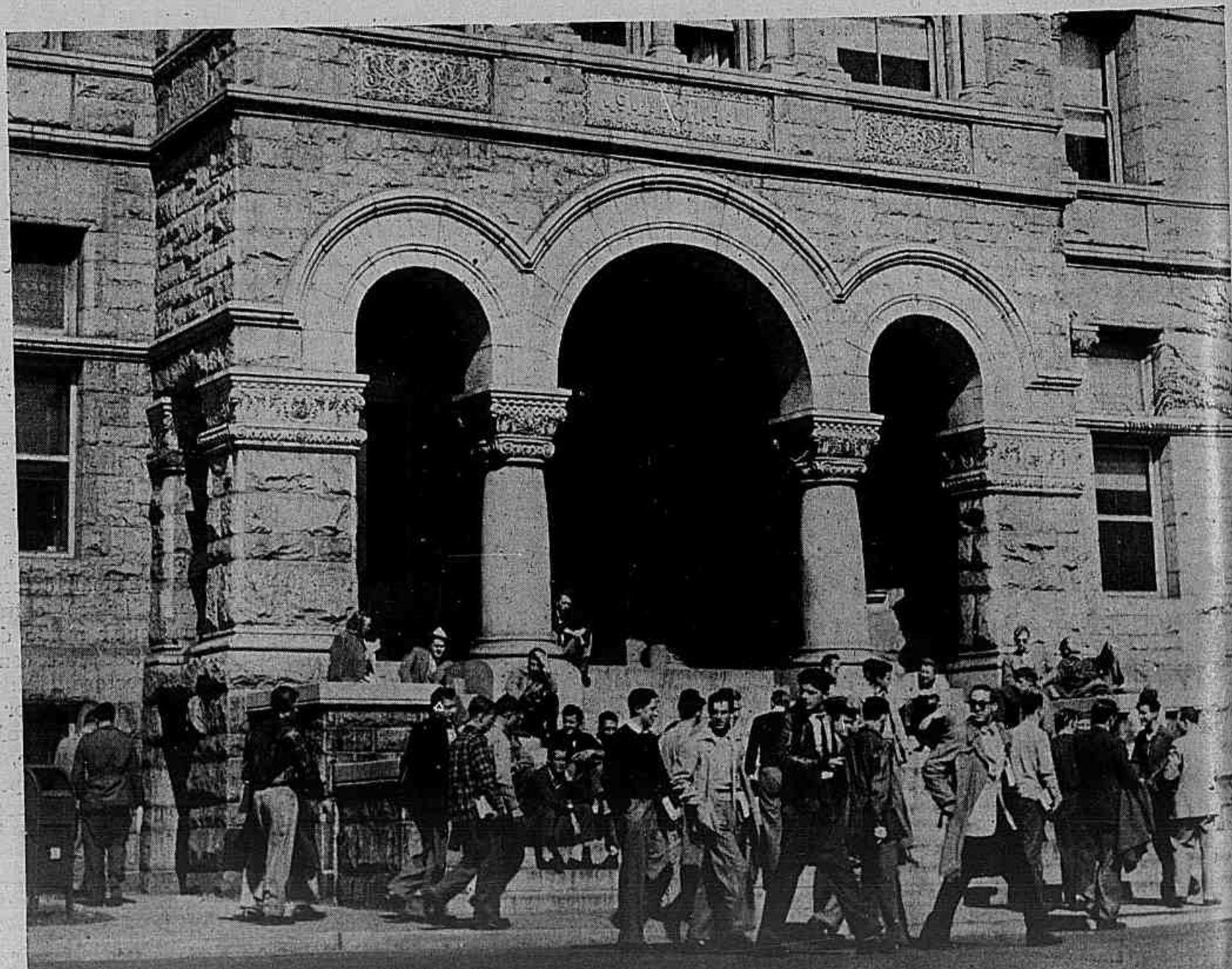
6 — A primeira edição da “Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil, autrement dite Amérique”, por Jean de Lery. Trata-se de belíssima obra, com notáveis trabalhos xilográficos, escrita pelo missionário protestante enviado ao Brasil por Calvino, para supervisionar a instalação da colônia de Villegaignon.

6 — Uma quarta e uma quinta edição dos “Lusiadas” (ambas raríssimas, porquanto apenas 13 e 12 exemplares, respectivamente, de cada, são conhecidos no mundo).

7 — As primeiras edições de “O Uruguay”, de José Basílio da Gama, e de “Márcia de Dirceu”, de Thomas Antonio Gonzaga. Uma “Camiliã” completa etc....

Enfim, nada menos de 209 obras são, pelos técnicos no assunto, consideradas de primeiro valor bibliográfico. Quanto aos demais livros da biblioteca, formam um conjunto de extraordinário para os amadores de estudos brasileiros, mormente, da formação histórica de nosso país. A documentação sobre a tentativa colonizadora holandesa no nordeste brasileiro é surpreendente pela quantidade e pela qualidade; o mesmo pode ser dito das obras, (entre as quais manuscritos inéditos) concernentes ao Tratado de Utrecht. Notei,

Estudantes a entrada principal do Mc Mahon Hall

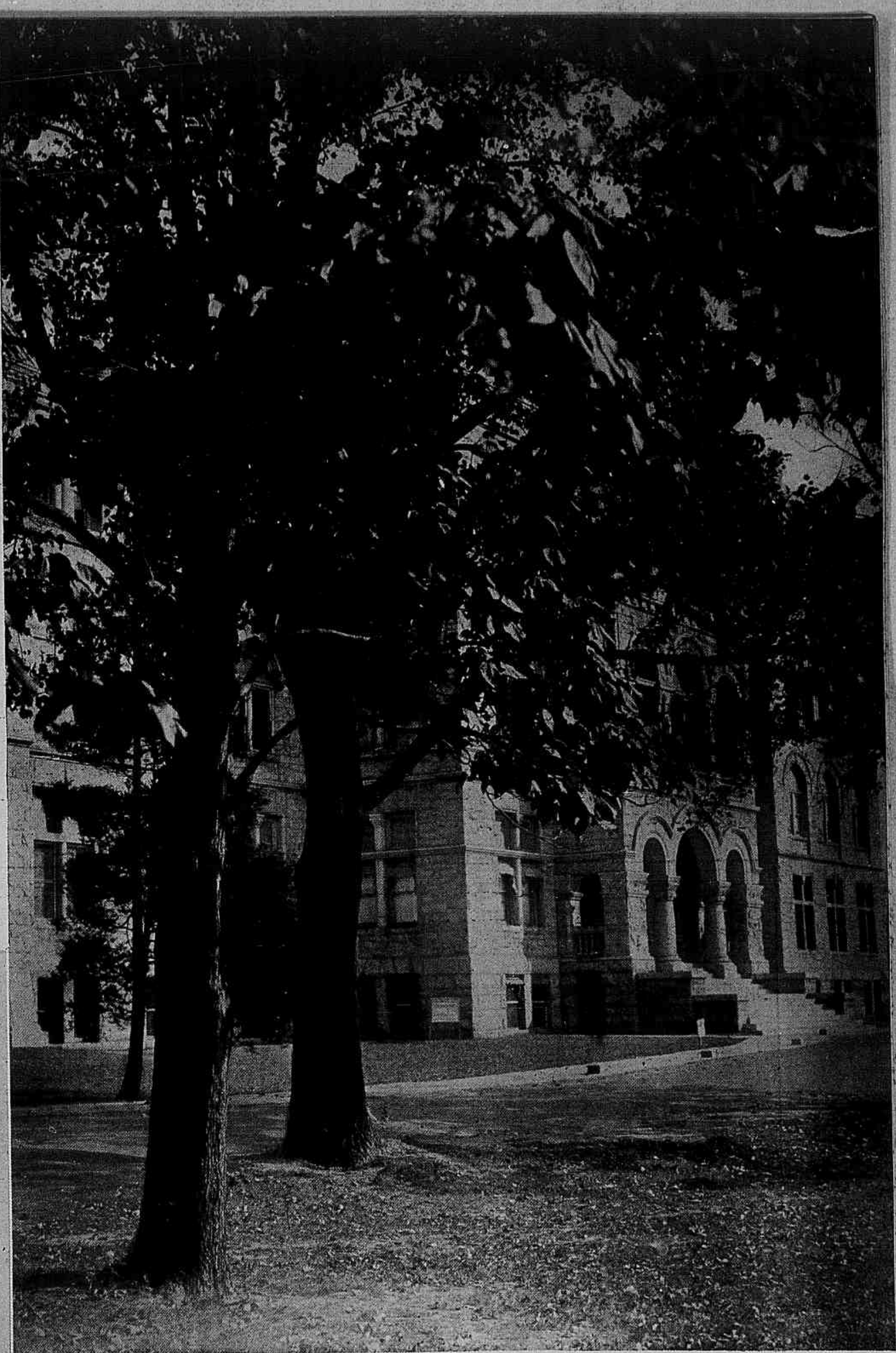


a este respeito, um manuscrito de "Cartas de Alexandre de Gusmão", outrora pertencente à coleção Judice Biker, arquivista do Conselho Ultramarino de Portugal, de relevante interesse, especialmente neste ano em que se vai comemorar o bicentário do Tratado de Madrid.

O leitor me perdoará, espero, essa indigesta exposição. Para poupá-lo, em parte, e, sobretudo, atendendo ao fato de que os documentos acima enumerados falam por si sós e tornam supérfluos os comentários, não me estenderei mais sobre o assunto.

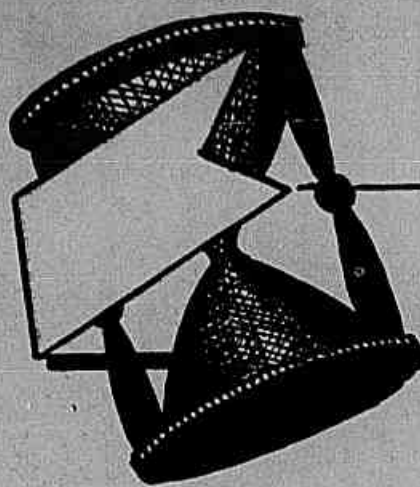
Aliás, é precisamente uma sensação similar, uma sensação de esmagamento que se experimenta ao tomar conhecimento das preciosidades ali existentes... de esmagamento, e de melancolia: poder-se-á, com certa margem de razão, argumentar que esta coleção contribui para a propaganda, pelos Estados Unidos, da nossa realidade cultural, de nossa formação histórica, das nossas gloriosas tradições; poder-se-á todavia, com mais razão ainda, julgar que, mercê de sua raridade bibliográfica, do seu conteúdo educador e do seu valor científico, tal biblioteca faz uma falta bem grande no Brasil. Muitos há, no Rio, em São Paulo, no Recife, que, em suas pesquisas, para a defesa de uma tese, para a elaboração de u'a monografia, para a va-

Residência dos estudantes



Edifício principal das aulas

lorização de um estudo histórico, sentem e sentirão a falta dessas obras — aqui manipuladas anualmente por uns sete estudiosos, e contempladas por uma dúzia de curiosos que, muito, ouviram falar que o Brasil produz café. Eis o motivo por que, meio entusiasmado, meio tristonho, fui atravessando o parque da Univeridade, de volta à minha casa, discutindo distraidamente antropogeografia com o Professor Coutinho e arquitetando hediondos planos de futuro, para surrupiar na biblioteca e remetê-la, via mala diplomática, para nossas bandas queridas.



ACONTECEU EM 30 DIAS

Depois de longos meses de expectativa, eis que surgem as candidaturas à presidência da Republica pelos dois maiores partidos politicos do país. E, felizmente para a segurança do regime democratico, os nomes indicados representam o que há de mais expressivo entre os valores novos que se afirmaram nestes ultimos vinte e cinco anos. Do tenente-brigadeiro Eduardo Gomes pode-se dizer que congrega uma boa parcela do eleitorado que vê na sua figura legendaria um motivo de grandes e fecundas esperanças da nacionalidade. Soldado e cidadão, ele se revelou, desde o episodio dos dezoito do forte, uma personalidade austera, animada de pro-

positos altos em beneficio da grandeza da Pátria. A União Democratica Nacional que o tem como o seu nome tutelar, não podia deixar de indicá-lo ao sufrágio da nação, porque é ele a sua flâmula de combate em favor das liberdades publicas no Brasil. Quanto a individualidade de Cristiano Machado, não é, a todos os respeitos, menor do que a do seu illustre antagonista. Trata-se, evidentemente, de um compatriota eminente, com um vasto tirocinio dos negocios do Estado, espirito ágil e voltado desassombradamente para a solução dos nossos problemas culminantes, e com uma folha de serviços notavel nos postos por que pas-

sou nestes ultimos tempos. Com semelhante candidato o Partido Social Democratico se impôs às simpatias coletivas. Cristiano Machado é, com efeito, um estadista revelado em obras que atestam o fulgor de seu merito. Mas, no ambiente carregado de sombras que o mundo atravessa, esses dois pretendentes ao governo da nossa Republica constituem razão de tranquillidade. Basta ver a elegancia com que se reeriram de entrada um ao outro, antes de abrir a campanha em que qualquer deles, vencedor ou vencido pela força do numero de votos, continuará a servir à terra de seu berço para orgulho de sua gente.

Durante a ultima guerra o nome do pastor protestante Niemoeller esteve em foco onde quer que se levantasse uma voz contra as barbaridades do nazismo. Metido num campo de concentração, de lá fazia irradiar os seus clamores de opposição aos metodos monstruosos da casta politica que se apoderara de uma parte da Europa e instituiu o imperio da violencia. Daí a simpatia com que foi acolhido em nosso meio esse religioso, cujos antecedentes só agora começam a surgir e pelos quais já não podemos manter por ele o mesmo interesse carinhoso. Antes de professar no protestantismo em ação de missionário Niemoeller exerceu atividade militar a bordo de submarinos.

Em mil novecentos e quatorze andou por aí a meter no fundo dos oceanos indefesos navios mercantes e concorreu para a pratica de negregandões atentados à civilização. Tais fatos começam a ser revelados com detalhes e não há como escondê-los. Mas, no caso de Niemoeller o que nos interessa mais nesta altura é a sua confissão à imprensa de que veio ao Brasil para organizar seiscentos mil alemães protestantes e mante-los vinculados à velha pátria européia. O numero citado pelo pastor impressionariam a quem desconhecesse a posição dos germanicos em nosso país. Entretanto, a verdade é que eles aqui não passam de sessenta ou setenta mil, se tanto. O resto da referencia é gente

nascida no Brasil, brasileira de direito e de fato, e que não precisa de ninguém que a venha unir. O Brasil deve olhar para essas cousas com mais atenção, a repelir os agentes que se distarçam sob o manto de uma força espiritual para com maior segurança trabalharem pela dissolução dos vinculos que prendem os individuos à terra natal. O que planeja esse cidadão não passa, em ultima analise, de uma replica do que antes se praticava com manobras equivoacas a serviço do pan-germanismo. Com os seus antecedentes de marinheiro lançador de torpedos o pastor Niemoeller é um lobo que nos aparece numa pele de ovelha...

No velho mundo, os povos trabalhados por mil vicissitudes seculares se acostumaram, de certo modo, a suportar sem queixas os sacrificios de alimentação impostos pela circunstancia. Nos tempos famosos da Comuna de Paris e antes, na guerra franco-prussiana, os franceses sofreram horrores e conta a historia que quando havia ratos para comer muitos se julgavam felicissimos e diante de uma mesa de banquete. No presente o racionamento da comida chegou a extremos inacreditaveis, e o que com ele se conseguia era apenas prolongar os suplicios da fome. Passada a catastrophe, porém, os povos cogitaram de reconstruir o perdido e vão rapidamente reconquistando o seu

conforto relativo, principalmente no capitulo do abastecimento. Essas cousas são recordadas porque aqui, onde a guerra não chegou aos trágicos aspectos que assumiu na Europa, em plena paz e sem razões aparentes, manifestam-se fatos que abalam a nossa sensibilidade e denunciam uma perigosa situação que merece ser observada por aqueles que governam e também pelos que comandam a máquina econômica. No Brasil, ou melhor, na nossa opulenta metropole, há famílias que há muito não conhecem o gosto ou o siquer o cheiro da carne bovina. Especula-se de tal forma com esse artigo de primeira necessidade, que aqueles cujos rendimentos não permitem

aventuras maravilhosas não vêm há muito em suas mesas modestas. Ainda recentemente, num processo de despejo, o official da justiça que devia cumprir o mandato viu-se em presença de um quadro dramatico. O inquilino defendia-se alegando extrema penuria. Quase não se comia no seu lar povoado de mulher e filhos pequenos. Estava o desgraçado a lamentar-se desse modo quando o meirinho, ao ver um assado cheiroso sobre a mesa tosca da cosinha, salientou: não é possível haver miséria e fome onde aparece semelhante assado. E' o gato do visinho, obtemperou o morador. Nós há muito que vivemos de comer os bichanos da vizinhança...

UMA VIDA PREDESTINADA

A vida e a obra dos grandes homens deveriam servir de incentivo e exemplo à mocidade que inicia seus primeiros passos em qualquer ramo científico ou em qualquer atividade ainda que seja para a subsistência própria e a da família. São raros os que tiram proveito da leitura de biografias dos ilustres sábios. A existência hodierna exige tão grande dispêndio de forças e a situação econômica é tão precária para a maioria que, em parte, é compreensível esse descaso aparente.

Há, no entanto, felizmente para a humanidade sofredora, os desprendidos e abnegados, dotados de irradiação Divina, que labutam em prol do bem-estar coletivo mesmo sem as verbas de auxílio.

Vital Brasil foi um desses.

Era privilegiado com os dotes de carácter, inteligência, sensibilidade artística e poética, alto senso de compreensão humana, estudioso, bom chefe de família e sobre tudo muito amigo de sua genitora. No meio de todas as lutas na sua mocidade ele sempre afirmava: "Mamãe, eu ainda vou levá-la à Europa"... E levou.

O Governo Federal resolveu recompensar seus esforços despendidos na descoberta dos séros anti-pestoso e anti-ofídico e concedeu-lhe o prêmio de vinte contos para uma viagem de estudos à Europa em '904.

Estamos, porém, avançando muito na sua vida de cientista reconhecido sem penetrarmos um pouco na fase de seus primeiros anos de infância e juventude.

Vital, o grande, quando pequenino também fazia das suas gracinhas, essas gracinhas que toda criancinha faz inconscientemente.

Seu pai, Manoel dos Santos Pereira, era tabelião e na infância de Vital, morava com sua esposa Dona Mariana Carolina dos Santos Pereira e família numa cidade onde ele tinha uma casinha modesta e alguns animais domésticos — entre eles — um belo burro que se chamava "Chibante".

Numa tarde de Domingo foram fazer uma visita, e Dona Mariana vestiu seu querido Vital com uma bonita roupinha nova.

A família amiga recebeu-os com vivas demonstrações de alegria e ao notarem a criança faceira e bem trajada, disseram-lhe: "Éta, Vital, você hoje está todo chibante, hein?"

E Vital de cinco anos fazendo beicinho, respondeu: "Chibante é o burro de meu pai!"

José Manoel dos Santos Pereira — não se sabe porque — cismava em não querer que seus filhos tivessem o nome de Pereira e davam-lhes o nome dos santos do dia e das cidades onde nascessem.

Em 28 de Abril de 1865, dia de São Vital, em Campanha no Estado de Minas-Gerais, nasceu Vital e ficou sendo Vital Brasil Mineiro da Campanha.

Seu irmão — o único que se criou a seu lado — nasceu em Caldas e foi chamado Oscar Americano de Caldas.

Suas irmãs que nasceram em Caldas tiveram o sobrenome de Caldas e as nascidas em Itajubá, tiveram o sobrenome de Do Vale de Sapucahy.

Após seus estudos primários na cidade de Caldas, Vital Brasil foi para São Paulo onde completou seus estudos de Humanidades e aí veio para o Rio ingressando na Faculdade de Medicina.

Estudando, conscio de seus deveres, jovem, ainda no início de seus estudos, foi nomeado, por concurso, preparador da cadeira de Fisiologia.

Afim de se manter e continuar com seus estudos, Vital Brasil foi condutor de bondes durante uma semana até que conseguiu um lugar de dirigente de um internato particular. O grande sábio levantava-se às cinco horas da manhã e, após a luta pelo ganho, para poder resistir e continuar nos seus estudos noturnos, mergulhava os pés na

água fria afim de vencer o sono e a fadiga. O tema escolhido para defesa de tese foi o "Baço". Dêsse brilhante estudo sobre as funções do baço, é que lhe provêio o título de "Fisiologista Emérito".

Vital Brasil concluiu seu curso em 1891, e em 1892 deu início à sua clínica na cidade de Botucatú em São Paulo, quando se casou pela primeira vez com uma prima em segundo grau — Maria da Conceição Magalhães, de Guaxupé. Ele com vinte sete anos e ela com quinze, sendo que ficaram noivos quando ela tinha ainda treze anos. Nesse tempo é que se revelou a vênica poética e romântica do grande cientista em formação. Havia poesia e sonho na troca de correspondência que fôra a base para dezenove anos de felicidade completa.

Dêsse matrimônio vieram treze filhos, sendo que o decimo terceiro enublou-lhe a felicidade; Vital perdêra ambos, o filho, e a esposa jovem ainda, vítima de sua maternidade. Dêste primeiro período restam sete filhos vivos.

Quando em Botucatú, entregou-se ao estudo dos venenos de cobras, aranhas, escorpiões, com o fito de um dia poder aliviar o sofrimento daquela gente simples que arriscava a vida no seu trabalho cotidiano nos campos e nas estradas pelos sertões.

Com sua tenaz força de vontade, e mesmo amor ao estudo para descoberta de séros que viessem beneficiar a humanidade, Vital Brasil, quando em Botucatú, conjuntamente com sua clínica, a qual, aliás, ele não gostava, dando preferência a trabalhos em laboratório, tomou coragem e gastou de seu próprio bolso cinquenta mil réis (que naquele tempo era uma fortuna) e comprou a primeira cobra venenosa com que ele deu início às suas pesquisas. Isto em 1896.

Vital Brasil entregou-se inteiramente a seus trabalhos, e nas suas viagens, comissionado pelo governo do Estado de São Paulo, contraíu a febre amarela por duas vezes. Logo depois, foi nomeado assistente do Instituto Bacteriológico de São Paulo.

Quando o cientista foi a Santos verificar alguns casos de peste bubônica, quasi no fim dos trabalhos de investigação, contraíu o mal. Deus, porém, quiz que ele fôsse o predestinado a zelar pela vida de creaturas e Vital curou-se para a felicidade de todos.

Para enfrentar as possíveis novas epidemias de peste, o Governo Paulista resolveu fundar um instituto do sêroterapia afim de poder atalhar o mal com a devida presteza, envez de ter de aguardar a vinda do precioso medicamento da Europa,

DALMIRA

que nunca era suficiente para abastecer os necessitados.

Verificando a ineficiência das hervas e, com seus estudos, a ineficácia do sêro de Calmet que só age nas picadas das serpentes da Índia, Vital Brasil, finalmente conseguiu o sêro antiofídico. Foi quando ganhou o prêmio de viagem a Europa de onde voltou em 1905, tendo publicado um trabalho sobre ofidismo que teve larga repercussão nos meios científicos Europeus.

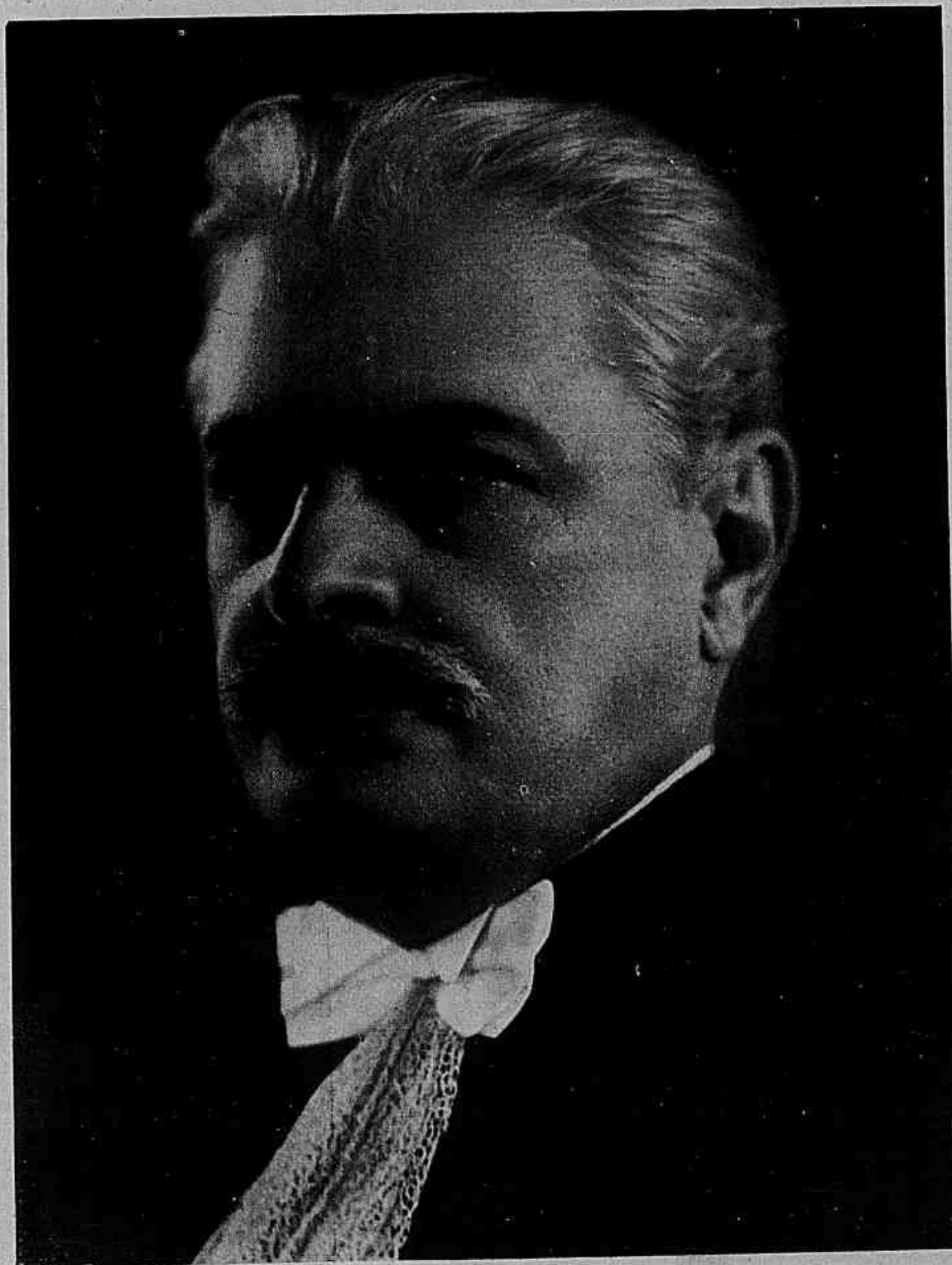
De volta ao Brasil, nosso querido cientista recomeçou seus estudos antiofídicos, e deu início ao preparo do sêro antidiftérico no nosso país.

Entregou-se também, ao estudo sobre disenteria, triatomas, moscas, veneno das aranhas, escorpiões, sobre os estafilococcus e estreptococcus e vacinas em geral.

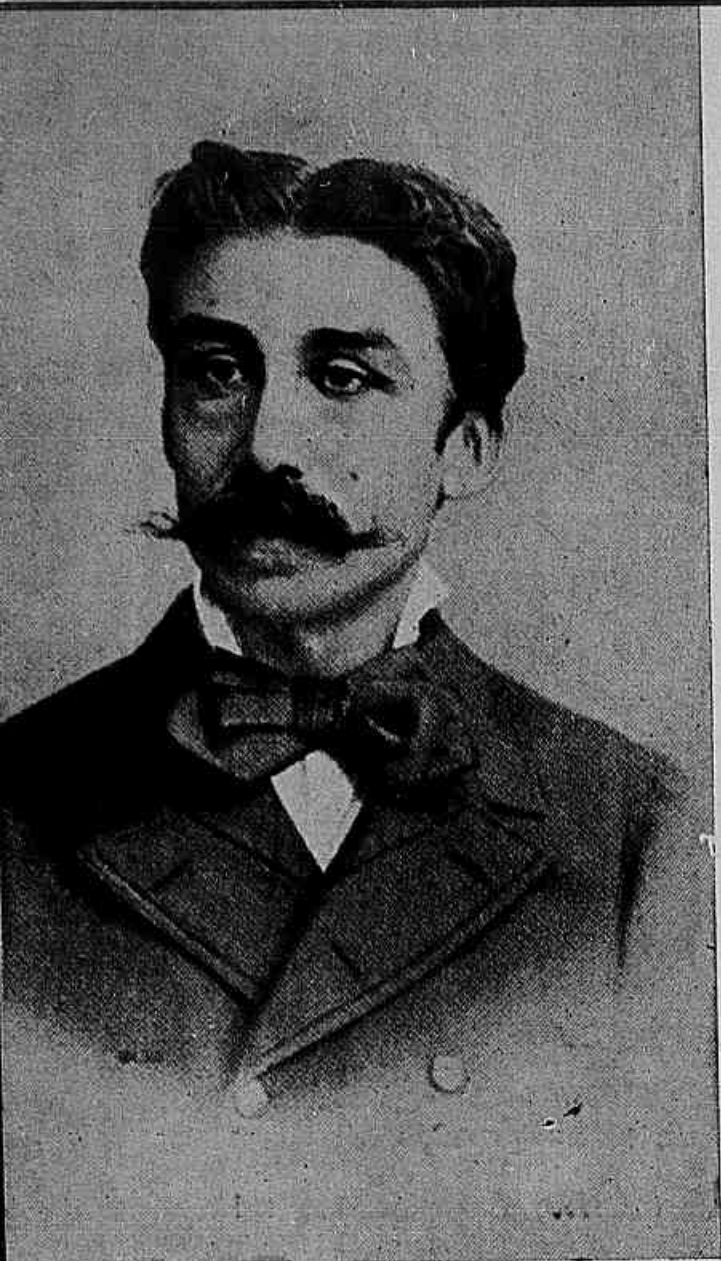
Em 1915 foi convidado a representar o Brasil no Congresso Pan-Americano de Washington que foi interrompido por um surto de gripe que atacou alguns dos congressistas. Quando já regressava, em New York, apresentou-se-lhe a grande oportunidade de comprovar a eficácia do seu sêro antiofídico.

Tendo ido a uma excursão científica oito dias antes de partir, suas filhas Vitalina e Alvarina aguardavam-no com ansiedade no Hotel, pois o Consul brasileiro, naquela ocasião, procurava o cientista com insistência

(Continúa no fim do número)



Vital Brasil



Pedro Américo, (1888)

PEDRO AMÉRICO,

MILIONÁRIO DE GLÓRIAS

CARLOTA CARDOSO DE OLIVEIRA

Há muitos anos, em Abril, no ano de 1843, nascia em Areia, então Província da Paraíba, uma criança destinada a ser prodígio, Pedro Américo de Figueiredo, filho de Daniel Eduardo de Figueiredo, e de D. Feliciano Cirne.

Teve três irmãs, e três irmãos entre os quais Aurelio de Figueiredo, também pintor, seu discípulo, predileto, autor de muitos quadros, sobressaindo o do "Baile da Ilha fiscal", que se encontra no Museu Histórico.

Desde tenra idade demonstrou Pedro Américo ser uma criança de anormal inteligência, tendo sido o lapis o seu primeiro brinquedo. Entretinha-se também, horas a fio, examinando estampas, figuras, ou modelando curiosas formas de bonecos ou outros, com miolo de pão. Tantas aptidões demonstrou, que aos 10 anos de idade, chamou atenção de uma comissão de cientistas que passou por Areia, e foi contratado pelo naturalista francês, Jacques Brunet como desenhista oficial da expedição que durou vinte meses, e que o levou a viajar por toda a Província da Paraíba, por parte de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí, sofrendo os maiores desconfortos e privações. Quantas vezes, internados por lugares inexplorados, nem alimento encontravam, passando noites em claro, assustados pela visinhança de cobras e onças, cujo ronco os horrorisava, e pelo tormento indizível da sede que os levava a chupar troncos de cardos e cordex de arbustes ressecados.

Dos bons serviços prestados, teve porém a recompensa, e foi, mais tarde, recomendado, por Jacques Brunet, ao Governo Imperial que tomou o encargo de educá-lo, e matriculou-se no Colégio D. Pedro II, tendo-se tornado aluno dos mais brilhantes na Academia de Belas Artes onde ganhou tantas medalhas que ficou conhecido pelo apelido de "papa medalhas."

Aos 11 anos de idade, já manejando o lápis com maestria, pintou, olhando-se num espelho, o seu auto-retrato, verdadeira jóia da coleção Cardoso de Oliveira.

Estudou também na Academia de Belas Artes de Paris, bacharelando-se em ciências naturais na Sorbonne, e depois em Bruxellas, tendo viajado por quase toda a Europa e pela África.

Foi, durante curta estada em Lisboa, quando se hospedou na residência de Porto Alegre, Consul Geral do Brasil, que se realizou o seu casamento com uma filha deste, Carlota, tendo deste enlace nascido três filhos: Carlota, minha Mãe, Eduardo e Pedro Américo, que faleceu ainda muito criança.

Jamais se expandiu a grande atividade de Pedro Américo como durante a sua estada no Rio de Janeiro para onde partiu logo depois do seu casamento, tendo sido esta uma quadra penosa na sua vida, principalmente pela falta de recursos pecuniários, e foi então que teve a gloriosa inspiração de pintar, em menos de um ano, a Batalha de Campo Grande, enorme tela de seis metros de comprimento, por quatro de altura. Este quadro consolidou a sua reputação como pintor histórico, e entre os muitos atributos de apreço de que foi alvo, a que mais lhe tocou a sensibilidade, foi a oferta da linda coroa de ouro e pedras preciosas, maravilhosa peça de ouriveraria, por admiradores da Academia de Belas Artes, perante um numeroso público.

Tão grandes glórias não podiam, porém, passar despercebidas aos seus desafetos que espalharam boatos malévolos afim de indispor o pintor com o Governo Imperial, mas que não alcançaram o seu designio, pois o Governo, reconhecendo o talento de Pedro Américo, contratou com ele a confecção de uma tela comemorativa de qualquer grande fato histórico brasileiro, que aliás foi sempre o assunto de predileção do artista. Incentivado por essa grande honra, produziu, pois, depois de meses de febril atividade, o esboço da Batalha de Avaí. Mas uma das cláusulas fundamentais do contrato era que, ao ser julgado o quadro por profissionais, e avaliado, fosse o autor obrigado a restituir a diferença, caso fosse o preço avaliado menor ao estipulado. Bastaria semelhante ameaça injusta para demonstrar, ao já desiludido artista a conveniência de retirar-se para outro meio, para a Europa, em

cujos centros, mais criteriosos, preferia ser julgado. Tendo obtido do Governo uma licença por motivo de séria doença, que justamente o acometeu naquele momento, e com apenas um pequeno ordenado de professor da Academia, e a quantia de seis contos para as despesas com a confecção da tela, partiu Pedro Américo para Lisboa, sendo carregado, em maca, até a bordo, tão precário era o seu estado de saúde. Melhorando sensivelmente durante a estada em Portugal, dirigiu-se, então, a Florença, em busca do local mais apropriado para a execução do grande quadro.

Naquêle berço das artes, e pátria de tantos gênios imortais, foi recebido de braços abertos, hospedado gratuitamente, e cercado das mais altas considerações. A Municipalidade, compreendendo o alcance da obra de Pedro Américo, prontificou-se para tudo que precisasse o artista. Escolhido por ele o local conveniente para o trabalho, foi, em pouco tempo, a vastíssima sala da Biblioteca do Convento da Santíssima Anunziata, de onde foram removidos 40.000 volumes, transformada em grande atelier no qual estendeu o pintor a sua imensa tela de quase onze metros de comprimento, por seis de altura, onde surgiria, quatro anos mais tarde, o grandioso quadro.

Nêle aparecem 400 figuras, entre as quais a do próprio autor, sentindo-se, de modo impressionante na multidão aí representada, o ódio, o movimento, a dor, e o entusiasmo. Depois de pronta foi a tela inaugurada por D. Pedro II que se encontrava de passagem por Florença, e visitada, no curto espaço de dezoito dias, por mais de 100.000 pessoas. Será

Daniel e Absag



impossível descrever a repercussão que teve a fama deste notável quadro que foi avaliado na quantia de 135 contos, mas pelo qual apenas lhe pagou o Governo brasileiro, 40 contos!

Tornou-se o artista tão popular com esta obra na Itália, que o seu retrato encontrava-se em todos os lugares públicos, tendo sido considerado, pela imprensa mundial um "produto extraordinário do espírito humano", e o seu autor um "Benemérito da Pátria."

Falemos ainda do "Brado do Ipiranga", em "Proclamação da Independência", um dos quadros mais populares do grande mestre, e que alcançou quase a mesma fama da "Batalha de Avaí", representando com a maior exatidão da cor local, a colina histórica em cuja falda corre o Rio, Ipiranga. Nesta tela todas as figuras são retratos, alguns copiados de gravuras antigas, outros compostos pelo próprio autor, segundo estudos e indicações. No alto aparece D. Pedro I dando o célebre Grito

de "Independência ou Morte". No primeiro plano vemos os Cavalheiros da Guarda do Príncipe arrancando das fardas as insígnias portuguesas. À esquerda, um comendado, admirado, contempla a cena.

É o quadro mais divulgado, figurado até nas notas de Banco, em selos do correio e cadernos escolares. A exposição do quadro foi um verdadeiro acontecimento social, pela circunstância anormal de se encontrarem, casualmente de passagem, naquele momento em Florença, além do Imperador do Brasil, que o inaugurou, 7 personagens reais: as Rainhas Vitória da Gran Bretanha, a da Servia, os Reis da Suécia e de Wurtemberg, e 3 outros Príncipes.

Seria impossível falar aqui de todos os quadros de Pedro Américo, e destacarei apenas os seguintes:

"Menina Espanhola de 1600". Pintura de tamanho natural, que teve por modelo os traços da filha do pintor, Carlota, e que figura na coleção da família Cardoso de Oliveira, em exposição na Residência da mesma.

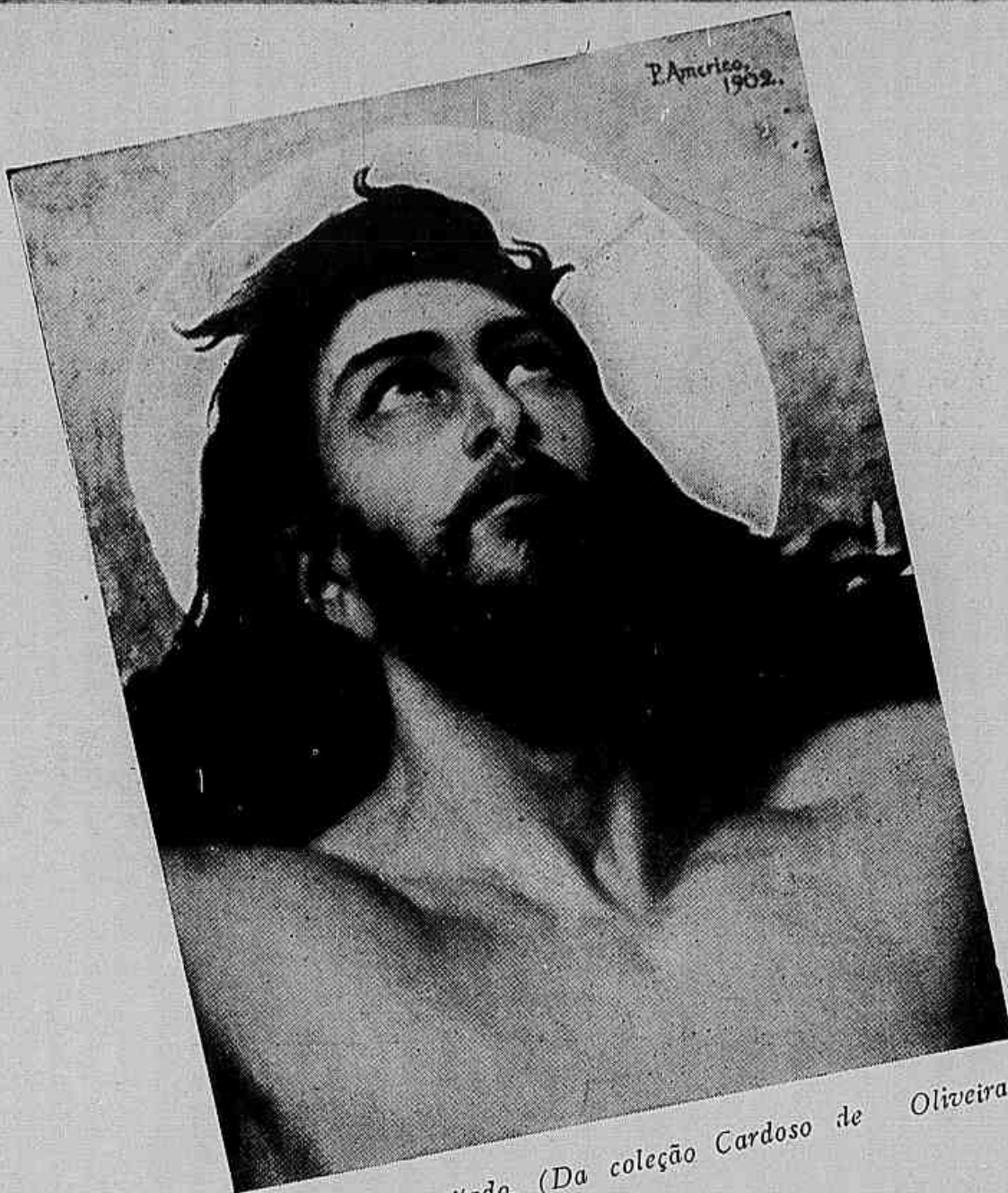
"D. Catarina de Ataíde", Dama da Corte de D. João III, tão cantada por Camões, de dimensões de tamanho natural, reproduzindo os traços da esposa do pintor, e que se encontra no Museu de Belas Artes.

"A noite acompanhada dos gênios do Estudo e do Amor". Tela de grandes dimensões, exposta no Museu Nacional de Belas Artes.

"Hamleto", da coleção Cardoso de Oliveira, e para a execução do qual lhe serviu de modelo o seu filho, Eduardo.

As três magníficas cabeças de "Cristo vivo, Cristo morto, e Cristo ressuscitado" também da coleção Cardoso de Oliveira.

"Paz e Concórdia". (Alegoria da Civilização). Quadro de grandes dimensões, pintado em 1900, e visto no Palácio Itamarati. Obra das mais sugestivas, e de imaginação fantástica. Diante do templo da Paz e Concórdia, em cuja entrada vê-se a reprodução do painel do Ipiranga, desfila um grande cortejo, representando a sociedade antiga encontrando-se com outro representando a sociedade moderna. Mais abaixo, no topo da escadaria, um coro de vestais entoa um hino de Paz, enquanto a Nação Brasileira inspirada pelas duas tradições, cristã, e pagã, e cercada pela Glória, segue o caminho iluminado pela Civilização, e recebe as homenagens das Nações principais, à testa das quais,



Cristo Ressuscitado. (Da coleção Cardoso de Oliveira).

se avança a americana da Norte, como a mais esclarecida ou a mais forte do Continente americano.

O gênio do Mal rola por terra quebrando a espada inutilizada pelo triunfo da Justiça.

O célebre quadro "Tiradentes esquartejado", e que se encontra no Museu Mariano Procópio de Juiz de Fora. Foi pintado em 1893, sendo um trabalho dos mais impressionantes, executado em doze dias apenas. Representa, ao vivo, o Mártir da Independência Mineira, com o tronco do corpo sobre a mesa, e o braço direito caído. Ao lado da cabeça, decepada, um crucifixo.

Ao contemplar este quadro, sente-se o visitante profundamente impressionado, parecendo reviver

D. Pedro II





A Proclamação da Independência do Brasil. (Museu de Ipiranga).

o horror de um dos maiores atos de injustiça da história!

Citarei ainda "A primeira Culpa", "A Leitura", "O Noviciado", fazendo parte da grande coleção Cardoso de Oliveira.

Efetou-se no Rio de Janeiro, em 27 de Maio de 1891 o casamento da filha de Pedro Américo, Carlota, dando-se nesta ocasião, singular coincidência. Vindos, a família da Europa, e o futuro noivo, Dr. José Manoel Cardoso de Oliveira, da Bahia, até aí mutuamente desconhecidos, hospedaram-se casualmente numa antiga casa de pensão a Rua Lavradio, onde se conheceram, tendo ido a recém chegada ocupar, ao lado do quarto dos pais, o aposento que, a pedido da dona da pensão, fôra cedido, poucos dias antes, pelo futuro noivo que se instalou no andar terreo, justamente no mesmo quarto onde nascera a noiva durante uma estada anterior dos seus pais no Rio de Janeiro.

Teve esse feliz casal a ventura, pouco comum, de poder celebrar, em 1941, as suas Bodas de Ouro na mesma Igreja, Santo Antonio dos Pobres, onde se realizára o casamento, rodeado das filhas, Virginia, Carlota, e Lydia, casada com o Capitão Elmir de Mello Feijó, encontrando-se apenas au-



Paz e Concórdia. (Palácio Itamarati)

Carlota Cardoso de Oliveira



sente, Maria Clara, casada com o Conselheiro Oscar Pires do Rio, e mãe de três filhos.

Depois do casamento da filha diletta, foi o desejo de Pedro Américo, e da Espôsa ficarem definitivamente no Brasil, mas, à conselho médico, por terem-se agravado súbitamente os padecimentos do pintor, tiveram de regressar, saudosíssimos, para Florença, de onde escreveram ao genro, meu Pai, em carta, o seguinte trecho: "Mais uma precária saúde, e o clima do Rio, que me tem sido vez fui tentar uma reconciliação entre a minha tão nefasto, mas o quarto ataque de beriberi lavrou-me uma cruel sentença de banimento."

Além de pintor, foi ainda Pedro Américo Deputado pela Paraíba, no 1.º Congresso Constituinte depois da República, onde foi paladino de grandes causas artísticas, entre as quais a fundação do Museu de Belas Artes independente da Academia. Foi também escritor, autor de várias obras notáveis profissionais e científicas, e dos livros: "O Holocausto", romance filosófico, e "Amor de Espôso", narrativa histórica, e outros.

E eis, aqui representado, em largos traços, o homem tão justo, corajoso, e sensível, cuja vida procurei narrar, poupando-lhes, todavia, a penosa descrição dos seus sete últimos anos de existência, cheios dos maiores sofrimentos pela escassez de

recursos materiais, a pertinaz moléstia, e a quase cegueira que o tornaram um verdadeiro mártir. Faleceu na poética Florença, que tanto amou, a 7 de Outubro de 1905, tendo sido o seu corpo, embalsamado, remetido por ordem do Governo do Brasil, para o Rio de Janeiro, e daqui para a Paraíba, e depois para Areia, sua terra Natal. Não teve o consolo de tornar a vêr a filha, e o genro, ausentes em Londres, ocupando então, meu Pai, o cargo de Secretário do Brasil e que só puderam chegar a Florença algumas horas depois do desenlace.

Foi celebrado, em 1943, por todo o Brasil, especialmente em Areia, o Centenário do seu nascimento com grandes manifestações de apreço e respeito.

E nesta data do seu nascimento demos também um tributo de admiração, gratidão, e louvor, a Pedro Américo, que modestamente se denominou o "Solitário de Florença", mas que, para nós, seus patricios, foi um "Milionário de Glórias", e que, do Além, nos vê, aqui reunidos nesta luminosa manhã, confortado e jubiloso pela homenagem que lhe prestam, ouvindo com tanta atenção, e benevolência a leitura destas páginas, e o relato da sua vida que pode resumir-se nas seguintes palavras: amar, lutar, criar e vencer!



P. Americo.

Figurino

1885

A NOITE COM OS GENIOS

ALVARO DE ALMEIDA

JOIAS DO PENSAMENTO BRASILEIRO

SELECIONADAS POR DE MATTOS PINTO



Não fazer nada é a melhor maneira de se sentir a gente envelhecer, morrer!

Acredita que o campo brasileiro será eternamente triste, si a mulher educada que o habita não se interessar pela sua fartura, a sua poesia, dando ao pessoal inculto que o rodeia exemplo de carinho, de atividade, de amor à natureza, levando-o assim na esteira da sua inteligência para um futuro melhor.

A ambição do dinheiro é a manivela que, inconscientemente ou conscientemente, nos faz dansar a todos.

... sei de que milagres é capaz a inteligência e a energia das mulheres obrigadas a atuarem por si.

... o mato, como o mar, é muito lindo para quem o vê de fora...

O nosso mato é hispido, é tristonho, é gerador de tédio; não há poesia, não há versos de descantes, não há música, não há dansa, não há mocidade, e não há risos no povo que o habita, e com o qual somos obrigados a conviver.

Enquanto no Brasil toda a gente pensar como tú, isto é, que o lavrador não precisa de inteligência nem de educação, o nosso campo servirá apenas de fonte de riquezas — para os outros.

A nossa natureza interrompe a cada passo a marcha do homem, com os seus rios profundos, as suas montanhas quasi inacessíveis e os seus precipícios temerosos, obrigando — a caminhar em linhas sinuosas.

Nós temos o hábito de economias mesquinhas, dando a tudo que fazemos o ar de provisório, sem cogitarmos em que esse sistema nos acarreta dificuldades e grandes despesas futuras...

Guerreia a política e pode, até ao berro e á vociferação, os melhoramentos para os quais contribuis bem pesadamente.

Sê gente e lembra-te de que o luxo não é só apreciável quando serve para embelezar o noso corpo, mas também a nossa vida, pondo uma nota de rio e de sedução em tudo o que nos rodeia.

A prática a vida material não se perde nada em entrelaçar a haste de um sonho...

Que mundo de idéas e de sentimentos o trabalho e a natureza despertam em nós!

Todas as grandes propriedades rurais deveriam ser obrigadas a manter uma escola, auxiliada ou não pelo governo dos Estados respectivos.

Difundir o gosto pela poesia e pela música é, podes crê-lo, um serviço urgente no interior do nosso paiz, onde o povo é propenso à tristeza, quando não é indiferente.

Para todas as agonias e desfalecimentos morais há um único remédio: — o trabalho.

Não nos cansmos de procurar transmitir aos nossos camponeses o sentimento de tudo o que há de mais belo e de melhor para o aperfeiçoamento do seu espírito e do seu caráter, tão bisonho e amargurado...

A inteligência do povo brasileiro, digo do povo trabalhador de enxada e alfabeto, precisaria de uma certa elucidação preparatória, que não procura nem ninguém lhe oferece, porque vive arredado de todos os favores e de todas as escolas.

Ensinar a dansar com ritmo, com elegância, é concorrer não só para o pitoresco da vida como para a harmonia das mais belas qualidades humanas, tando à beleza do pensamento e ao encanto da voz a graciosidade do gesto.

Todos os pazes têm as suas dansas campezinhas, os seus descantos, os seus sapateados. Nós não, porque o *samba* é africano, e além de africano — so-turmo. As melopéas do *samba*, belíssimas às vezes são de uma melancolia profunda, que faz mal à alma que as escuta...

Na cidade é preciso fingir, fingir a todos os momentos, dentro de casa como na rua, de dia como de noite. É a exigência que faz de nós 'a sociedade, que incorre em todas as faltas, mas não perdoa nenhuma...

Velhice não geur dizer esterilidade nem abandono. A mulher sã de corpo e alma, chegada a essa hora que intimida os fracos, encontra na experiência adquirida nos seus anos de mocidade e de idade madura poder para executar grande obra de piedade e de regeneração.

Há sempre muito que fazer na vida e a nossa última quadra não é com certeza a menos produtora.

... é preciso ter coragem e não dissipar inutilmente as forças afetivas da nossa alma... Guardemos sempre um pouco das nossas energias para o que há de vir.

Nem só de pão vive o homem. Planta árvores de flores... Abençoadas mãos, que não desdenham ocupação nenhuma! É bom saber de tudo...

Não há nada digno de nossa atenção, na maravilhosa natureza em que vivemos e de que vivemos.

... em toda a criatura há uma alma, e em toda a natureza um apêlo de amor e de harmonia universal.

Na verdade, bem pensado, não há povo que menos saiba aproveitar as dádivas da natureza do que o povo brasileiro...

... a idéia de que muita pobre gente deixa de apreciar um bem apreciável e ao seu alcance, faz-me mal aos nervos.

Nem de mais, nem de menos é, aliás, o preccito aplicável a todas as cousas que devem ser feitas com inteligência.

Não é justo que um lavrador peça tudo à terra e nada lhe dê.

A poesia é a arte em que a alma mais expande e em que, desde o germinar das sementes no fundo do chão até ao remulizar das estrêlas no céu infinito, toda a natureza palpita e é bela e é compreendida.

... a bondade é o melhor apanágio da mulher.

Há sempre muito que fazer na vida e a nossa última quadra não é com certeza a menos produtora.

Cada cabeça, cada sentença; cada alma, cada sentimento.

O luxo tem a sua inteligência misteriosa, um fio invisível e inquebrável que nos prende às belas cousas que nos rodeiam.

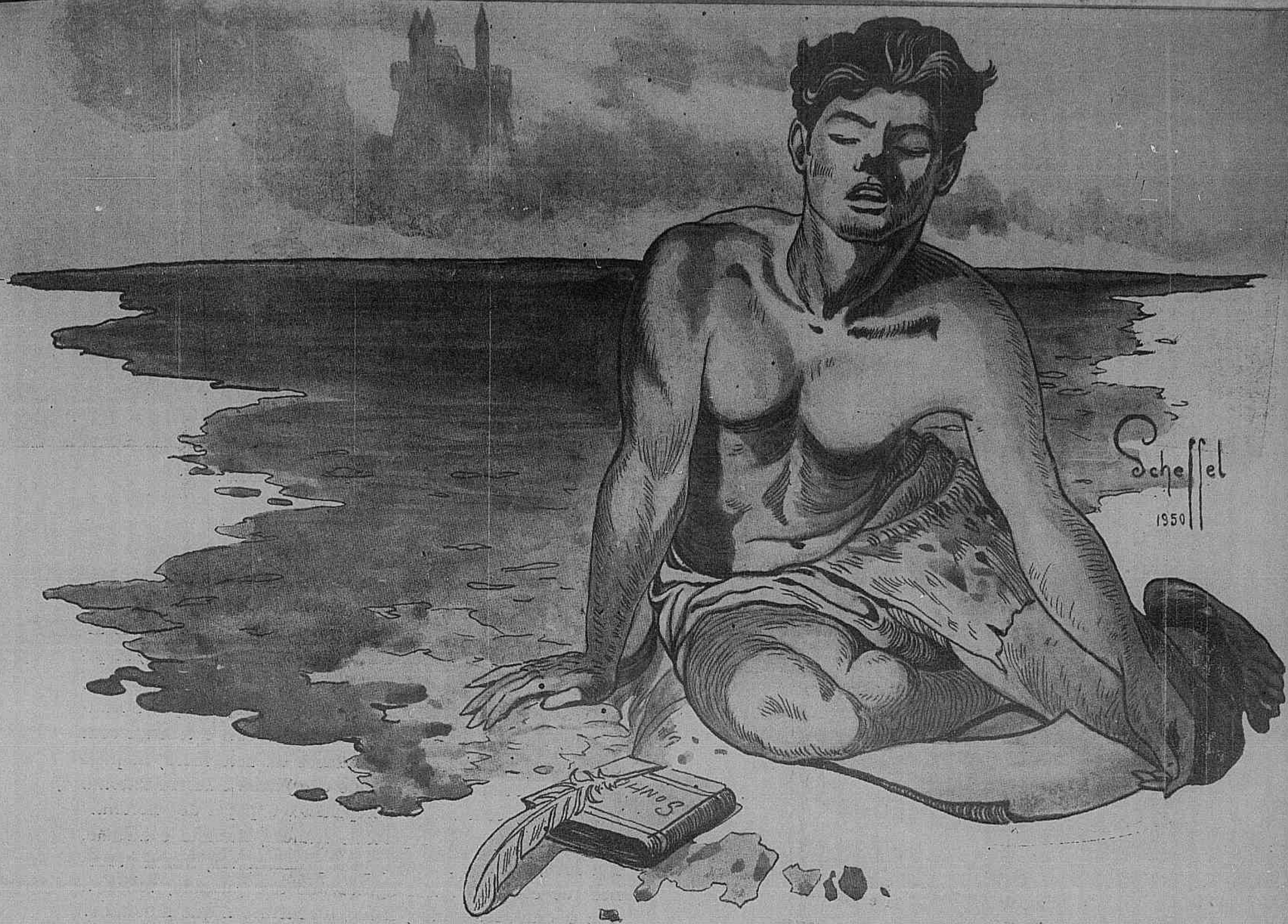
... é preciso não desanimar nunca, e tirar partido para o bem, dos próprios mãos elementos de que dispomos.

Aprendi que o prazer de crear sobrepuja todos os outros que possamos ter no mundo.

... na nossa vida do campo há tudo por criar.

As idéas não param. É preciso acompanhar o tempo, e não ficar anquilosada num meio que se agita.

JULIA LOPES DE ALMEIDA



PAGINAS ANTIGAS

OS VINTE E CINCO IRMÃOS

Tens aqui vinte e cinco irmãos, disse a velha, mostrando-me, na cartilha, as letras do alfabeto. São muitos amigos, trabalham juntos e, num instante, como os gênios das histórias, realizam os maiores prodígios. Queres ver? Imagina que precisas de um instrumento para revolveres a terra do jardim. Logo um dos irmãos, o **p**, avança, colocando-se à esquerda de uma das irmãs, o **a**, e tem o que desejas.

E a velha encarou-me interrogativamente, sorrindo, e eu, pela mussitação dos seus lábios, disse com alvoroço, como se tivesse adivinhado:

— Pá!

— Então? exclamou a velha vitoriosa. Agora quero uma flor e quatro irmãos acodem com ela em triunfo. Vem, o **r**, logo em seguida o **o**, depois o **s**, e finalmente o **a**. Que flor é essa? Ro...

E eu concluí contente:

— Rosa!

— Vês? E tudo o mais é assim. Agora que já possuo o segredo vê se obténs o que vou pedir. Quero um **rei**, um **palácio**, um **carro** e um **tambor**.

Dorri para o meu quarto, tranquei-me por dentro com a cartilha, que era o meu talismã, e, pouco depois, sai com tudo que me pedira a velha, tendo apenas um erro no palácio, no qual pusera um **s** em vez de um **c**.

Consertado o edifício atirei-me a construções mais complicadas e a velha, que era exigente, pediu-me um jardim com flores, um bosque, o céu estrelado e o mar e eu tudo obtive dos vinte e cinco irmãos.

Depois ela ensinou-me a invocá-los com a pena, que ela chamava a "varinha de condão", e era só eu pensar e logo o meu pensamento aparecia escrito no papel.

E assim comecei a construir castelos de sonhos e tanto gosto tomei por obras tais que outra coisa não tenho feito em toda a minha vida.

Por que me havia de aparecer essa velha que me tirou da ignorância dando-me poder sobre os vinte e cinco irmãos? Eu vivia feliz antes de conhecer e se os irmãos não houvesse conhecido seria, sem dúvida, tão rico como certo milionário (que, nesse tempo, era do meu tamanho, andava rito e descalço) com quem, muita vez, reparti o pão de rala da minha merenda e que hoje ri dos meus castelos que se desfazem no ar, como as riquezas das histórias maravilhosas, que não são mais que palavras.

Devo toda a desventura da minha vida ao segredo que me transmitiu a velha, que era, decerto, feiticeira má.

Não fôsse ela e eu hoje seria tão feliz como o ricoço que conheci menino, andrajoso e faminto que, por não ter quem lhe construísse castelos no ar, construindo-os, ele próprio, de boa pedra, em chão firme.

COELHO NETO



Madame Leblanc, quando falava à "Ilustração Brasileira".



Neste ensaio de "Fausto", um único intérprete não se caracterizou...

UMA GRANDE MESTRA DE "MISE-EN-SCÈNE"

Ensaio de "Taïs". Taïs, Nicias, Atanael, os escravos Crobyle e Myrtale.



Madame Emma Leblanc, Papin, contratada, pelo Teatro Municipal do Rio de Janeiro, como professora de "mise-en-scène" de óperas, é, sem dúvida, uma notável artista. Francêsa de nascimento, pois nasceu em Paris, respirando aquela velha atmosfera espiritual em que, também, respiraram, em outros tempos, Fragonnard, Chopin e Baudelaire, ela fez seus estudos musicais, vocais e teatrais com os maiores mestres contemporâneos da arte lírica, naquele país, como Jean Bourbon, André Chuystens e Pierre Cherau. Interpretou, com brilho excepcional, o papel de "heroína" em várias peças do repertório francês, italiano e alemão. Em 1948, esteve no Brasil, pela primeira vez, numa "tour-née" de concertos. Em agosto do ano passado, voltou a esta Capital, realizando, então, o contrato a que aludimos. Durante um dos ensaios da ópera "Werther", no Teatro João Caetano, perguntamos a Madame Emma Leblanc Papin se havia descoberto entre nós verdadeiros talentos e vocação para o "bel canto". E a grande orientadora de "mise-en-scène", sorrindo, silenciosamente, tomou de uma caneta e de uma folha de papel que ali se encontravam, por acaso, sobre uma secretária, e escreveu a sua resposta, em algumas linhas. Eis-la, textualmente, em francês:

"J'ai trouvé au théâtre Municipal des éléments artistiques vraiment remarquables. Les artistes qui ont accepté de travailler avec moi les opéras français m'ont donné de très réelles satisfactions. Leurs voix sont très belles, les talents très sûrs, soutenus par l'intelligence, la sensibilité et la subtilité musicales qui en même temps que des chanteurs en font de bons acteurs. En plus de toutes ces qualités réunies, l'atmosphère amicale de sympathie dont je suis entourée par eux mêmes rendent le travail très agréable en même temps que très intéressant. Je sens chez eux un très réel désir de perfectionnement artistique, et les immenses progrès leur assurent dès maintenant beaucoup de succès auprès du public de Rio. Ces progrès et ces succès, iront j'espère en se confirmant, et de tout mon cœur, j'ai le seul désir de rester près d'eux pour continuer une si parfaite collaboration artistique. Les artistes nationaux brésiliens sont de grands artistes que j'aime beaucoup. Emma Leblanc Papin".

Como se vê, os artistas brasileiros estão de parabéns. De

fato, eles, apenas, precisam de amparo e estímulo, e isso é o que o senhor Prefeito do Distrito Federal lhes tem proporcionado, abrindo-lhes as portas do Teatro Municipal e entregando-os à dedicação e à experiência da grande técnica da cena lírica francesa.

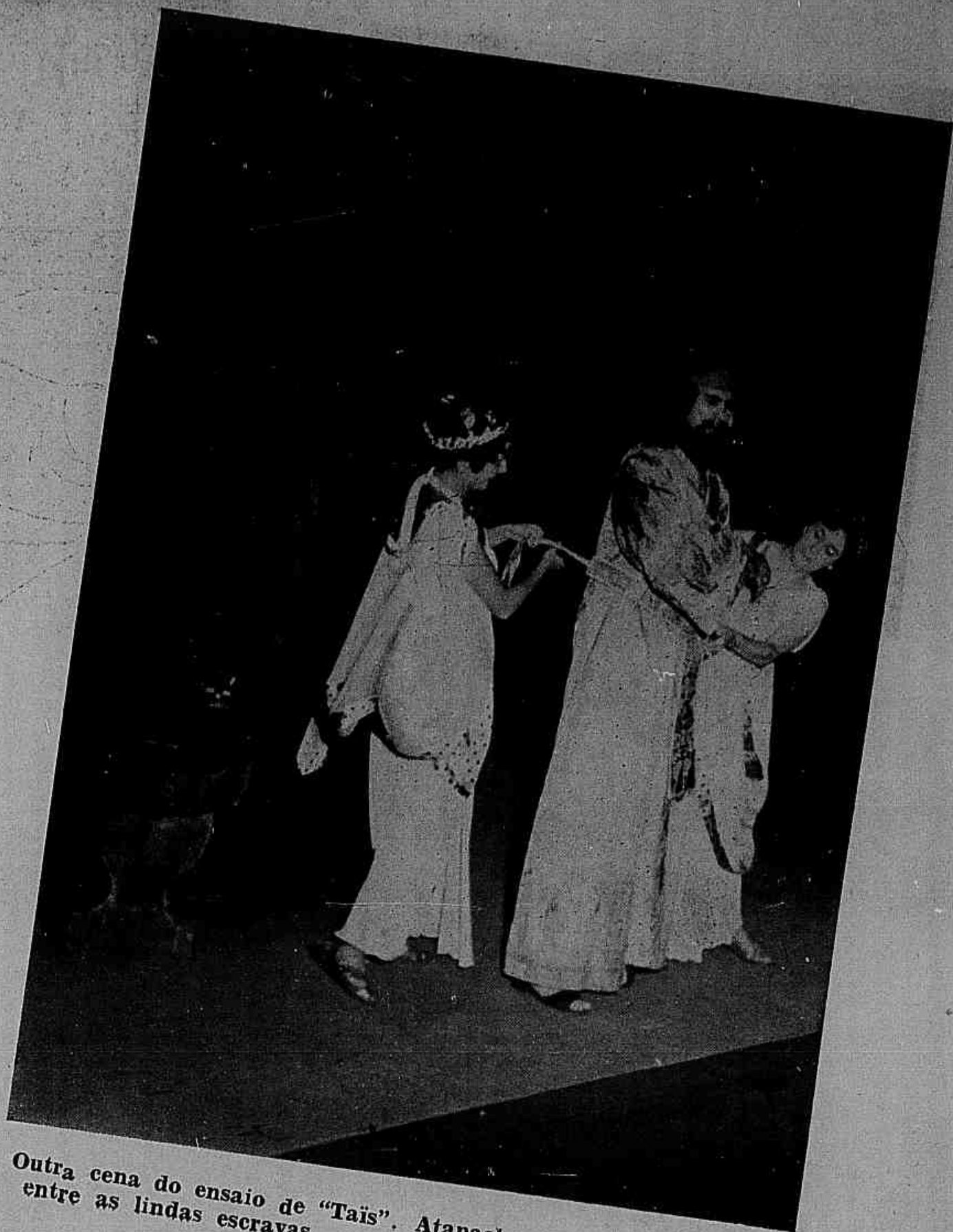
Interrogada, ainda, sobre se os seus discípulos brasileiros são tenazes e pacientes, com uma exata compreensão dos sacrifícios que a sua arte impõe aos que a seguem de corpo e alma, com o desejo de vencer, Madame Emma Leblanc Papin teve um lampejo nos olhos azuis, fazendo-nos pensar num reflexo do céu parisiense, tão sereno, visto da ponte Dauphine, para os lados do "correfour de Bont des Lacs" no Bois de Bologne. E disse-nos, novamente:

— Os brasileiros têm todas as grandes qualidades dos outros povos civilizados, e, decerto, não deixarão de possuir esses predicados tão necessários ao seu aperfeiçoamento artístico.

E, sorrindo sempre, com o seu olhar palpitante de sinceridade — um olhar puro de menina que brinca de roda — apresentou-nos a senhora Lourdes Vallier, maestra ensaiadora do Teatro Municipal, que acabava de levantar-se do piano, vindo ao nosso encontro.

E' uma grande colaboradora minha — acentuou, pousando a mão sobre o ombro da recém-chegada.

— Sim — respondeu esta, imediatamente. — Colaboro muito com Madame Leblanc, porque trabalhar com ela é um motivo de alegria para mim.



Outra cena do ensaio de "Taïs". Atanael entre as lindas escravas...

Durante um ensaio de "Fausto".





Era aquele momento crepuscular que os habitantes de Tóquio denomina "a hora do galo". Daí a pouco seria noite. Nara tratou, pois, de terminar o seu penteado, um alto e lindo "shimada", com muitos pentes de tartaruga e marfim, descruzou as pernas de cima do seu banquinho de laca, e, ajeitando um galho de flores de cerejeira no espelho do seu toucador, dispôs-se a vestir o seu "kimono" pintado de asas de garças.

O pensamento de que ia encontrar-se com o seu amigo Miki na festa dos fogos de artifício no rio Sumida, fazia-lhe mais claro o sorriso e mais alvorçada a alegria. Que esplêndido bailarino era aquele Miki! Toda a Tóquio não possuía um jovem mais garboso, mais ágil, nem mais atraente. O seu manto de seda preta voava como as asas de uma grande borboleta inquieta, quando ele dansava nos bailes públicos!

Nara retocou de um friso de ouro o lábio inferior, e, calçando as suas meias de pelica macia, deu um laço na larga fita que ajustara à cintura.

Depois, foi saindo do seu "chaletinho". Na rua Suruga, encontrou-se com uma companheira, a graciosa Womi, que lhe anunciou a chegada de "shogun" de Kamakura, príncipe feudal, cujos tesouros magníficos eram célebres, em todo o país. — Nara, esse aristocrata é doido por moças bonitas. Se ele te vir, naturalmente se apaixonará por ti.

— Womi, tu és mais bela do que eu. É por ti que ele se apaixonará...

E despediu-se. Mas Womi voltou-se para trás, para dizer-lhe:

— O Sr. do Kamakura, assistirá logo, à festa dos

fogos. O seu barco tem tantas lanternas e tantas bandeiras quantas estrelas há no céu...

Nara, porém, cortou o entusiasmo de Womi, pela magnificência do príncipe, confessado,

— Para mim não me interessa o "shogun". O meu príncipe é outro: é o meu Miki, o maior dos bailarinos do mundo!

E seguiu o seu caminho. Ela ia ligeira, leve, requebrando-se como um pássaro alegre e saltitante.

Na esquina, topou com o velho Taico, um pobre massagista cego de ambos os olhos, que percorria as ruas apregoando a sua profissão para quem precisasse dos seus officios.

— Taico, disse-lhe ela, docemente, hoje estou contente. Vou ver o meu Miki...

— Que Kwannon te siga e te proteja, boa Nara.

E ela continuou a andar. Na famosa "rua das cinquenta casas de chá", resolveu tomar uma chicara de "saké". Entrou numa sala elegante, com as portas de par em par, e sentou-se, de pernas cruzadas, no banquinho almofadado, à espera da bebida.

Veiu o "saké" e ela saboreou-o, pensando sempre em Miki. Em sua imaginação, via-se a destacar-se num fundo luminoso, esbelto, flexível, lépido, girando num bailado sem fim. E ele lhe sorria, com aqueles dentes saudáveis e aquela incomparável alegria que o fazia o homem mais feliz de Tóquio. Reclinada nas almofadas, ela tinha a impressão de estar nos braços do seu amado. Começou a entoar, em surdina, uma canção de amor.

A noite, no entanto, já ensombrara toda a cidade. Um empregado da casa de chá acendeu uma grande lanterna azul no centro da sala. Só então Nara despertou do seu sonho lírico.

— Miki deve estar à minha espera, com certeza — murmurou ela.

E levantou-se, atirando uma moeda ao homem que acendera a lanterna.

Saindo da casa de chá, a apaixonada de Miki dirigiu-se ao rio Sumida, onde os fogos de artifícios coloriam o céu de arabescos e figuras luminosas: crisântemos, palmeiras, guerreiros com imensas espadas, e uma infinita variedade de outras alegorias.

Lá, sósinha encaminhou-se para o cáis, em que habitualmente a esperava o bailarino. Andou de um lado para o outro, de grupo em grupo, impacientemente, sem encontrar Miki.

Vendo-a um rapaz que saltara de um bote florido à margem do Sumida, bateu-lhe no ombro:

— Estás procurando Miki, Nara?

Nara fez que sim com a cabeça.

— Pois Miki não vem hoje ao cáis. O senhor de Kamakura o contratou para uns bailados em seu barco. Se quizeres, eu te lavarei até o lugar em que está ancorada a embarcação do príncipe.

— Quero, disse Nara.

O rapaz tomou-a pelo braço. E os dois foram abrindo caminho entre a multidão. Pelas ruas, aglomeravam-se famílias inteiras, que armavam, ali, mesmo, fogareiros em que preparavam chá e bôlos; a algazarra do povo enchia as esquinas de Tóquio; a festa, a cada minuto, tornava-se mais intensa e mais ruidosa.

— Mas por que Miki não me avisou de que o "shogun" o contratara? — perguntou ao jovem a rapariga, com voz sentida.

— Porque não teve tempo, naturalmente. O príncipe ofereceu-lhe uma remuneração que não podia ser despresada. Compreende Nara?

Ela não respondeu e seguiu maquinalmente o seu guia. Por fim, chegando à margem do Sumida, o rapaz lhe disse:

— Vamos naquele barquinho. Ele desceu ao bote, estendendo a mão a Nara. A moça embarcou, também, e o jovem pôs-se a remar em direção ao barco do príncipe de Kamakura.

As águas do Sumida estavam iluminadas pelo fulgor das embarcações, pontilhadas de lanterninhas de tôdas as cores, numa "fêrie" inconcebível. De Vez em quando, um morteiro subia ao espaço a, com um estampido ensurdecido, abria no alto um facho de luz deslumbrante.

De repente, Nara teve um grito de admiração:

— Que barco é aquele tão maravilhoso!

Uma embarcação enorme, pesada de lanternas de seda, surgiu, palpitante, refletindo-se nas águas.

— É o barco do "shogun", explicou o outro. É ali que está Miki. Vamos para lá.

Pouco depois, o rapaz e Nara subiam os degraus da embarcação do príncipe.

No barco do senhor de Kamakura, Miki dansava em rodopios vertiginosos, diante do estrado do príncipe. A sua silhueta se delineava sobre o tapete que os criados do "shogun" haviam desenrolado no convés, e ele rodava no bailado do "kaporé", furiosamente, como um "yori" na época do cio ou uma chama perseguida pelo vento.

Em círculo, pessoas ilustres de Tokio e Kamakura assistiam ao espetáculo, sentados em derredor.

Assim que distinguiu o seu amigo, Nara quiz imediatamente correr para ele e gritar-lhe, num ímpeto de ternura e magia: "Aqui vim também, Miki!" Mas dominou-se. E os seus olhos se afagaram de lágrimas. Ingrato, aquele Miki! Preferiu algumas moedas de prata à sua com-

noschío, perguntou-lhe quem era aquela moça,

— É Nara, senhor, a amante de Miki.

— Eu quero que essa rapariga me seja apresentada, Gibonoschío.

O secretário curvou-se. A frase "eu quero que essa rapariga me seja apresentada" era uma ordem definitiva. Para Gibonoschío, que tantas vezes a ouvira dos lábios secos do "shogun", significava: "Feze tudo para que ela me pertença, senão te inutilizarei". Assim, o obediente criado-grave do príncipe apressou-se a cumprir o que o tortuoso desejo do seu senhor lhe determinava. Deslisou entre as lanternas, que oscilavam nos fios esticados, foi diretamente a Miki, e disse-lhe:

— O "shogun" convida-o a visitar o seu palácio, em Kamakura. Lá, terá a hospedagem de um verdadeiro príncipe...

Miki sentiu-se esmagado pela honra do convite:

— Por que o "shogun" me faz esse oferecimento, que eu, dansarino sem nome e sem glória, não mereço?

— O senhor se engana, meu amigo. O nome de Miki é glorioso em todo o país, e o "shogun" gosta de ter junto a si os grandes artistas. Ele ficou maravilhado com a sua dança.

O bailarino sorriu, satisfeito. De súbito, lembrou-se da sua companheira, que o olhava em silêncio, esperando o resultado daquela conversa entre os dois homens.

— e Nara, poderei levá-la comigo? — interrogou ele.

Gibonoschío, que contara infalivelmente com esta pergunta, respondeu-lhe, numa curvatura glacial, talvez com um laivo de ironia, que Miki não compreendeu:

— Hospedar tão linda rapariga será um enlêvo para o príncipe.

— E quando partiremos para Kamakura?

— Amanhã, sem falta, às oito horas do dia, seguirá o séquito do meu senhor.

Kamakura não é apenas uma bela cidade, é uma cidade rara. Desde os seus casebres de palha de arroz até os seus edifícios colossais, tudo em Kamakura parece feito pelas mãos de um deus extravagante.

Uma das características dessa "urbs" fantástica é a grande quantidade de templos cercados de árvores imensas e velhíssimas. Quem, pela primeira vez, entra ali, sente um aperto na alma, um susto inexplicável, principalmente ao divisar aquelas portas cramadas "Jorii", tôdas de madeira ou de granito, trabalhadas por uma fantasia bizarra e diabólica.

Outra coisa admirável e espantosa dessa cidade de demônios benéficos é o "Daibutsu", o Buddha monumental de Kamakura. Tem quinze metros de altura, é formado por chapas de bronze, e cada um dos seus olhos mede um metro e vinte e três centímetros.

É uma região de sonho e, às vezes, de pesadelo.

Dois dias após a sua chegada a Kamakura, Miki vagava desolado pelos bosques do templo de Kwan-

ele sentia um gosto de sangue; os seus olhos ardiavam como diante de uma labareda; mas os seus passos eram firmes, subindo degrão por degrão, em direção à deusa...

Quando, afinal, a estátua de Kwannon assomou lá em cima, majestosa e dourada, Miki estacou, atirando-se ao chão.

— Kwannon! Kwannon! — exclamou o desgraçado, em soluços. Toda a humilhação que um homem pôde sofrer, eu sofri, como um cão leproso! Enganaram-me, roubaram a minha companheira! Esbofetearam-me! A minha desgraça não te comove, deusa da piedade? Quando descobri que era vítima de uma perfídia, e quiz repelir o insulto, o chicote do miserável cortou-me o rosto, e eu nada consegui contra o infame, porque vinte braços me imobilizaram! Que devo fazer, agora? Vingá-lo? E, dizendo isto, Miki feria as faces nos degraus de pedra do templo, com a cabeça mergulhada entre as heras ásperas que cresciam nas fendas do granito.

— Senhor, Gibonoschío acaba de ser apunhalado por Miki, aquele bailarino de Tokio.

— Morreu o Gibonoschío?...

— Morreu, esvaindo-se em sangue. O infeliz foi recolhido à torre da guada. Esperamos ordens para saber o destino que devemos dar ao cadáver.

— E Miki, onde está ele?

— Foi prêzo, mas alvetez a esta hora já tenha expirado, porque um dos nossos soldados o atravessou com um golpe de lança.

Recebendo, deste modo, a notícia do assassinio do seu rival, o "shogun" ficou impassível. Que lhe importava a desgraça dos dois homens. Outros assuntos mais graves lhe absorviam a atenção. Daí não pensar mais na tragédia daquela manhã, fato tão comum, a seu ver, como o cair das folhas de uma árvore, na mudança da estação. Estava cansado, porque durante todo o dia andara pelos seus vastos arrozais, que se multiplicavam nas planícies, eternamente submergidos na água, sob a luz do sol. Decidiu-se, portanto, a repousar.

Nesse momento, porém, uma mulher entrou, assustada, no salão particular do "shogun", e, prostando-se no lagedo, em absoluta humildade, esperou que o príncipe a interrogasse.

— Que é, Kami? — falou ele, olhando-a distraidamente.

— Senhor, trago uma novidade desagradável... Os meus lábios estão frios... e tenho medo da vossa indignação... Mas não fui culpada, senhor... não fui...

— Vamos; diga logo o que aconteceu.

— Imagine, senhor... Ainda a pouco, dirigi-me ao aposento em que está a linda Nara, para acender a lâmpada, pois a noite se aproximava... Eu tinha certeza de a encontrar ali... Lá chegando, no entanto, verifiquei que, por fatalidade, ela desaparecera. Procurei-a, procurei-a por todos os cantos do palácio, mas não a encontrei...

O "shogun" ouviu a mulher, com os sobrolhos crispados, sem dizer uma palavra.

A chorosa Kami, vendo que o príncipe continuava calado, ergueu os olhos do chão, repetindo:

— Ela desapareceu, senhor...

Sempre silencioso, o "shogun" apanhou um pequeno martelo e bateu num "gong" triangular, de prata. As ondas sonoras rolaram pelos corredores do palácio. Veiu um soldado.

— Dê cem chicotadas nesta mulher — ordenou ele, secamente.

E, sem pensar mais nem nos dois homens mortos, nem na formosa Nara, que desaparecera, o príncipe recolheu-se para descansar das longas caminhadas que dera pelos seus vastos arrozais naquele dia.

Tendo fugido do palácio do senhor de Kamakura, graças a uma velha criada que a fizera sair por uma porta secreta que conduzia a um subterrâneo, Nara seguiu por uma galeria escuríssima, entrelaçada de trepadeiras bravas, e viu-se, de súbito, numa clareira ao centro de uma floresta de cedros. Além dessa clareira, ondulava uma estrada calçada de cascalho muito branco. Fazia um belo luar.

A moça tomou a direção da estrada. Ia aflita, pensando encontrar-se o mais depressa possível com o seu amante, para voltarem ambos para Tokio, afim de escapar as mãos do príncipe. Entretanto, ao passar pelo templo de Hachiman, um mendigo pediu-lhe uma esmola. Nara deu-lhe uma moeda, e o homem, agradecido perguntou-lhe se sabia que Gibonoschío, o secretário do senhor de Kamakura, havia sido assassinado.

— Não — disse ela. — Quem o matou?

A Geisha

CONTO POR PÁDUA DE ALMEIDA

panhia! Como os homens são inconstantes! As suas almas se transformam como as nuvens e o seu amor dura menos do que o movimento das ondas do mar!

Ao cérebro de Nara pasavam estas idéias, enquanto o bailarino dansava efusivamente, ao som dos tambores, dos instrumentos de corda e das flautas, para o prazer daquele poderoso e frio príncipe de Kamakura.

Quando Miki chegou ao fim do bailado, a rapariga foi-lhe ao encontro, artavessando as filas dos convivas do "shogun".

— Miki! Miki! Quanto eu estava triste por não te ver até agora!

Miki suspendeu-a nos braços, cheio de alegria. Entretanto, o príncipe notou a beleza de Nara: a sua frescura e o seu talhe, doce como uma flor. E, voltando-se para o seu secretário, o velho Gibo-

non, um dos mais impressionantes da cidade. O seu olhar baixo e a sua palidez indicavam a angústia que lhe sufocava o coração. Maldita a hora em que aceitara o convite do infame "shogun", pelos lábios venenosos de Gibonoschío! A sua alegria, constante e invariável como o sol, fugira, mal penetrara nos domínios daquele príncipe deshumano!

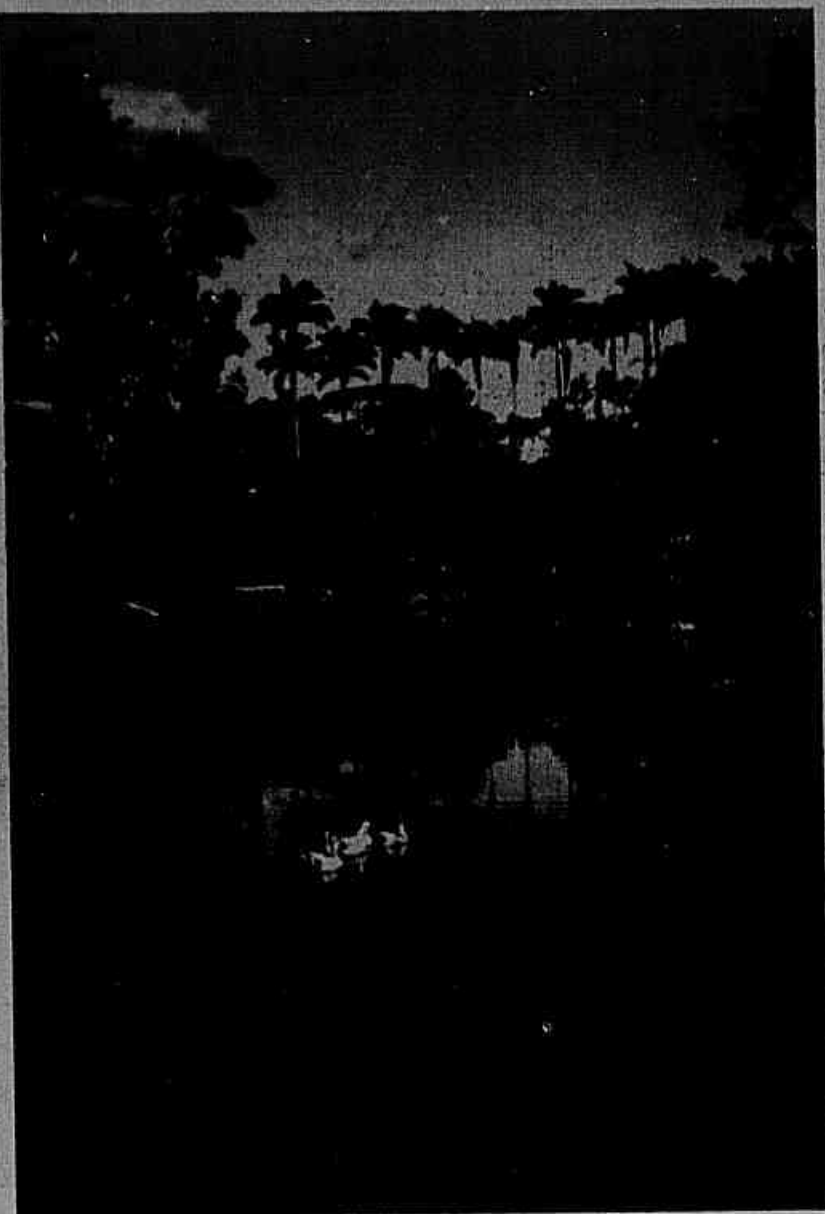
A raiva fazia-lhe vertigens, os seus dentes batiam de ódio. E Miki escalava os degraus de pedra do templo, apertando um punhal que ocultava numa dobra do kimono. Que iria pedir à deusa? Que lhe restituisse a sua Nara, que o miserável senhor de Kamakura retinha em seu palácio? Suplicar-lhe-ia que tivesse pena dele, da tenebrosa solidão em que ficara, do seu desesperado amargor?

O bailarino ia em busca do ídolo, sem saber bem com que fim. A revolta espumava-lhe no coração:

(Conclue na pag. 54)

REMINISCENCIAS DE JUIZ DE FORA

GILBERTO DE ALENCAR



Parque Mariano Procópio

Quando eu vim para Juiz de Fora, há quarenta anos, a rua Halfeld era quase toda de casas térreas, com um outro sobrado, e calçada a pé de moleque. Os passeios, muito estreitos eram de lages.

Na rua Direita, que ainda não sonhava em ser avenida Rio Branco, o que havia era macadame, por sinal que muito bom.

O Parque Halfeld era mesmo parque, cercado por gradis de ferro, com quatro portões, um de cada lado, os quais se abriam às seis da manhã e se fechavam às nove da noite.

Na rua do Espírito Santo havia o Teatro Juiz de Fora, com plateia, galerias nobres, camarotes e torrinhas, além do saguão e do "fumoir". Vinham excelentes companhias de drama, comédia e opereta, nacionais e estrangeiras. As temporadas eram verdadeiros acontecimentos artísticos e sociais.

Não se ia ao Teatro Juiz de Fora com a roupa de todos os dias. As senhoras trajavam seda ou merinó e ostentavam as suas joias. Os homens iam de fraque e chapéu côco. Os que não possuíam fraque iam mesmo de paletó saço, mas preto. Foi nesse belo e elegante Teatro que Rui Barbosa fez a sua primeira conferência política em Minas, aquela em que descreveu o estouro da boiada. Eu estava no palco, ao pé da tribuna, e ia recebendo das mãos do grande homem as laudas dactilografadas, à medida que ele terminava de lê-las. Posso dizer, assim, que fui secretário do Rui durante uma hora. Antes isto do que coisa nenhuma.

Os carros da praça faziam ponto na rua Direita, junto ao Parque Halfeld, e uma corrida para qualquer ponto da cidade custava três mil réis. Os cocheiros eram muito prestimosos, não atropelavam ninguém e sabiam tratar o público. Quando estavam a tôa, no ponto, não trocavam palavras nem discutiam futebol. Quando a gente passava pelo ponto, sentia emanações de estribaria. É certo, mas

não sei se o cheiro atual da gasolina e do óleo será mais agradável. Creio que não.

Os matutinos do Rio, chegavam ao meio-dia e quinze em ponto, sendo raríssimo os atrasos da Central. Ainda havia "O Paiz" a "Gazeta de Notícias" e "A Imprensa". Antes das duas horas da tarde havia uma terceira distribuição postal, para a correspondência vinda de Belo Horizonte. O agente do Correio era Carlos Sampaio, o funcionário mais operoso, mais amável e mais prestativo que já conheci. O Sampaio, apesar de chefe da repartição, costumava procurar pessoalmente os amigos e conhecidos nos cafés, para entregar lhes alguma carta urgente. A agência do Correio era nos baixos de um sobrado da rua Direita, onde está hoje a Joalheria Feliet. Em cima residia Belmiro Braga.

O vespertino carioca era "A Notícia", impressa em papel côr de rosa. Não trazia "manchetes". Só trazia crônicas de Olavo Bilac e de Medeiros e Albuquerque. Sua linguagem era de uma delicadeza sem par e ali todo o mundo parecia escrever com punhos de rendas. O diretor da folha era Oliveira Rocha, jornalista amabilíssimo, que não gostava de desagradar a ninguém. Conta-se que não afirmava que dois e dois eram quatro só para não contrariar aos que asseguravam que três e um também o eram... A gente ia esperar "A Notícia" na estação da Central à meia-noite, para saber as novidades. Muito melhor do que ouvir no rádio.

Só havia dois cinemas, o Cinema Farol, na rua Direita, e o Polytheama, na rua Halfeld, no mesmo local onde hoje se acha o Teatro Central. Quinhentos réis a primeira classe e trezentos a segunda. Tinha muito mais arte o cinema silencioso, obrigado a recrutar grandes atores, ao contrário do que agora sucede em Hollywood, onde só se faz questão, de mulheres de boa plástica e de latagões que sabiam beijar brutaemente. E havia as orquestras, que superavam de muito a música encantada de hoje em dia.

Trabalhava-se no "O Farol" até alta madrugada, pois os telegramas do Rio só chegavam à meia-noite. Os redatores então iam comer bifés no Guarani, restaurante da rua Batista de Oliveira. Um bife a cavalo, regado a cerveja, não passava de três mil réis incluindo a gorjeta.

O gerente da folha, nesse tempo, era Diogo Rocha, aparentado com o proprietário, coronel João Evangelista da Silva Gomes. Diogo atendia pontualmente aos "vales", coisa rara na imprensa da época.

Belmiro Braga, tabelião, com um cartório de boas rendas, era o mais "folgado" da roda dos intelectuais. O seu grande coração levava-o muitas vezes a socorrer materialmente os confrades em apuros e sempre de modo a não humilhá-los. Belmiro sabia que eu lutava com dificuldades logo depois de fazer residência em Juiz de Fora. Um dia apareceu-me o poeta em casa, assim como quem não quer nada.

— Gilberto, venho pedir-lhe um grande favor. O "Estado de S. Paulo" nomeou-me seu correspondente aqui na cidade, com trinta mil réis por mês. Eu não tenho tempo para fazer o serviço. Querida que você ficasse com o negócio. Você passa os telegramas com a minha assinatura, já avisei

lá no Telégrafo. No fim do mês lhe entrego os trinta.

Belmiro bem que tinha tempo, até de sobra, e o que ele desejava era auxiliar-me de maneira indireta. Fui desse jeito, correspondente do "Estado" durante vários anos. Trinta mil réis, então, eram uma soma bem boa, que dava para o aluguel da casa. Mas Belmiro não gostava de socorrer apenas materialmente, era também um grande animador dos "novos", emprestando talento a todos eles, embora nem todos o tivessem. A inveja nunca lhe mordeu o coração e sabia admirar os outros sem ela...

Mario Matos, que hoje é desembargador, veio para aqui creio que em 1912, e eu, que havia sido menino com ele em Dores do Indaiá, abri-lhe as portas do "Farol", onde começou a escrever. Depois foi ser secretário do "Diário Mercantil". Muitos bifés comemos juntos no Guarani. Mario Matos, com Heitor Guimarães, fundou a revista "Márcia", que deu poucos números, mas todos magníficos. Para os amadores locais Mario escreveu uma revista, que foi representada muitas vezes, com grande êxito.

Aristarcho Paes Leme era o maior e o melhor contador de pilhérias que havia em Juiz de Fora. Disseram isso a Silvio Romero várias vezes e Silvio parece que ficou impressionado com a história, tanto que um dia, ao ser apresentado a Aristarcho, foi-lhe dizendo de sopetão:

— Ah! Você então é o homem das boas pilhérias? Conte-me lá uma, para eu ver!

Aristarcho embatucou, nem podia deixar de embatucar.

Uma vez Brant Horta foi à casa de Silvio Romero, na rua de Santo Antonio, afim de ler-lhe uma longa tradução de Byron, que havia feito. Silvio sentou-se à japonesa no sofá da sala de visitas, para ouvir. Leitura longa. Silvio ouvia pacientemente, mais um de seus filhos, no interior da casa, fazia um barulho dos diabos.

Silvio Romero chamava o filho.

— Menino, fique quieto!

Daí a pouco o barulho recomeçava. Lá dentro.

Nova chamada.

— Menino, fique quieto, já lhe disse!

Da terceira vez Silvio não se conteve, chamou a criança e foi falando:

— Menino, sente-se aqui ao nosso lado. Você agora tem que ouvir todo este Byron, como castigo! Brant Horta continuou a lêr, tranquilamente...

A União e Indústria estava abandonada e intransitável. Provavelmente ainda estaria assim até agora, se não fora o aparecimento dos automóveis. Se a função cria o órgão, o veículo cria a estrada... A gente só ia ao Rio pela Central do Brasil, vinte e cinco mil réis ida e volta, pelo rápido ou pelo noturno, preço que os jornais achavam muito alto, metendo por isso o pau na administração da grande via férrea.

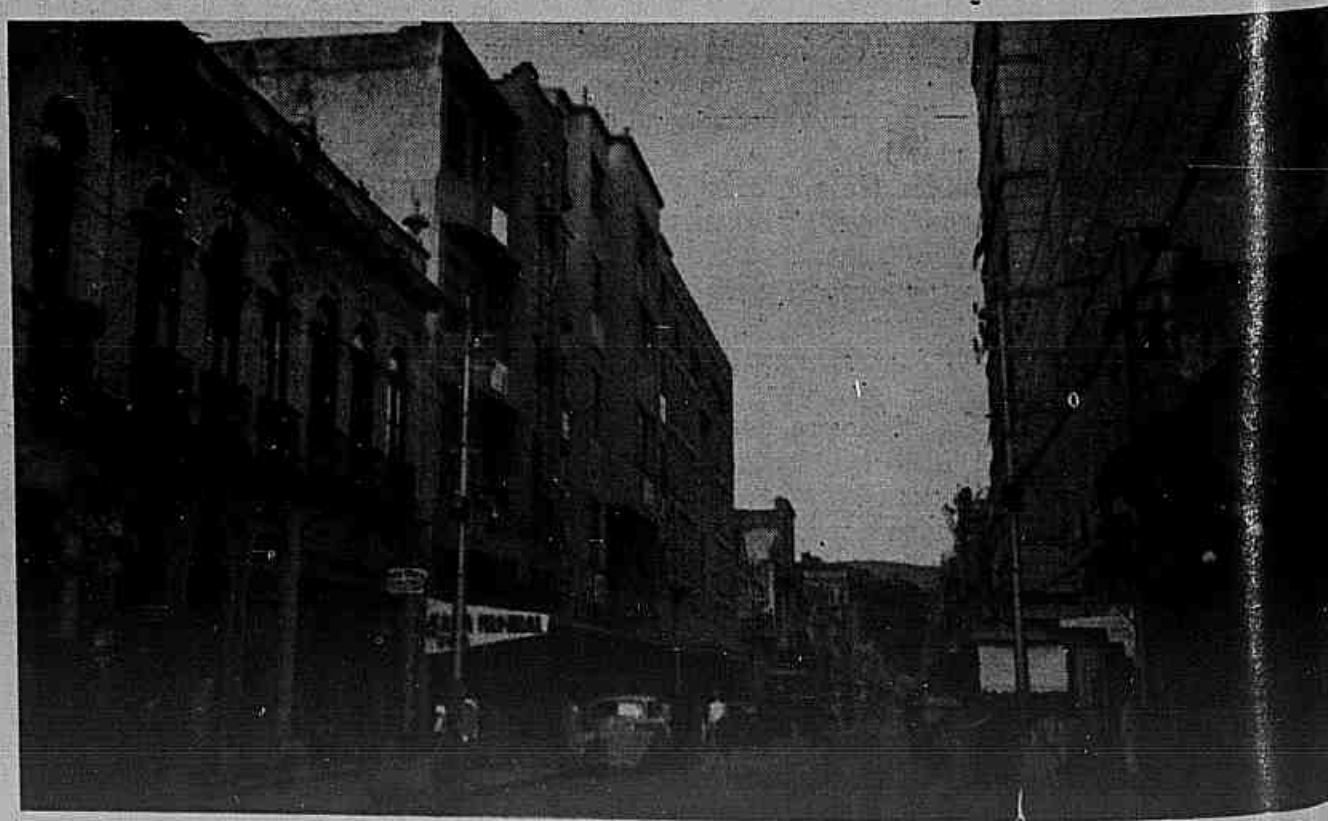
O título de Athenas Mineira, que Arthur Azevedo conferira a Juiz de Fora, era merecido. A cidade era realmente a capital intelectual de Minas Gerais. Aqui nasceu por aquela época, a Academia Mineira de Letras. O jornalista e as letras congregavam aqui os nomes de Heitor Guimarães,

(Continúa no fim do número)

Largo do Riachuelo



Rua Halfeld



N um ninho de verdura, embalado por cantigas da passarada amiga, dentro de uma atmosfera sadia, oxigenada, bem longe do bulício da cidade, ergue-se o majestoso Museu Mariano Procópio, outrora, "Chácara Mariano Procópio". O castelo, que foi a residência do fundador da gigantesca "União e Indústria" e um dos principais de nossa Juiz de Fora — Mariano Procópio Ferreira Lage, foi construído em 1861, pelo arquiteto alemão Carlos Augusto Gombs, tendo sido visitado por vários cidadãos ilustres, como o grande Imperador D. Pedro II e toda família Imperial, pelo sábio Agassi, do qual fez uma esplêndida descrição em seu livro: "Viagem ao Brasil", pelo célebre italiano Lomonaco, que o comparou à decantada "Vila Palavicini", de Gênova.

O parque, no dizer de Agassis, "Paraiso dos Trópicos", bordado de lagoas salpicadas de ilhotas, foi executado pelo conhecido francês Glaziou sob a orientação inteligente de seu proprietário.

Herdando, mais tarde, o saudoso dr. Alfredo Ferreira Lage a histórica propriedade que fora de seus pais, inspirado por sua esposa — a consagrada pintora Maria Pardos Lage, entendeu que não se poderia dar melhor destino ao tradicional solar que nêle criando, com suas coleções que, bem jovem ainda organizara, realizando aquisições não só no Brasil, como na Europa, um Museu para a cidade que o viu nascer, tendo por patrão o nome do fundador da antiga Chácara, que tanto contribuiu para a fama da cidade.

Assim é que, ampliando a propriedade, fazendo construções novas, salas e lindas galerias, fundou o tão conhecido Museu Mariano Procópio, doando-o, depois à cidade de Juiz de Fora.

Verdadeira maravilha de arte e de gosto, conserva as mais raras peças e documentos sobre D. João VI, D. Pedro II e de várias personalidades que tanto exalçaram, no segundo Império, o nome do Brasil.

NA SECÇÃO DE HISTÓRIA destacam-se as três fardas do "Maior dos Brasileiros" — D. Pedro II: a primeira que usou quando da Proclamação da sua Maioridade; a da Coroação, em veludo branco, bordada a ouro e a do Casamento, em

Maria Pardos Lage — a grande e inesquecível cooperadora da fundação do Museu Mariano Procópio, está muito bem representada por numerosas telas, sendo algumas delas premiadas em várias exposições. Na Sala que tem o seu nome, acha-se o seu auto-retrato, admirável trabalho que figurou no Salão da Escola de Belas Artes, em 1910, tendo sido julgado pela crítica um dos melhores retratos daquele Salão, como se lê no "Jornal do Comércio", pelo crítico de arte José Américo dos Santos. Maria Pardos, apesar de espanhola, exerceu e desenvolveu a arte da pintura no Brasil, tendo sido discípula de Amoêdo e Batista Costa. Dentre os nacionais, encontramos o imortal Pedro Américo, em "Tiradentes", — expressiva tela que tem sido muito divulgada, ilustrando vários trabalhos históricos sobre o Martir da Independência (e como em breve veremos num esplêndido livro de Almir de Oliveira, nosso conterrâneo).

Há ainda telas assinadas por Bernardelli, Amoêdo, Parreiras, Vilares, etc. A maior dessas telas encontram-se na Galeria "Maria Amália", designação essa que lembra o benemérito nome da estremosa mãe do senador sr. Alfredo Ferreira Lage. A SALA DA VISCONDESSA DE CAVALCANTI é uma das mais ricas. Numerosas são as doações aí contidas pela grande entusiástica do Museu. Entre outras, como ficou dito, uma valiosa tela de Fragonard.

Há poucos anos, o "Figaro" publicava que havia sido vendido na Galeria Charpentier, de Paris, um desenho de notável pintor pela quantia de 402.500 francos. Ora, se um desenho alcançou esse preço, quanto valerá a tela a óleo, que representa uma graciosa figura feminina e em ponto bem maior que a do referido desenho, existente no Museu de nossa cidade?



Trecho do parque Mariano Procópio, vendo-se o mausoléu que contém os despojos de Mariano Procópio e de D. Maria Amália, pais do Dr. Alfredo Ferreira Lage, fundador do museu.

Na mesma sala encontramos ainda um desenho de Meissonier; uma estátua em bronze: "David", do célebre Mercier; um lindo painel chinês, todo martizado a mão, tendo figurado na Exposição Universal de Paris, em 1889, e oferecido pelo Governo da China ao Presidente da Comissão Brasileira — sr. Visconde de Cavalcanti.

Preciosas jóias antigas, importante coleção de medalhas portuguesas, sendo a sra. Viscondessa de Cavalcanti autora de vários trabalhos sobre Numismática, destacando-se os "Catálogos sobre as Moedas brasileiras e as estrangeiras referentes ao Brasil". Ainda aí observamos um delicado esmalte de Limoges; uma estatueta de Tanagra, de 2.000 anos, descoberta nas escavações da Grécia, etc.

A "Cerâmica" do Museu, bem assim a "Coleção Numismática", a "Coleção de Armas", na Sala "Duque de Caxias", onde figura o melhor busto do valoroso soldado, trabalho de Corrêa Lima, a

UM MONUMENTO DE ARTE, DE ESTUDO E DE VENERAÇÃO

GERALDA FERREIRA ARMOND
(DIRETORA DO MUSEU MARIANO PROCOPIO)

1843. A essas peças altamente históricas, o saudoso fundador do Museu dedicava o seu mais especial carinho, pois foi ele quem impediu a sua ida para o estrangeiro, num largo rasgo de patriotismo, selando documentos existentes no arquivo da instituição.

Completam essa secção o rico manto que trazia a Princesa Isabel, nas cerimônias da Corte, em seda verde, bordada a ouro, o da Baronesa de Suruhy — irmã do Duque de Caxias, importante mobiliário e louças do Palácio de São Cristóvão.

NA SECÇÃO DE BELAS ARTES encontramos quadros de bons pintores e alguns de grande fama.

São telas assinadas por Fragonard, Prud'hon, Filiard, Dubois, Isabey (auto-retrato) Liégel, — doação de inestimável valor da grande benemérita do Museu — Sra. Viscondessa de Cavalcanti, que, como se sabe, foi uma das maiores Damas do II Império, e que há pouco faleceu no Rio de Janeiro.

São telas de Goethals, Vollon, — o maior pintor de natureza morta do século passado, Lambert, De Penne, Daubigny, Vinet, Roelofs, — belo quadro de grande valor — "Après midi en Holland", premiado na Exposição Universal de Paris em 1889, disputadíssimo pelo Governo Holandês, tendo o saudoso dr. Alfredo Ferreira Lage recusado as maiores ofertas pela maravilhosa tela, Germano, célebre pintor da Escola Flamenga.



A famosa tela de Rodolfo, talvez a peça de maior valor do museu.

Vista parcial da "Galeria Maria Amália".



"Coleção de Coordenações" e a "Secção Científica", são também preciosíssimas.

A "Coleção de Armas" do Museu acaba de ser enriquecida com a incorporação de um fuzil alemão tomado ao inimigo pelas Forças Brasileiras, em Monte Castelo, carinhosamente oferecido ao Museu pelo sr. Comandante do Regimento Sampaio.

Da "Coleção de Condecorações" destaca-se a Grã-Cruz, que pertenceu ao Duque de Caxias.

Com relação à "Científica", devemos observar que foi essa a primeira coleção a que se dedicou o dr. Alfredo Ferreira Lage, aos 9 anos de idade, quando estudava na Europa.

(Continua no fim do número)

IMAGENS DO FUTURO



Paula, com 18 meses, filha do casal
Fabio de Albuquerque Camanho.

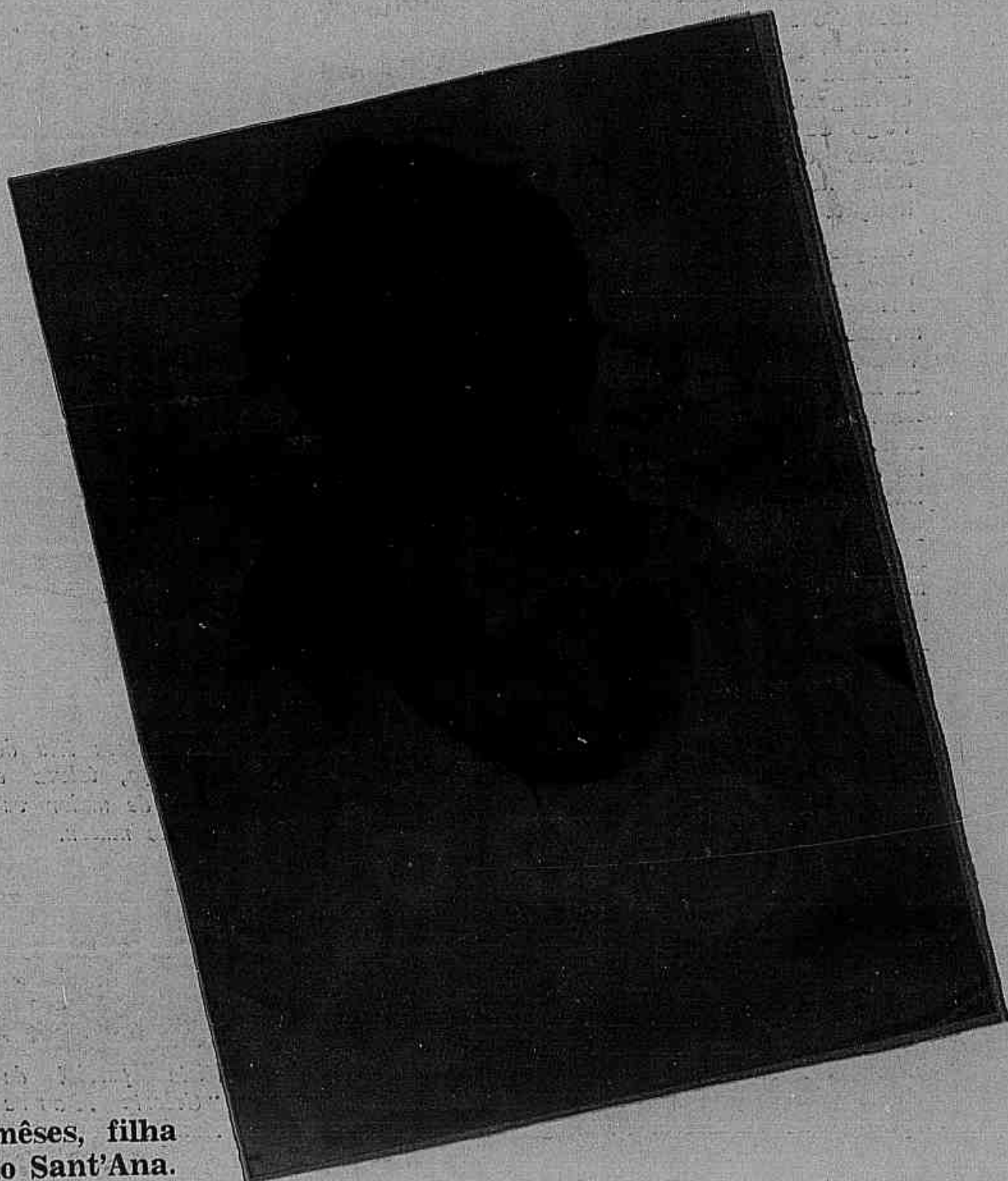


Maria Angelica, com 8 meses,
filha do casal Paulo Brandão.

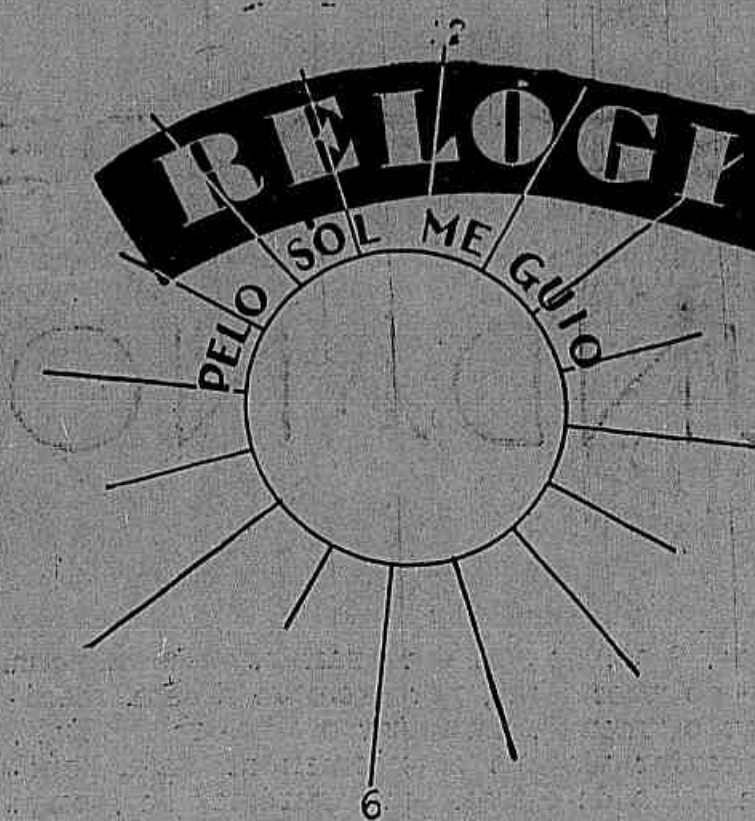
FOTOGRAFIAS TIRA-
DAS NOS STUDIOS
DE FOTO PREUSS.
(SÓ CRIANÇAS) RIO
— NITERÓI.



Heloisa Helena, com 3 anos, filha
do casal Morse Galvão de Sá.



Beatriz, com 11 meses, filha
do casal Dr. Claudio Sant'Ana.



“Pelo Sol me guio. — E, mesmo de noite, seu reflexo vejo. — De formas preciosas. — Na lua, num rio. — Num diamante frio. — Nas mãos calorosas. — No setim macio. — De espelhos, de rosas. — Nalgum jarro esguio. — Em mesas lustrosas. — Pelo Sol me guio! — No mundo sombrio. — Feliz quem se afoite. — A prender o ensejo. — De vencer, na noite. — Mil trévas maldosas. — De marcar sómente. — Relógio contente, — “Bom sol, bôa gente!” — “Horas luminosas”.

Este poema, que é menos meu do que do Sol de todos os poetas, define o que pretendem ser estas crônicas da “Ilustração Brasileira”, uma árvore de sólidas raízes, de profundas raízes, dessas que sem o alto Sol não o seriam. Assim como, num tempo de opressão, o poeta Eluard, da França, escrevia a palavra Liberdade, eu escrevo a palavra Sol, num tempo com tendências para a sombra. Não a bela “sombra que dêle nasce”, a sombra calma, requintada, protetora e protegida, não a do bem estar e da elegância, “l'ombrelle bleue” que protegia a beleza de Mme. Swann, dizia Proust, “como um pequeno céu particular”, mas uma outra. Não a sombra dourada e benfazeja — uma outra, que os sóes ignoram. Impenetrável sombra do pessimismo, do desdém pela perfeição, do amor pelas destruições, da inveja que mata o invejoso, crendo matar o invejado. Quando eu era muito criança ainda para saber de tal sombra, li o “Hymne au Soleil” de Rostand, numa limpa tradução de meu Pai, Alcantara Carneira. “O Sol sem quem todas as coisas — Mais não seriam do que são!”

“Soleil magique!” — e o Sol de que eu gosto, revelador de formosura, dando valor aos objetos, fazendo-os ser mais o que são, que podem ser! Um sol que nos torna o espírito bem claro e não deixa perder-se na penumbra uma única forma de beleza — uma faceta de cristal, um élo de ouro na pulseira de uma menina, a pétala de uma flor, a subtil nervura de uma folha, o crescente do onyx ou de “vermeil” de um cílio! Num quadro, uma só intenção do artista, a pincelada magistral que acendeu almas nas pupilas, desenhou beijos num sorriso! E’ um Sol que marca, por exemplo, na vida da Sociedade, somente as horas luminosas. E pela virtude do exemplo, esse grande incentivo, as multiplica.

A pintura francesa teve agora, nesta ensolarada cidade, horas muitíssimo brilhantes. Umas de tarde — outras de noite. Em casa

Quando uma pintora se torna um quadro — Anne Bechetoille, expositora e animadora do conjunto “d’Oeuvres d’Artistes Français au Brésil” apresentado na A.B.I. a 10 de maio, vista pelo fotógrafo Max Ottoni, que joga com o sol com grande felicidade. Há meses, a pintora apareceu nesta revista sob um aspecto de escultura clássica, na interpretação do mesmo artista, e com o seu nome de casada. Casada com o Vice-Consul da França e excelente amigo do Brasil, Sr. François de Quirielle. Mas este quadro é uma ilustração realmente ideal para as primeiras horas do nosso “Relógio de Sol”.

Por VIOLETA de ALCANTARA

do casal Marcos Carneiro de Mendonça — onde o Sol tem com que jogar, pois não faltam as pratas e os cristais, os quadros de família e as porcelanas brasonadas, letras de ouro em capas de livro que o recebam alegremente, crianças que o tenham por amigo — a famosa tela “O negro Scipião” foi apresentada à sociedade, numa festa realmente esplendida. “Madame Cézanne” — em pintura — também se fez admirar, enquanto a dona da casa, Ana Amélia, a poetisa e conferencista, cuja beleza de medalha inimiga de “medalhões” estava realçada por um vestido azul-noite em que uma larga joia antiga parecia um raiar de aurora, conversava com o Embaixador da França e a Sra. Gilbert Arvengas, o Embaixador da Inglaterra e Lady Butler, saudava o Presidente da República. E enquanto, por exemplo, Candido Motta Filho e Assis Chateaubriand, a quem S. Paulo deve maravilhas em materia de museus modernos, falavam da arte de seu marido, Paul... Paul Cézanne. A presença do Presidente da República, general Eurico G. Dutra, e de uma imponente série de figuras do mundo oficial não deram, entretanto, à recepção em casa do Sr. e da Sra. Marcos Carneiro de Mendonça um ar convencional. Deram-lhe, sim, grande destaque, mas não a perturbaram em nada. A enorme casa do Cosme Velho, solar de tradição, rosado e branco, moradia tão cheia de equilíbrio entre o espirito e o corpo, a inteligência e os corações, não se deixa modificar. E’ sempre a mesma — e o Sol apenas tem que iluminá-la, simplesmente, passar pelos jardins, simplesmente entrar nos salões, simplesmente, dançar na “nursérie” e descansar nas janelas do sótão — biblioteca. Simplesmente, brasileiroamente amigo

los lugares em que é amado, das coisas luzidias que o chamam e o retêm.

Conversando com a esposa do Vice-Consul da França, Sra. François de Quirielle — a pintora Anne Bechetoille, que estuda com France Dupaty, essa artista que tem fios do sol nos seus pinceis e de luar, prematuro luar, no seu cabelo — tive ocasião de lhe dizer a minha admiração por essa idéia francamente luminosa que foi a de reunir alguns “Peintres français au Brésil” naquela exposição da A.B.I. Aquela que levou lá, no dia 10 de maio, uma verdadeira multidão de diplomatas, artistas, criticos, escritores e mulheres elegantes, entre as quais, muitas pos-sinal, acumulavam a qualidade de diplomatas, escritores e jornalistas com as qualidades da elegancia pessoal.

Devido à oportuna exposição, pela qual a Sra. de Quirielle e todo um grupo franco — brasileiro trabalharam tanto e que esperamos ver tornar-se uma tradição de cada primavera, os cariocas puderam observar como os pintores da patria de Cézanne vêm o Brasil, onde moram ou por onde passam. Bons pintores só pintam quando amam. Quando amam o que vêm no que estão vendo — e essa exposição representa, se refletirmos um momento, qualquer coisa de semelhante a um torneio de belas declarações de amor ao nosso paiz. Julgo interessante notar que a “doyenne” das pintoras ali reunidas — “decana” é uma palavra tão... anti-plastica, não acham? — a Sra. de Pierrefort, demonstra ser uma das artistas que mais constantemente e jovialmente fixam o sol nas suas telas. Subindo com vagar, por sua mão, a “Ladeira da Gloria” — um dos quadros de sucesso do certame — nós sentimos que o Sol a acompanhou, e o sol nos acompanha, a cada passo! Mas não faltaram paisagistas nessa exposição expressiva a saberem misturar o Sol da sua França com o Sol e o solo deste nosso Brasil — Rio, Bahia, Pernambuco e a plácida Paquetá, lindos e diferentes sóes da mesma fonte de luz — cada vez mais inspirador de pensadores e pintores estrangeiros.

Rio — Maio — 1950



De um "Carnet"

A grande recepção em casa do Sr. e da Sra. Marcos Carneiro de Mendonça, a exposição de "Peintres français au Brésil", o "cock-tail" em casa do Vice-Consul da França e da Sra. de Quirielle, o chá em casa da Sra. Frederico Lage foram assuntos já comentados, e alguns até ilustrados, neste numero. Falamos, pois, de outras festas, de outras exposições, de outros chás, com o tempo... que nos der o espaço.

UM CONVITE DA SRA. BRANCA SAMPAIO

A Sra. Branca Martins Sampaio convidou um grande grupo para um chá que veio a terminar à hora dos "cock-tails" findarem! No seu apartamento do elegante Edifício Oswaldo Cruz, teve a presença das Sras. Gilbert Arvengas, embaixatriz da França, Juan J. Cooke, da Argentina, Antonio Villalobos, do Mexico, Rigaud, esposa do novo misistro do Haiti — o Sr. Artur Martins Sampaio, como sabem, é o Consul honorario dos haitianos no Brasil—Elmano Cardim, Deputado Daniel de Carvalho, Comte. Mario Colazzo Pittaluga, Senador Artur Santos, Antonio Augusto Xavier, Senador Ferreira de Souza, Augusto Corsino, Marilú Corsino de Araujo, Embaixatriz da Colombia, Prof. Lourenço Jorge, Margarida Gagarin, Mariasinha Mendes, Haydée de Carvalho e Silva, Alice Fonseca e Silva, Maria Margarida de Lima Sou-têlo, Richet, Lucilio Haddock Lobo, Raul Bopp, Prof. Annes Dias, Juanita Heiszelmann, Prof. Heitor de Lemos, Carlos Aliseris, Murilo Cardozo Fontes, Sta. Marcelle Proux. Depois do chá, as amigas da Sra. Branca

Sampaio — amigas dela e da poesia — pediram-lhe que recitasse "La Grèce éternelle", um dos seus muitos poemas em francês. E assim se passou uma tarde encantadora, na opinião de muitas das convidadas. Não digo todas, porque não poderia ter tido tempo de conversar com todas elas, em meio dos mil convites deste começo de estação.

O PIANISTA GULDA E A C.S.B.

Num programa excelente, sob a regencia de Lamberto Baldi, ouvimos o jovem Gulda. Já o ano passado escreviamos aqui palavras de entusiasmo por ele. Entusiasmo invulgar, como invulgar é o seu talento, a sua figura, o encanto do seu ar de modéstia, de modéstia... com muito "brio". Aplaudimos longamente — e sem luvas!

UM JANTAR NO "BEC FIM"

A série dos convites para "cock-tails" cujo horario coincide exatamente com o dos jantares normais — ou não se janta, ou não se tem mais empregados! — não nos deixa grande ocasião para frequentar os restau-

tes. Mas, de vez em quando, vale a pena ir ao "Bec Fim", por exemplo a esse, meditar o "menu", consultar o "maitre d'hôtel", recordar viagens e encomendar uma bonita duzia de ostras, um "suprême" de frango com "champignons" sem maior perigo que o do prego, uns vinhos adequados, "chouse à la crème", bom "cognac". Uma gota de "cognac" num oceano de cristal. E observar, na sala pequena e repleta, os conhecidos que obedecem ao mesmo ritual.

TEATRO FRANCÊS

Marivaux e Molière, Shakespeare e Feydean, — cinco mestres no seu genero, cinco pretextos para Madeleine Renaud e Jean-Louis Barrault mostrarem a sua maestria, em quatro esplendidas récitas de assinatura. Eles e toda a "troupe"! Comedia e farra galantes, uma tragedia eterna, um "vaudeville", um forte drama, quer dizer — "La seconde surprise de l'amour", "Les fourberies de Scapin", "Hamlet", "Occupe-toi d'Amélie", "Partage de midi". Quer dizer, perfeição na variedade, verdadeira compreensão do que seja o "métier" de ator. Hoje, rei, amanhã poeta, depois de ama-



A Sra. Frederico Lage — nascida Zuleika Nobre e tão requintada, tão fina, tão parisiense na elegancia — junto do seu retrato, pintado por Wambach, numa das salas do apartamento em que vive, nas Laranjeiras, e que é uma perfeita moldura para a sua figura. Flores de Guirand de Scevola, pratas antigas, porcelanas jades, bordados subtis, e flores deliciosamente dispostas em jarras ou em taças demonstram, bem melhor, do que quaisquer adjetivos, o bom gosto da Sra. Frederico Lage, aliás consagrado na sociedade de S. Paulo e na do Rio.

NO APARTAMENTO DA SRA. FREDERICO LAGE — De vez em quando, a Sra. Zuleika Nobre Lage oferece um pequeno chá. Uma pequena reunião, que logo se torna consideravel pelo "chic" da dona da casa e das suas amigas, do cenario e... o sabor do proprio chá. Uma vez um grupo, outra vez outro, para agradecer convites, mantendo a intimidade, a possibilidade de se conversar. Na ultima reunião houve uma surpresa... para a "hosters" — o nosso fotografo, que fixou algumas das convidadas. Vamos aqui, da esquerda para a direita a Sra. Prof. Rocha Vaz, a Sra. Zuleika Nobre Lage, a Sra. Lulú Sampaio e a Sra. Ladisláu Emilio Török. Violeta de Alcantara Carreira, literariamente falando. Mas estiveram tambem presentes, entre outras, as Sras. Lúcia de Sequeira, Horacio Lafer, Octacilio Gualberto, Maria Salles Pinto, Alzira Costa Pinto, Aloysio de Salles; Mariana Guedes Nogueira, Nenette Morganti, Odette Monteiro e Sylvio Heilborn.

nhã, um magico. E ninguém obriga o comediante a deixar de ser rei senão "l'amour du métier", "l'amour du métier" — éle proprio! Sem o amor da sua profissão, como pode existir o ator digno desse nome?

* * *

Para descrever devidamente o publico das récitas de assinatura seria preciso, pelo menos, dedicar uma página a cada frisa, cada camarote, dez à platéia, dez ao balcão nobre, e umas trinta ao espetáculo dos intervalos! Aplaudindo clássicos e modernos, temos visto no Municipal quasi todos os Guinle, os Fontes, os Proença, os Lage, os Grandmasson, os Guilherme da Silveira, os Carneiro de Mendonça, os Simonsen. Temos visto o Ministro das Relações Exteriores e a Sra. Raul Fernandes, o Embaixador da França e a Sra. Gilbert Arvengas, o príncipe D. João e a princesa Fatima de Orleans e Bragança, o Embaixador da Inglaterra e "Lady" Butler, o Embaixador da Espanha, conde de Casa Rojas e sua filha, a princesa Brancovan, a princesa Maria Elizabeth de Orleans e Bragança, o Sr. e a Sra. Carlos Mafra de Laet, o conde das Galvêas; o Sr. e a Sra. Luiz de La Saigne, o Sr. e a Sra. Claudio de Souza, o Sr. e a Sra. Austregésilo de Athayde, o Sr. e a Sra. Comte. Joaquim Costa, o embaixador Martinho Nobre de Melo, o Sr. e a Sra. Guedes Nogueira, a Sra. Senador Mello Vianna, o Comte. e a Sra. Mario Colazzo Pittaluga, a Sra. Madalena Berquó Moses, a Sta. Ida Mounat, o Prof. e a Sra. Olympio da Fonseca Filho, o grande pintor Segall e sua esposa, que assina com o nome de Jenny Klabin Segall suas traduções de teatro clássico, o Sr. e a Sra. Burny du Swet, o Sr. Raymundo de Castro Maya, a Sra. Frederico Lage, o Deputado e a Sra. Horacio Lafer, o Sr. Garcia Viñolas, o Sr. e a Sra. Oswaldo de Souza e Silva, o Sr. e a Sra. Luiz Anibal Falcão, o Sr. Pedro Corrêa de Araujo, as Stas. Laura e Tereza de Barros Moreira, a Sra. Maria Luiza San Juan de Ouro Preto, a Sta. Maluh de Ouro Preto — hoje cronista de sucesso — o Sr. e a Sra. Carlos Bandeira de Melo, o Sr. e a Sra. Roberto Marinho, o Sr. e a Sra. Paulo de Bittencourt, o Sr. e a Sra. Spitzmans — Jordan, a Sra. Branca Martins Sampaio e seus dois filhos, o Sr. Henry Smyrand, o Sr. Gilberto Trompowsky Livramento, a Sra. Baby Cerquinho, a Sra. Loreto Lage, a Sra. Joel Monteiro, o Sr. e a Sra. Emilio Hidol, o Sr. e a Sra. Henrique Pongetti, o Sr. Paulo Gagarin, o Sr. e a Sra. Carlos Rheingantz, a Sra. Rose Fallscheer, o Sr. e a Sra. Alfredo de Sequeira Filho, o Sr. João Alfredo de Paranguá Moniz, o Sr. e a Sra. Cassinelli, o Sr. e a Sra. Pouchot — Lermans, o Sr. e a Sra. Kamenka, a Sra. Maria Margarida de Lima Soutêlo, o Sr. Alfredo Thomé, o empresário, Sr. Dante Viggiani, o Sr. Mario Nunes, o Sr. e a Sra. Bricio de Abreu, o Sr. Agnello Macedo, o Sr. e a Sra. Murat do Pilar, o Dr. E. Franco, a Sra. Xima, a Sra. Frengrouse, a Sra. Francesca Nazière, o Sr. Marc Bercowicz, a Sra. Ivonne Daurmerie Ramos, o Sr. e a Sra. Guilherme de Figueiredo, o Sr. e a Sra. Chryso Fontes. Nomes citados ao acaso dos encontros, "cela va sans dire".

"CROQUIS"

Alguns "croquis" feitos no Teatro Municipal, nos intervalos de "Surprises", "Fourberies", meditações de "Hamlet" — com Jean Luiz Barraut cada palavra é um passo e cada passo uma palavra, uma pintura, uma escultura e uma sugestão de bailado! — "namoros" de "Amélie", conflitos da estranha "Isé": a Sra. François Brière, esposa do Conselheiro da Embaixada da França, com um modelo de grande originalidade, "Le Scarabéc" poderia ser o seu nome. Que lindo colorido cambiante, que delicada transparência do tecido a envolver-lhe os hombros!

* * *



Assistindo à apresentação do quadro de Cézanne "O negro Scipião", destinado ao Museu de Arte Moderna de S. Paulo, o Presidente da Republica, general Eurico Gaspar Dutra ladeado pelo casal Marcos Carneiro Mendonça, no belo solar do Cosme Velho, onde se realizou a festa de apresentação à alta sociedade do Rio.

Toda de branco, a Sra. Clotilde de Mello Vianna, uma côr que lhe fica sempre bem, realçando-lhe o cabelo negro e os olhos expressivos.

* * *

Com o mais delicioso, mais parisiense dos modelos em "mousseline" lilaz, a Sra. Alzira de Souza Quartim. Mas um tom de lilaz incomparavelmente mais bonito do que geralmente se conhece. Imaginem um tom de lilaz bonbon "fondant" que tivesse a frescura de uma flor, ao amanhecer no jardim!

* * *

Alta e andando com aquela convenção, aquela segurança das mulheres belas, de uma beleza consagrada, a Sra. Baby Cerquinho passeia junto das frisas. De uma elegancia bem "dramatisada", diriam os americanos, gosto sempre de vê-la e de observá-la.

* * *

Conversando sobre Shakespeare, Barbara Heliodora Carneiro de Mendonça — Sra. Comte. Scott Bueno — estava com um vestido preto, o cabelo preto cortado curto, num estilo todo pessoal, e um resplandecente adereço, trazido de Paris por seus paes, o Sr. e a Sra. Marcos Carneiro de Mendonça. Barbara Heliodora já foi a Rainha de "Hamlet" numa récita do Teatro de Estudante. Naquela noite, porém, estava sendo a rainha de um grande grupo, com a sua estatura, a sua cabeça tão original e aquelas joias tão bem escolhidas.

* * *

Absolutamente encantador o modelo irizado, azul e verde, da Sra. Austregésilo de Athayde.

* * *

Já viram uma nuvem azul transformada em vestido? Já viram ondas do mar na plateia do Municipal? Então é por que viram, comprou, a Sra. Nenê Pittaluga com o seu novo modelo de noite da Casa Canadá. É, ao mesmo tempo, sutil e suntuoso.

Com o seu vestido amarelo limão, a Sra. Jô de Souza Leite Quadros — uma das nossas mais bonitas elegantes — atravessou rapidamente o "hall" do teatro, com aquela sua habitual vivacidade, aquele seu sorriso cheio de malícia.

* * *

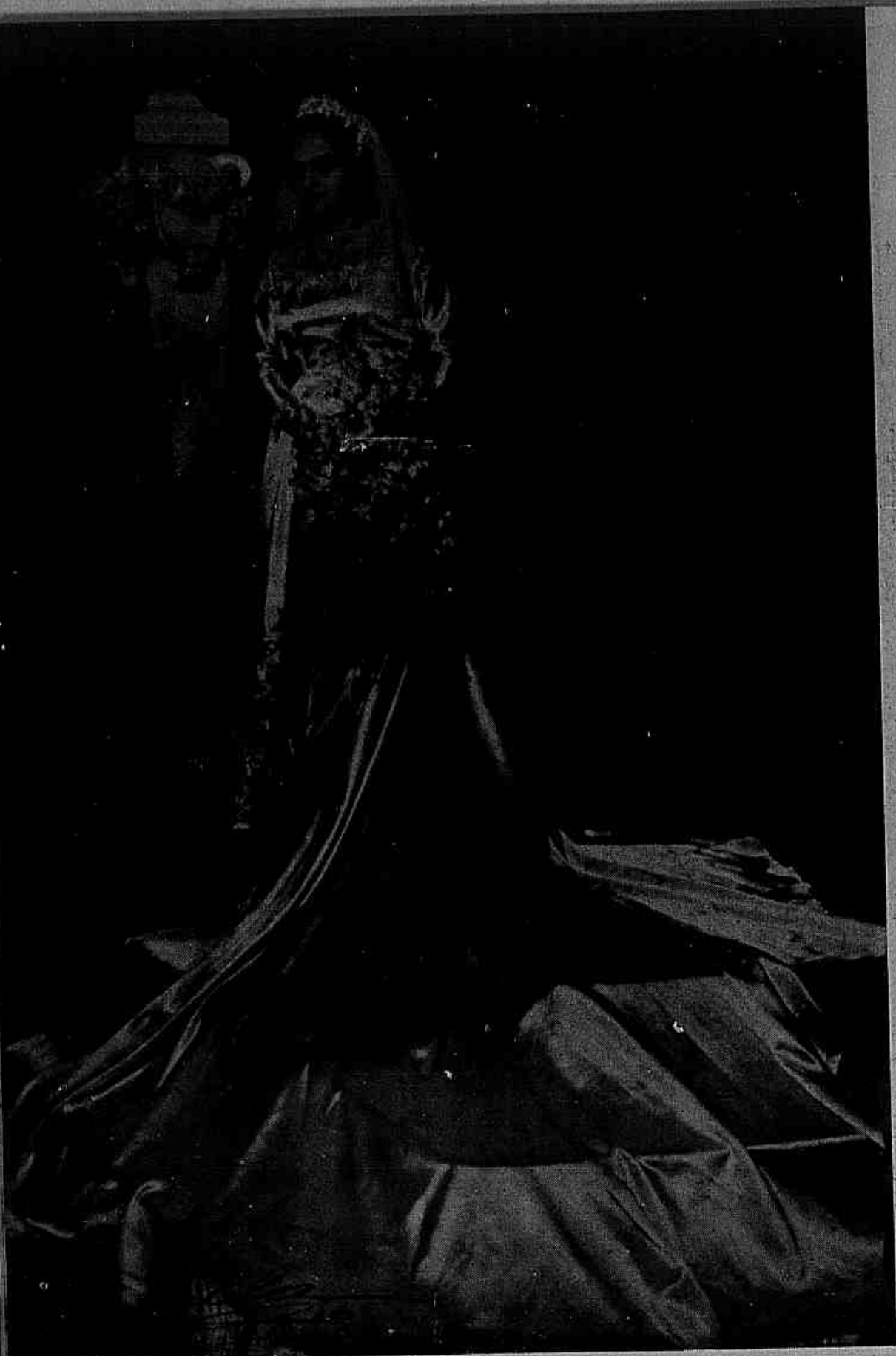
Gostaria que um Fujita fixasse o tom de pele da Sra. Hélène Moreira Salles, esse tom nacarado, inconfundível.

* * *

Os brincos de brilhantes da Sra. Joel Monteiro "brincavam de cascata"; na moldura da frisa, cintilavam tão intensamente como supponho que cintilem as "Niagara Falls" ao luar!

UM CHÁ NUM QUASI MUSEU

A Sra. Nadia Pytcowicz, de quem me lembro desde os chás do Club Paissandú, no tempo da guerra, vive num apartamento cheio de telas de mestres. Há lá desde um Tieppo-
lo, a um Salvatore Rosa, de um Meissonnier a um D'Aubigny, de um Bernardelli a um Rubens. Isso mesmo, leram bem! Um Rubens, um Anton Van Dyck, paisagens e cabeças pintadas por celebres artistas de Portugal e do Brasil — um Silva Porto, um Antonio Carneiro, um Baptista da Costa, duas telas de Paulo Gagarin. E uma esplendida coleção de... discos! A Sra. Nadia Pytcowicz recebe com a maior cordialidade, oferecendo pratos de doce e finos frios, tão grande tentação para os "Gourmands" como os seus quadros para outros colecionadores. O Sr. e a Sra. Paulo Gagarin, o Sr. e a Sra. Raul Pedroza, o Sr. e a Sra. Midel Kaneska, o Sr. e a Sra. Léopold Stern, a Sra. Mary Bordini, as irmãs Faro de Oliveira, o Sr. e a Sra. Heuber, D. Ismailovitch, a Sra. Prochnick, a Sra. Maria Margarida de Lima Pontillo, tomaram parte nesse chá a que, infelizmente, não me foi possível assistir.



O enlace matrimonial do Dr. Victor Jürgens com a Srta. Nayde Santos constituiu marcante acontecimento. O ato religioso, realizado na Igreja da Santa Cruz dos Militares, revestiu-se de rara e magnificente beleza e a ele compareceram as figuras de maior destaque da nossa política, da nossa magistratura e das nossas letras. Foram padrinhos o Prof. Cumplido de Santana e Sra. Prof. Haroldo Valadão e Sra. No ato civil serviram de padrinhos o Ministro Rocha Lagôa e Prof. Mauricio de Medeiros.

JANTAR NA EMBAIXADA DA FRANÇA

O Embaixador francês e a Sra. Gilbert Arvengas ofereceram um grande jantar em pequenas mesas, ao qual se seguiu um espetáculo "Impromptu" pelos principais artistas da Companhia Madeleine Renaud-Jean Louis Barrault. Trata-se de um assunto para desenvolver na página do "Relógio de Sol", essa esplendida festa oferecida pelos representantes do país em que, um dia, brilhou o "Roi Soleil" e continua cintilando um espírito em que o real e o fantasista deliciosamente se harmonizam.

DOIS CONCERTOS DE BRAILOWSKY

Esguio, risolho, ausente e próximo, como se, para ele, o público fosse um grande amigo, sempre afectuoso embora distanciado pelos afazeres — os seus, de tocar e os dele de ouvir! — Brailowsky interpretou Chopin, em dois concertos a que assisti, num repleto e elegante Municipal. Há uma estranha voga de afirmar que o Chopin de Brailowsky não é propriamente o dito... No entanto, ao ouvi-lo despertar aquelas vozes cristalinas que vivem encantadas como príncipe e princesas de lenda, no castelo perfeito dos Estudos, das Baladas, das Berceuses e das Mazurkas, não é preciso ser amigo desse rapaz distinto, refletido que é o Sr. Dante Viggiani, um empresário no Brasil — casado, por sinal, com uma linda moça de extraordinários olhos amendoados! —

para discordar vivamente. Cuidado com o preconceito, com a atitude, vocês, que têm e que escutam! O Sol não está com ele, creiam, nem nasce para ela. Preconceito e Atitude, que personagens de dia de chuva!

EM HONRA DE "SIR" MALCON SARGENT

Durante um dos mais recentes almoços da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, foi homenageado o célebre maestro "Sir" Malcon Sargent, um dos maiores do mundo e uma espécie de embaixador musical do seu país.

Além de reger, "Sir" Malcon reflete sobre os grandes problemas da música, falando a respeito deles com uma autoridade elegantemente disfarçada em sorrisos e frases de humor.

As suas idéias sobre a música destinada às crianças devem ser conhecidas em todo o Brasil, onde o talento musical das numerosas "babies" de 3 e 4 anos já é, por vezes, digno de respeito!

Erguendo-se para responder à interessante, sobria e significativa saudação do presidente brasileiro da Cultura, Dr. Elmano Cardim, "Sir" Malcon ofereceu-nos uma pequena obra prima do genero improvisado, pela qual tive ocasião de lhe dizer, terminada a reunião — que a diretora da Cultura, Mrs. Barnes, soube animar como sempre, com a sua jovial presença e comunicativa atividade — que todos lhe estavam gratos, pois ele trouxe ao Brasil "Words and Music" de equivalente qualidade. Com a sua silhueta esbelta,

o seu cabelo escuro, o seu ar brilhante, "Sir" Malcon poderia ser, se não fosse o grande regente inglês que é um dos conselheiros de embaixada mais distintos que saem do nosso Itamaraty!

Embaixador, não, pois seria jovem demais... Profundamente, inegavelmente britânico, entretanto, é o âmago da fina flôr de eloquência que nos ofereceu, trazendo um cravo na lapela e mil folhas de música na memória!

BOLETIM DO P. E. N. CLUB

O P. E. N. Club do Brasil, presidido pelo academico Dr. Claudio de Souza, publica um boletim que merece ser lido do principio ao fim, tantos e tão interessantes são as informações que dá sobre as outras organizações de escritores nos mais variados países e sobre as atividades da Sede brasileira e dos sócios que vivem no nosso país, além dos discursos e conferencias realizadas na sala da Av. Nilo Paçanha, um endereço que está famoso.

RECEPÇÃO DO SR. E DA SRA. CARLOS DA SILVA ARAUJO

O Dr. Carlos da Silva Araujo — que justamente esteve em Londres como representante da P. E. N. Club do Brasil — e sua es-

posa ofereceram uma recepção na sua residência da Urca. Para festejar o seu aniversário de casamento e rever um grupo de amigos, fizeram amáveis convites. Embaixadores e juizes, pintores e engenheiros, poetas e jornalistas, algumas brilhantes personalidades femininas cearam nos terraços magnificamente cercados de plantas. Plantas raras e tratadas com amor pela Sra. Silva Araujo, enquanto seu marido colecionava quadros e paletas de artistas célebres. O Presidente da Associação dos Artistas Brasileiros, que estava presente, certamente conversava sobre pintura e conferencia, como a de Celso Kelly sobre Almeida Junior, no salão da A. A. B., precisamente. Margarida Lopes de Almeida falava de amizades paulistas, o embaixador Barros Pimentel, de "pottins" cariocas, o Sr. e a Sra. Antonio Augusto Xavier dos assuntos mais variados, a Sra. Isa Uehôa mais uma vez, decerto, ouvia falar na sua semelhança de perfil com Mary Astor, o Juiz e Sra. Faustino do Nascimento conversavam com diversos grupos, o poeta Olavo Dantas falava no próximo casamento de sua filha, o Sr. e a Sra. Claudio de Souza eram cumprimentados por diversas pessoas, o Sr. Machado Portela ouvia novos elogios às suas aquerelas, o Sr. e a Sra. Paulo Gagarin comentavam as mais recentes recepções. O Sr. e a Sra. Alvaro Sodré conversavam com a encantadora Julia da Silva Araujo, sobrinha dos donos da casa.

E uma decorativa e saborosa ceia foi servida por meia dúzia de "garçons" de uma solicitude realmente notável.

CONVITES PARA CONFERENCIAS

Da Associação de Cultura Franco-Brasileira, para uma palestra de Jean Louis Barrault, da A. A. B. para uma das brilhantes conversas de Celso Kelly, da Sra. Irene Hamerlinck, pintora belga, para uma palestra no P. E. N. Club — "Immanence de la peinture moderne" — sob os auspícios daquela associação e do "Institut de Rapprochement Intellectuel Belgo-Brésilien".

O "CARNET" E OS LIVROS

"Wim L. Van Dijk" — "L'homme — Le peintre — L'Oeuvre" num elegante volume assinado por C. J. Torres Pastorino. Livro para ler e reler, creio.

NAO SOMOS NÓS QUEM O DIZ...

"ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA" — Vende-se uma coleção, 197 numeros desta bela revista. Desde 1920 (1.º número) até 1944. Tratar pelo telefone.

Este anuncio que aparece entre os milhares de anuncios de domingo do illustre "Jornal do Comercio", é um dos melhores elogios que se possam fazer a uma revista! Elogio da beleza e, implicitamente, da tradição — de "1920 a 1944". A 1.ª fase começou em 1908. Ligeiramente mais que balzaqueana, a "Ilustração" é hoje — não somos nós quem o diz! — uma inabalada formosura em meio das irmãs mais novas, a quem este "carnet" deseja um futuro igualmente feliz.

No Brasil já existem noivas para casar com todas as belezas da brilhante família dos Ilustrados! E um mesmo dos sinais do seu progresso...

UM "COC-KTAIL" E UMA EXPOSIÇÃO "PEINTRES FRANCAIS AU BRÉSIL"

O Vice-Consul da França e a Sta. de Quirielle ofereceram um "cock-tail" chamado de "pré-vernissage" aos artistas que tomaram parte na exposição, aos membros do jury, e um grupo de críticos e de personalidades diplomáticas e consulares da França. O "cock-tail" realizou-se no dia 8 de maio e a abertura da exposição no dia 10, com o apoio do Consul Geral, Sr. Jacques Clostermann, e a presença do Embaixador da França o Sr. Gilbert Arvengas, figuras de destaque nos meios franco-brasileiros e inúmeros diplomatas, como por exemplo, o embaixador espanhol, conde de Casa Rojas.

O jury compôs-se das seguintes pessoas: Sr. Antonio Bento, Sr. Flavio de Aquino, Sra. Ivone Jean da Fonseca, Sra. Maria Barreto e Sr. Marc Bercowiez. Apresentaram trabalhos numerosos artistas, profissionais e amadores:

Babette, Marquês de Barral de Montferrat, Anne Bechetoille, Pierre Clostermann, Eugène Colson, Yvonne Colson-Schwob, France Dupaty, Guy de Foucault, Monique Jaubert, Victor Laks, P. P. Lauthé, Gabrielle Mamessier, Jean Potier, Michel Simon, Jacques Van de Beuque e, fóra do catálogo, Sra. de Pierrefort, Sra. Hutzinger, Srs. Jean Français e Gauraud.

A Sra. de Quirielle junto da quadro "Bahia" — um claustro — de Anne Bechetoille, seu nome de solteira e de artista. A direita, o quadro "Ladeira da Gloria" da Sra. de Pierrefort.



Da esquerda para a direita, a Sra. Bebê da Cunha que tem, no Rio, um dos últimos salões "où l'on cause", dizem as suas amigas, e a Sra. Burmy du Smet, elegantíssima silhueta, junto do quadro do certame. A autora de "Bande Babette, que foi a revelação naniers", que nós conhecíamos bem como artista das sêdas e das rendas, trabalhou com France Dupaty, cujo quadro "Ciel Blanc" se vê à direita da foto.

Da direita para a esquerda, a Sra. Lacroix, tão apreciada pelo seu "chic" e a sua constante simpatia pelas obras de caridade, brasileiras e francesas, conversa com a Sra. Chouffour — uma parisiense que há dez anos vive no Rio e cujo bonito perfil muitos artistas já fixaram.



Da esquerda para a direita, num expressivo instantâneo, a Sra. Chouffour, a Sra. de Quirielle, a Sta. Teresa de Barros Moreira e a Sra. Violeta de Alcantara Carreira Torro, lendo atentamente o catálogo da interessantíssima exposição. De pé, o Sr. Antonio Mesquita Bonfim, e o Vice-Consul da França.



Da direita para a esquerda, a Sra. Antonio Augusto Xavier, o ministro Ataulpho de Paiva, o Sr. Jean Français — da Embaixada da França e um dos expositores — e a artista France Dupaty. Ao fundo, a Sra. Fernando Mendonza.

Grupo em que se reconhecem diversos expositores, jornalistas e diplomatas, por exemplo, o Sr. Jean Français, conversando com o Sr. Jaques Ebstein.





Instantaneo do Diretor Paula Achilles, ladeado pelo representante do Presidente da República Dr. Lopo Coelho, General Cesar Obino, e outras pessoas gradas.

Achilles, nome sobejamente conhecido dos nossos meios literários e educacionais, e que se revelou à frente do D. I. N. um administrador de larga visão, operoso e dedicado.

A antiga instituição, com tradições firmadas como órgão dos mais destacados, por suas características e finalidades, tem alcançado na atual administração um desenvolvimento incomum, tantas são as melhorias introduzidas nos serviços, de par com o que tem sido realizado visando ao bem estar da grande massa operária que ali trabalha.

Curioso é notar que, apesar das grandes reformas introduzidas, o D. I. N. não tem buscado recursos estranhos nem

A O ensejo da comemoração do 142.º aniversário da fundação do Departamento de Imprensa Nacional, foi-nos dado visitar o importante estabelecimento gráfico e lá fomos encontrar alguma coisa de soberbo em matéria de trabalho e organização.

Tudo ali se processa em moldes que atestam a orientação segura e patriótica do seu diretor, o Professor Paula

AS REALIZAÇÕES

suplementações de verbas orçamentárias, valendo-se tão somente, de economias e da arrecadação proveniente da venda de material inservível, cuja aplicação é feita mediante a mais severa fiscalização.

Desde que assumiu a direção do D.I.N., em fevereiro de 1946, o Prof. Paula Achilles, tudo há feito no sentido de implantar ali um regime tanto quanto perfeito de assistência social, para que não falte aos servidores da casa um ambiente sadio em que possam amenizar as agruras dos seus árduos trabalhos.

Um dos problemas de mais difícil solução era, por exem-



Nona amostra de livros.



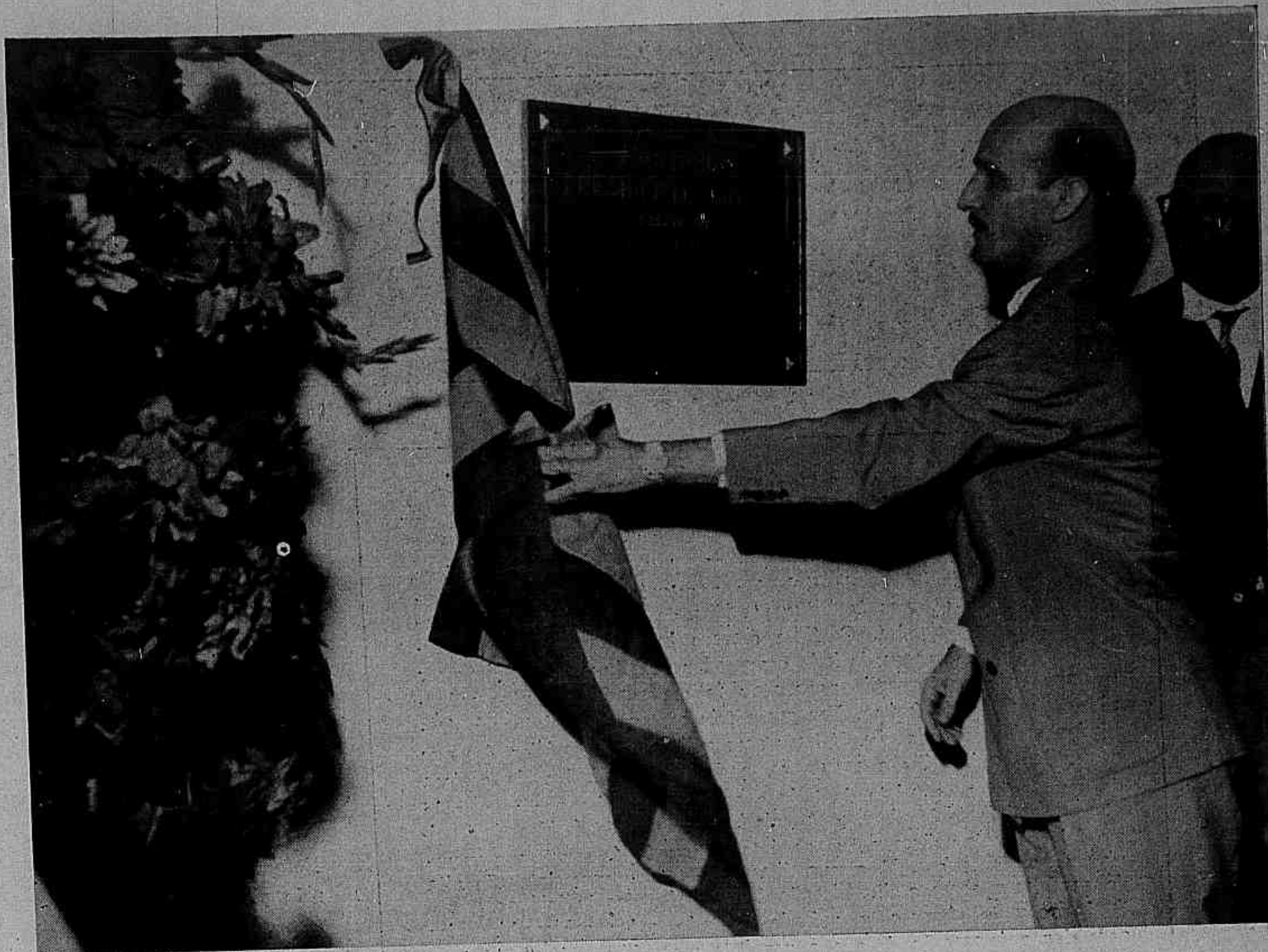
Nona amostra de livros.

plo, o das emanções de gases de antimônio nas oficinas de fundição e de gravura.

Estudando o assunto à luz da técnica moderna, determinou o Diretor Geral do D. I. N., a instalação de aparelhos apropriados para a rarefação do ar e isto veio resolver a magna questão.

A seguir, foram adquiridos modernos aparelhamentos de Raios X para a Turma de Assistência Social.

Sucessivamente, foram instaladas a farmácia e a Cooperativa Mista Imprensa Nacional Limitada, com um moderno restaurante e um bem montado armazem que estão em franco funcionamento.



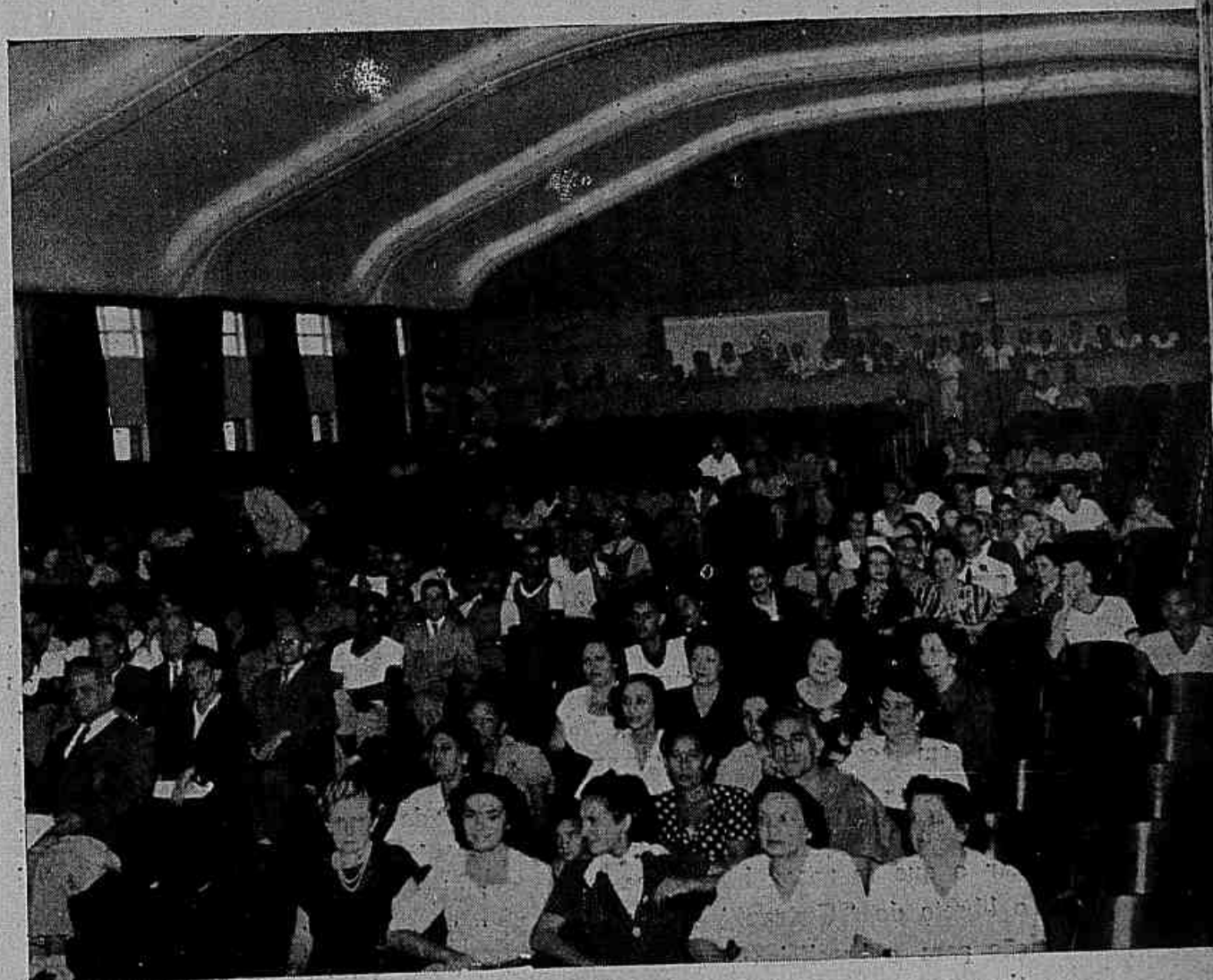
Flagrante do representante do Presidente da República, descerrando a placa comemorativa, da inauguração do Auditório Presidente Dutra.

DO GOVERNO DUTRA NO D. I. N.

No dia 13 de maio último foi inaugurado o "Auditório Presidente Dutra" com acomodações para cerca de mil pessoas, que é o maior da Capital da República, realização que honra a atual administração do D. I. N.

Dentro de breves dias será posta a funcionar a Crèche para os filhos dos servidores do estabelecimento, que tivemos a satisfação de percorrer e que é um esplendido conjunto de conforto e bem estar.

E', assim, o Departamento de Imprensa Nacional, uma casa de trabalho que honra sobremodo a quem a dirige e orgulha, com justiça, a Nação que possui.



Aspêto do Auditório.

Benção do Auditório pelo Deputado Monsenhor Arruda Camara.

Ilustração Literária

A MEMORIA DE EÇA DE QUEIROZ

Apareceu, em Portugal, um livro de Antonio d'Eça de Queiroz, com a finalidade de defender a memória do grande romancista de ataques insólitos partidos de vários setores da intelectualidade portuguesa. O filho escreve brilhantemente em repulsão aos que deixaram de lado o prosador que lhes poderia fornecer elementos de controversia para atacá-lo em supostos pontos vulneráveis da sua vida íntima. Em quase três centenas de páginas o descendente do mestre soube destruir com galhardia as insídias dos que pretendiam aviltar-lhe a reputação, e demonstrou, à luz de copiosa documentação o contrário de tudo o que de mau disseram sem apoio em prova de espécie alguma. A existência doméstica de Eça de Queiroz foi das mais nobres, a sua conduta no mundo de seu tempo exemplar e sem manchas. E a sua literatura traduz uma intenção alta de combate a erros e dignificação das virtudes dos indivíduos. É interessante observar o método adotado pelos críticos-biografos para dar a impressão de que o novelista maravilhoso da "Cidade e as serras" e da "Ilustre casa de Ramires" não passava de uma criatura desprovida de bons sentimentos, infensa ao patriotismo, ao amor da família, em consequência de um falso complexo de inferioridade que lhe teria ficado de certo incidente ligado ao seu nascimento. O propósito de descobrir na obra de um romancista traços diretamente ligados à sua própria personalidade, como se pela boca de personagens múltiplas falasse sempre o autor num penoso monólogo, levou os citados detratores a uma empreza ignominiosa sem nenhuma utilidade para o conhecimento do biografado. Console-se o filho do extraordinário artista com os resultados da sua réplica enérgica e vigorosa, porque as florações malignas não chegam a arrancar do leve o prestígio de quem passou pela terra espalhando helezia desinteressada e lições de pureza de alma. Aliás o que sucedeu a Eça de Queiroz é absolutamente igual ao que ocorreu com Casimiro de Abreu, figura da maior limpeza moral e cuja glória se fez através os seus versos que espelham uma sensibilidade angélica. Ainda há pouco a Academia Fluminense de Letras se viu na necessidade de opor a um desses biografos equivocados que desejou sujar a reputação de um homem decente os documentos idôneos que o desmentiram ruidosamente. Também aqui os malfetores agiram com desenvoltura cínica no sentido de cobrir de lodo o poeta das Primaveras", e isso sem qualquer indicação que de longe se aproximasse da verdade. Mentiras soezes, mesquinhas sórdidas, ataques aos pais do poeta, alusões ao nascimento como matéria sugestiva e determinante de atitudes infames, tudo isso foi derramado sobre um adolescente que nem sequer teria tempo, tão rápido foi o seu transito por este planeta, para reunir em si tanta baixeza. Mas, tanto aos detratores de Eça, como aos de Casimiro, a reação atirou com o valor das suas provas, aos pantanos de onde emergiram e má hora para a difusão de seus miasmas...

CARLOS MAUL.

O LIBRETO DO "GUARANI"

É sempre oportuno lembrar cousas da vida atribulada de Carlos Gomes. Ainda agora, quando por todo o Brasil se festejava a sua glória em espetáculos interessantes, como esse da Associação dos Artistas Brasileiros, vale a pena recordar o que se passou há tempos com o libreto do "Guarani" cuja tradução para o brasileiro provocou críticas e protestos de todo o ponto injustificáveis. Paula Barros o havia vertido para o nosso idioma no louvável intuito de tornar acessível aos nossos ouvintes um texto que devia acompanhar a música essencialmente de inspiração brasileira. Clamou-se contra o poeta patricio,

alegando-se que os editores italianos da opera tinham adquirido o direito também da letra. Ora, existe um documento de Carlos Gomes que nos indica o contrário, isto é, que a sua venda feita em Milão só tinha efeito na Europa. Eis o trecho de uma carta de Carlos Gomes datada de 1890 e dirigida ao seu amigo Visconde de Taunay: "A empresa do "Scala" só me dá a quantia de três mil francos e fica com o direito na Europa e metade do lucro futuro de ópera. Sómente para o Brasil eu fico proprietário absoluto, até da impressão da ópera para canto e piano e das representações teatrais. Pensei vender esse direito de impressão a algum editor do Rio, para fugir ao monopólio do

Ricordi, com quem não estou hoje muito contente. Tive porém nova desilusão ultimamente com os editores do Rio, que me recusaram dar 500\$000 por doze peças de músicas novas que para lá mandei."

Como se vê desse documento, ninguém mais pode se dizer dono dos direitos do "Guarani" dentro do Brasil. A obra com o tempo já caiu no domínio público.

OS PRÊMIOS DA ACADEMIA BRASILEIRA

Foram concedidos na última reunião plenária de Maio passado, da Academia Brasileira de Letras. Tais distinções se referem ao ano de 1948.

Os prêmios Coelho Netto e Olavo Bilac não foram concedidos. O de Machado de Assis, relativo ao conjunto de obras, foi ganho pelo sr. Eugenio Gomes. O sr. Humberto Bastos recebeu o de Economia e a sra. Lucia Benedetti venceu o de Teatro. O prêmio Afonso Arinos foi outorgado ao sr. Dirceu Quintanilha, com a obra "Novos Mundos em Vila Tereza". O prêmio Silvio Romero, de ensaios, conquistou-o o sr. Roberto Alvim Corrêa.

O NOVO MEMBRO DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

A Academia Fluminense de Letras elegeu para a cadeira Ezequiel Freire, de que foi ocupante o ilustre político e escritor Manuel Duarte, o eminente crítico e romancista Eloy Pontes, personalidade das mais destacadas da literatura brasileira contemporânea. A recepção do autor de "Vida inquieta de Raul Pompeia" e da "Vida dramática de Euclides da Cunha" verificou-se no mês findo. Recebeu Eloy Pontes o escritor e poeta Carlos Maul.

UM SONETO DE CARLOS DRUMONT DE ANDRADE

Num dos suplementos literários do mingueiros acaba de ser publicado um soneto o sr. Carlos Drummond de Andrade. O fato causou estranheza porque o poeta é considerado como um dos maiores inimigos desse gênero. Aconteceu, entretanto, que o soneto em questão é obra bem acabada, muito melhor do que tudo o que o autor tem escrito de acordo com os métodos da sua escola estapafúrdia. Quem sabe se o sr. Drummond de Andrade não está procurando o caminho da verdadeira e eterna poesia, aquêle em cujo meio não aparece nenhuma pedra?

CONFERÊNCIAS

A vida e a obra de Almeida Junior foi objeto de uma esplêndida conferência de Celso Kelly na Associação dos Artistas Brasileiros. Crito de arte emérito, professor acatado, Celso Kelly conseguiu manter a atenção de um seletor e numeroso auditório presa à sua palavra eloquente durante mais de uma hora, dando-nos uma impressão palpitante do que foi o mestre precursor de pintura nacionalista em nosso país. Através dos conceitos e observações agudas do Celso Kelly o mágico do "Caipira negaceando", da "Fuga para o Egito", de "Repouso do modelo", reviveu aos nossos olhos como um dos maiores entre quantos vêm construindo a grandeza artística da nossa terra.

O general Valentim Benício da Silva proferiu, especialmente convidado, uma conferência no Liceu Literário Português sobre um tema sugestivo: D. João VI e D. Pedro I. As duas figuras históricas foram tratadas pelo eminente militar e escritor patricio à luz de documentos preciosos e pouco conhecidos. Um perfil interessante de cada um desses personagens do passado brasileiro foi o que traçou o conferencista com grande poder evocativo e raro colorido. Essa conferência foi uma das aulas de história que o Liceu mantém com êxito.

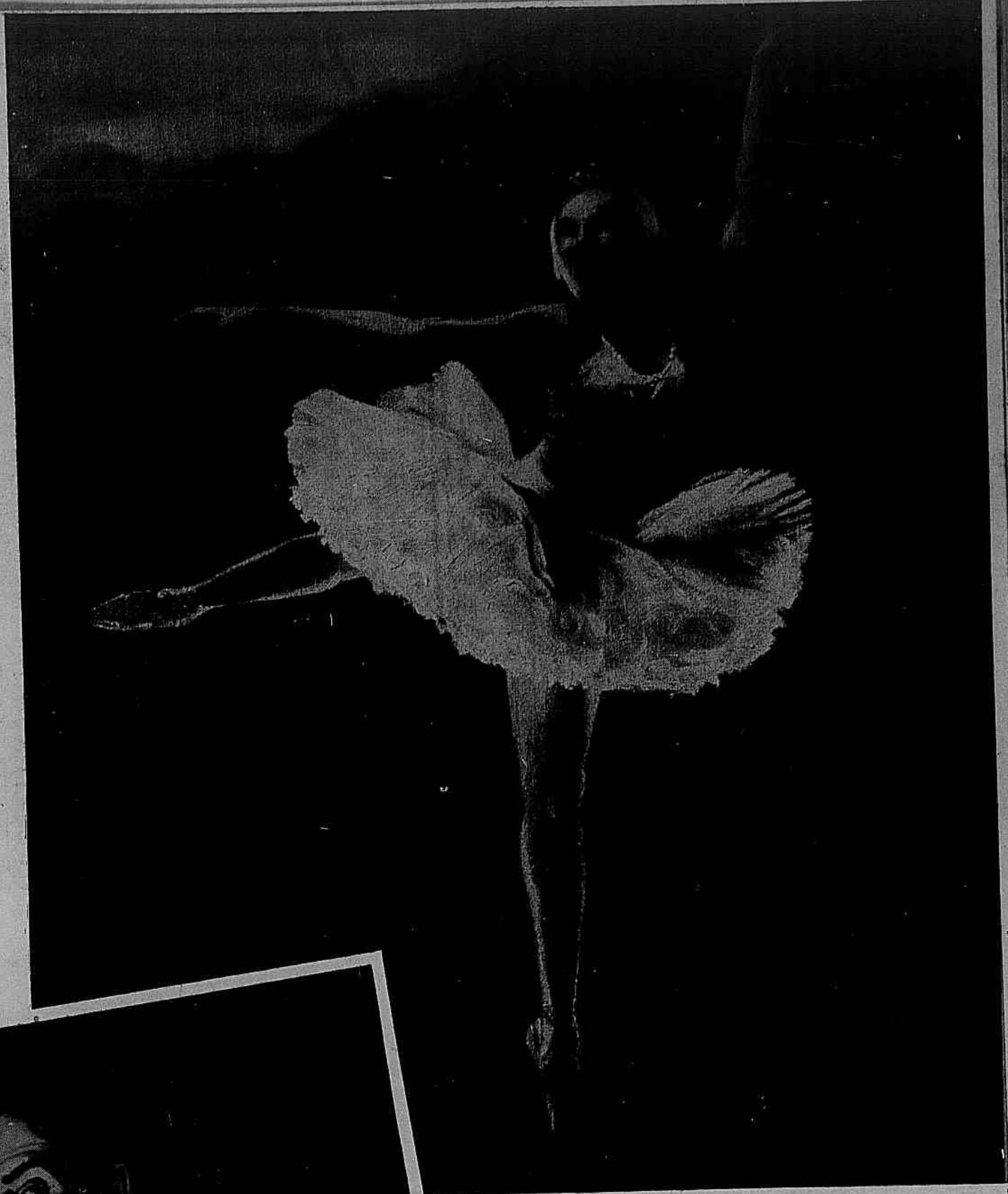
LIVROS DO DIA

"Rio Doce" é o novo livro do coronel Salm de Miranda, personalidade de relevo no Exército e membro da Comissão Diretora da Biblioteca do Exército. Trata-se de um trabalho de estudo de hábitos, geografia da região do grande curso d'água que percorre uma parte de Minas e artavessa o Espírito Santo. Prosador brilhante, sociólogo de envergadura, o coronel Salm de Miranda fixou nessas páginas de profunda observação aspectos característicos de um dos ambientes mais sugestivos do interior do Brasil. Desfilam nesse livro figuras, paisagens coloridas, costumes humanos, que constituem um tipo de vida sertaneja digno de ser apreciado pelos que de longe supõem ver o país através de lentes otimistas e ignoram a realidade trágica de que ocorre em paragens distantes de civilização. "Rio Doce" é um dos melhores ensaios ultimamente escritos sobre esse trecho do Brasil.

EXPOSIÇÕES

Edmond Roustan, pintor de excepcionais qualidades, expoz mais uma vez com sucesso os seus trabalhos no salão da Associação dos Artistas Brasileiros no Palace Hotel. Admirável na pintura de flores, êle não o é menos também de figura, como se pode verificar de suas bailarinas, ageis, movimentadas, cheias de poesia, como esta que aqui reproduzimos numa atitude encantadora.

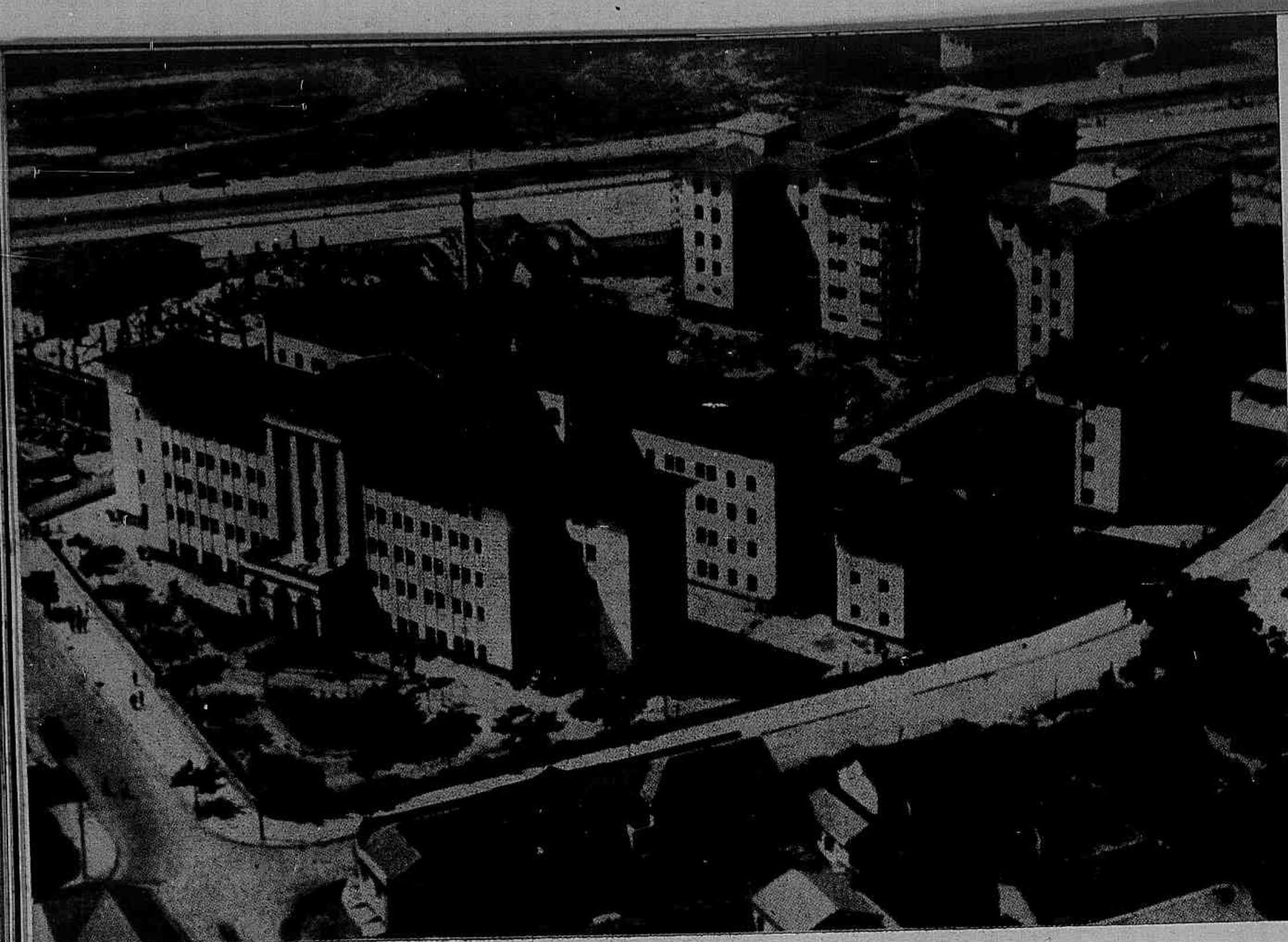
Assis Pacheco como il "Duca di Mantova"
(Rigoletto) Têla de Gaetano de Gennaro.



"Bailarina" — Têla de Edmond Roustan



No movimento artístico de São Paulo, Gaetano de Gennaro é dos que ocupam posição de primeira linha. É um dos melhores retratistas da cidade, um interprete primoroso de fisionomias. A sua última exposição no Teatro Municipal da capital paulista representou mais uma vitória de seu esforço e do seu talento. Os retratos que ali exibiu, falaram por si mesmos da sensibilidade com que esse mestre sabe tratar o assunto que mais o empolga.



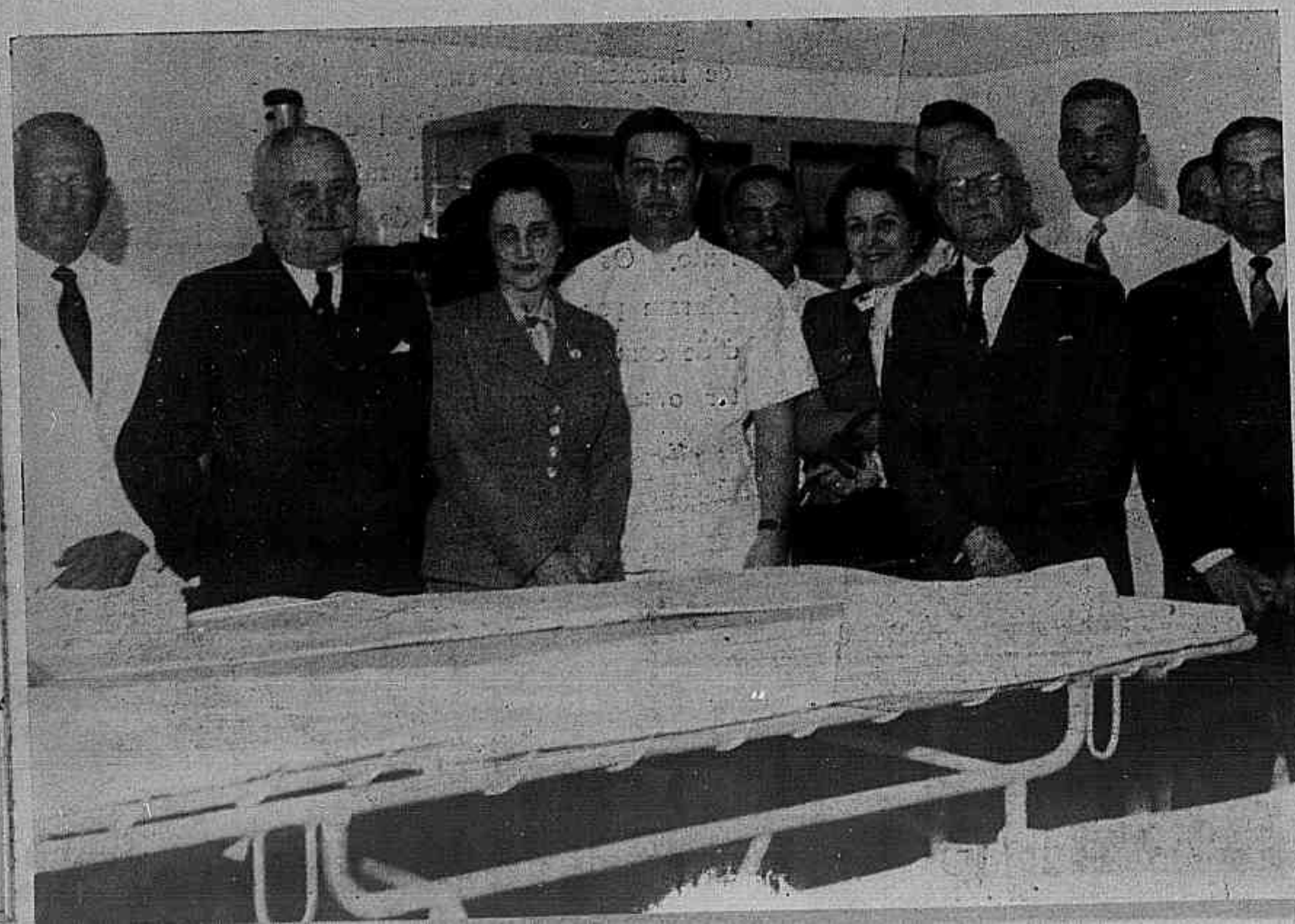
O grandioso conjunto do Hospital do I.A.P.E.T.C. nesta capital obra social das mais completas no mundo.

O Presidente Eurico Dutra inaugura o novo Pavilhão do Hospital I.A.P.E.T.C.

PROMESSA QUE SE CUMPRE

OBJETIVA-SE O PLANO DE ASSISTÊNCIA MEDICO-HOSPITALAR PROMETIDA PELO PRESIDENTE DUTRA AOS TRABALHADORES. A OBRA DE ADMINISTRAÇÃO HILTON SANTOS. — NOVO PAVILHÃO DO HOSPITAL I. A P. E. T. C. NESTA CAPITAL

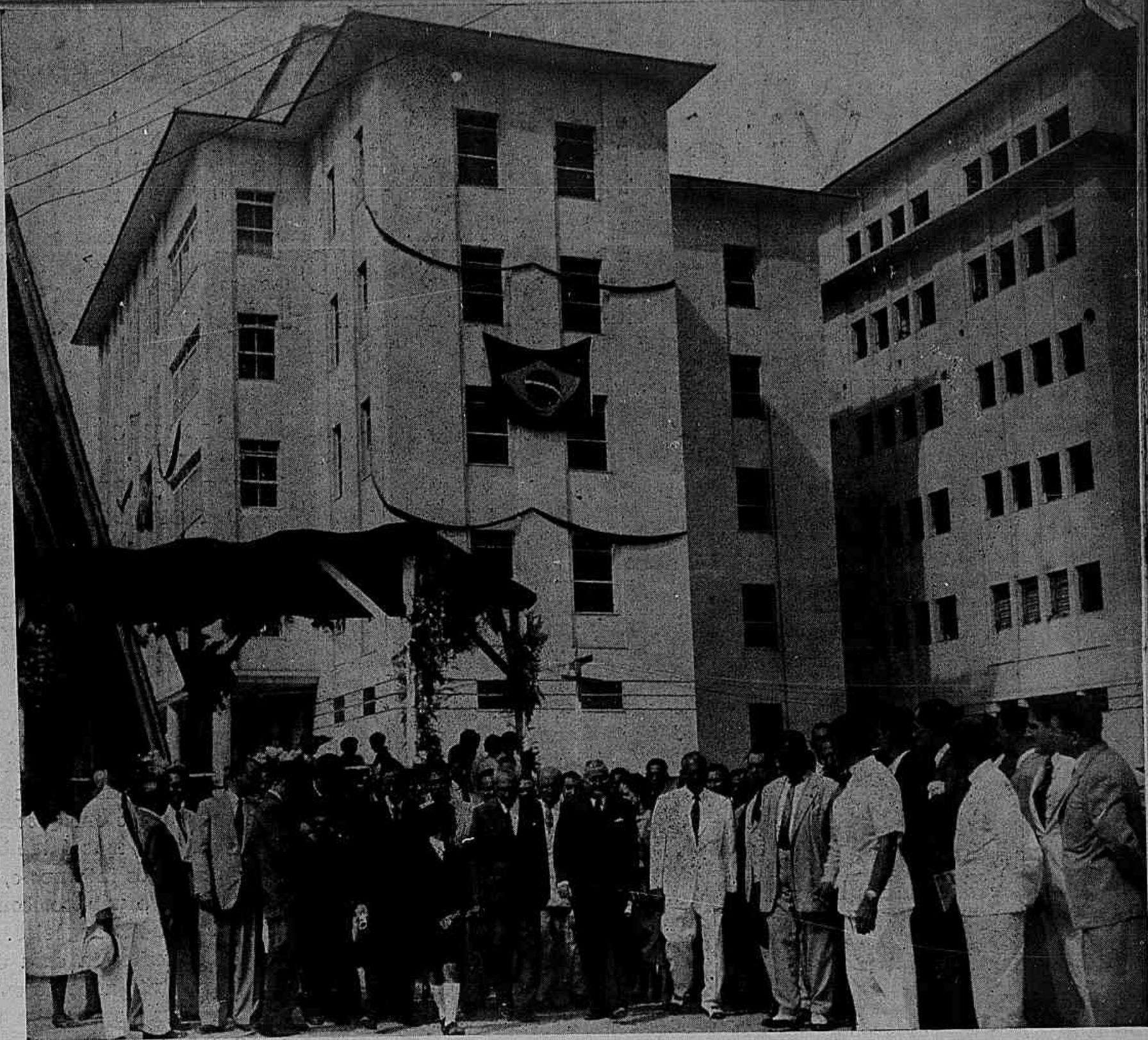
O Presidente Dutra, em companhia do Sr. Hilton Santos, de médicos e visitantes, percorre as dependências do novo pavilhão.



Mais de uma vez temos tratado nestas paginas da obra notável que o Sr. Hilton Santos realizou em sua administração, como presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas, obra que, num gesto de extrema modestia, não se cansa de atribuir à exclusiva orientação do Sr. Presidente da Republica, General Eurico Gaspar Dutra. O Chefe do Governo tem dado, de fato, muito de sua atenção às necessidades mais prementes dos trabalhadores, procurando suavisar-lhes a existência neste arduo periodo que atravessamos, mas o Sr. Hilton Santos, como nenhum outro presidente de autarquia, objetivou o plano de assistência social do atual governo, que bem traduz sua alta compreensão dos problemas humanos em nosso país. Observando-se imparcialmente as iniciativas do General Dutra, nesse terreno, conclue-se que o nosso operariado já não vive, com suas famílias, oprimido pela miséria, sujeito às mais tristes condições de vida. Os empregados em transportes e cargas, especialmente, têm casas higiênicas e confortáveis em diversos pontos do território nacional, ampla e completa assistência medico-cirurgico-hospitalar, que se vem

desenvolvendo extraordinariamente desde 1946, além do plano de previdência, que é, no I.A.P.E.T.C., o mais vantajoso. A assistência médico-hospitalar merece especial referência, porque é, em todo o país, a de maior rendimento e eficiência. Compreende cinco grandes hospitais localizados no Rio, em São Paulo, Recife, Porto Alegre e Salvador — os quatro últimos prestes a serem inaugurados; ambulatorios para acidentados no trabalho no Rio, nos Estados e até mesmo em pleno sertão. Presentemente dispõe o I.A.P.E.T.C. de 2.758 leitos para os seus segurados. O hospital desta capital, na Avenida Londres esquina da Avenida Brasil, so ele, constitui esforço grandioso. Ocupa vasta área, com diversos pavilhões, nos quais estão instaladas as clínicas, o isolamento, o banco de sangue, a maternidade, o berçário — supervisionado carinhosamente pela Sra. Olga Santos — a indústria farmacêutica. Os contribuintes da autarquia reconhecem os inestimáveis serviços que o governo Dutra prestou. Ao referir-se ao trabalho do seu oporoso auxiliar, disse o chefe do governo:

“Assinala uma etapa de indiscutível progresso o cuidado dispensado, em 1949, pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Em-



O pavilhão de Clínica Traumato-Ortopédica, recém-inaugurado.



O Sr. Hilton Santos quando pronunciava o seu discurso sobre a grande obra social do governo do General Dutra.

pregados em Transportes e Cargas, às questões médico-hospitalares. Despendeu essa instituição, com o referido serviço, a vultosa quantia de Cr\$ 90.045.208,40, a qual ultrapassou as despesas de todos os demais benefícios regulamentares. O número de atendimentos efetuados pelos ambulatorios e hospitais desse Instituto foi superior a 1.200.000 entre segurados e beneficiários”.

O General Eurico Dutra, em companhia de ministros de Estado, do presidente do I. A. P. E. T. C., de parlamentares, inaugurou mais um pavilhão do grandioso conjunto do Hospital desta capital, o de Clínica Traumato-Ortopédica. Ao penetrar no pavilhão, sob os aplausos de grande massa de trabalhadores, o chefe do governo foi saudado pelo professor Luís Capighioni, membro do Conselho Científico do Hospital, que enalteceu a atuação do governo no campo da assistência hospitalar.

O Sr. Manuel Fonseca, presidente da Federação Nacional dos Estivadores, expressou o agradecimento das classes trabalhadoras filiadas ao Instituto pelos grandes benefícios recebidos. Por

ocasião do “cock-tail” servido aos presentes, o Sr. Hilton Santos agradeceu as manifestações de simpatia tributadas ao chefe do governo e à sua pessoa como chefe da autarquia e executor do grande empreendimento, afirmando que aquela obra é o testemunho mais eloquente do alto interesse do Presidente Dutra pelo bem estar do povo brasileiro.



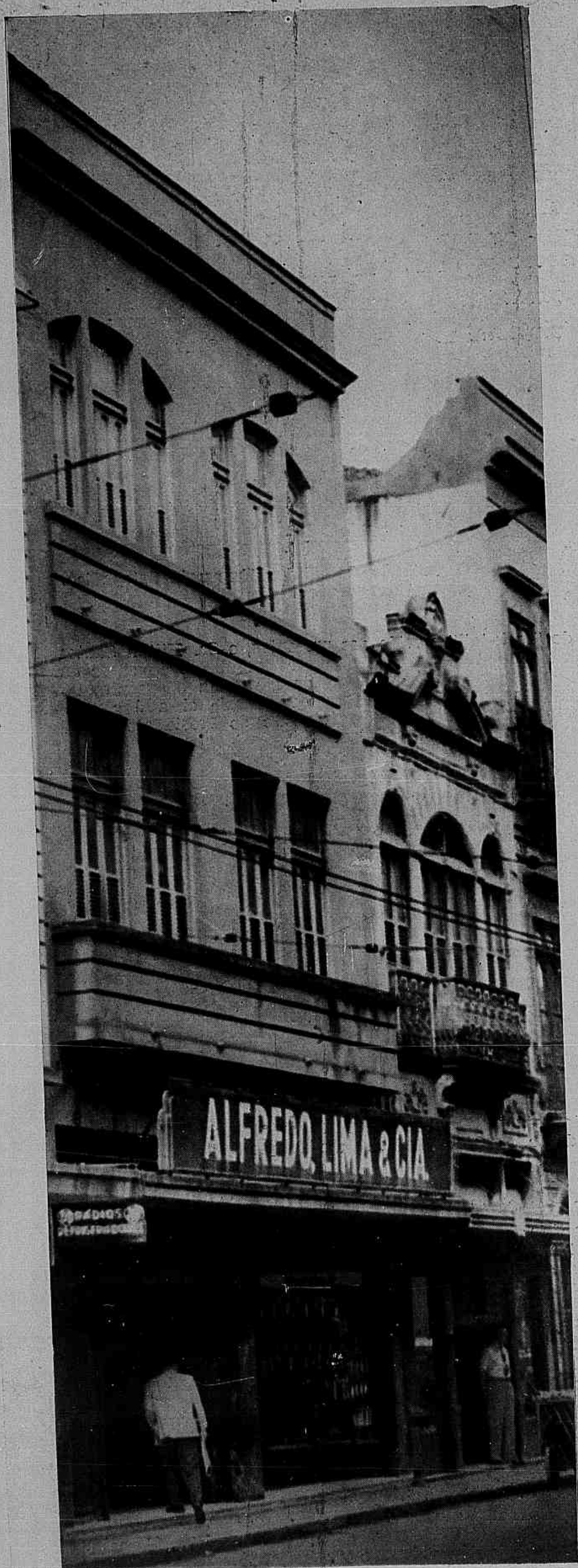
O Dr. João Borges Filho, no Guanabara, entregando à Sra. Lynch em nome do Jockey Club Brasileiro um cheque de Cr\$ 200.000,000.

FLAGRANTES DO JOCKEY CLUB

Na Tribuna da Imprensa, depois do “Prêmio Luiz Alves de Almeida”, o Dr. Mendes Campos congratula-se com a Imprensa e com a Diretoria do Jockey Club Brasileiro em nome do Dr. Roberto Alves de Almeida.



A Vitória Do Trabalho e Dos Bons Propósitos



Completo vinte anos de existência a firma **ALFREDO LIMA & CIA**, grande e acreditada casa de ferragens desta capital

O comércio moderno, no sentido exato da palavra, não se restringe à atualização das mercadorias nem à montagem, mais ou menos luxuosa e imponente dos estabelecimentos que ornamentam e enriquecem uma cidade.

E' isso, mas é também o sistema de transacionar, a organização dos serviços internos e, principalmente, o propósito honesto de compreender o público, conquistando-lhe a confiança, dando-lhe a certeza de bons negócios.

A conhecida casa de ferragens **ALFREDO, LIMA & CIA**, completou vinte anos de existência no dia 15 do corrente mês de Maio. Esta data de regosijo para quantos cooperam no engrandecimento da firma, merece ser publicamente anotada, como pedra do edifício moral de sua história.

E' que nesta organização existe uma singularidade digna de destacar-se: todos aqueles que compõem a firma foram auxiliares que passaram pelas diferentes categorias ou funções, lutando com fé pela vitória do empreendimento, muito antes de pensar que seus nomes se integrassem na sociedade.

Dessa união de esforços, que ainda se mantém, desse entusiasmo pelo trabalho que é, afinal, em qualquer campo, um incentivo para a própria vida, surgiu o atual esplendor da firma **ALFREDO, LIMA & CIA**, cujo futuro se desenha francamente promissor.

Seu comércio abrange todos os artigos de ferragens, incluindo tintas e materiais de sua especialidade para construções, tudo isso importado diretamente do exterior ou das melhores fábricas nacionais.

A instalação abrange os três andares do prédio situado à Rua Buenos Aires, n.º 161, possuindo também amplo depósito à Rua Alexandre Mackenzie, n.º 96, nesta capital.

No estabelecimento de vendas observa-se a cuidadosa discriminação dos inúmeros objetos que compõe aquele complexo ramo de negócio, facilitando a aquisição pelo controle preciso de mercadorias, seus preços, origens e "stocks".

A firmeza administrativa é rigorosa; a diretriz comercial assenta no princípio de ressaltar a reciprocidade de interesses, estabelecendo perfeito equilíbrio entre os desejos da casa e os direitos dos freguezes, alcançando, assim, aquilo que constitui o segredo das grandes vitórias comerciais, não apenas materialmente, mas, sobretudo, pelo conceito adquirido no espírito público.

Verifica-se, portanto, que a firma **ALFREDO, LIMA & CIA**, assinalou, ao cumprir essa "étape" em 15 de Maio, o caminho seguro que a tornará, dentro de mais alguns anos, uma tradição entre as mais brilhantes realizações do comércio carioca.

O regosijo que a todos anima é o resultado do perfeito entendimento no trabalho e da cooperação leal que se manifesta em todas as funções, desde o chefe da firma, Sr. José da Silva Lima, a todos os demais, cujos nomes cabem nesta merecida referência, justificada pelo transcurso da festiva data. São eles:

Daniel Antunes Martins, Rufio Machado, Alexandre Pereira da Silva, Armando Rodrigues e Antonio de Campos Pereira.

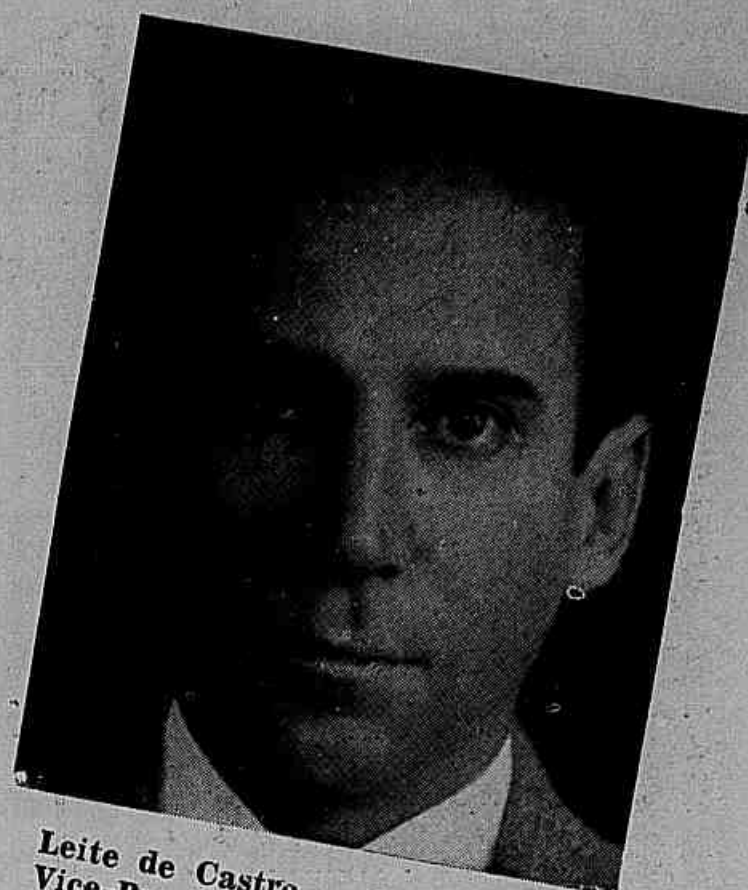
Sem favor, o comércio de ferragens do Rio de Janeiro possui na firma **ALFREDO, LIMA & CIA**, um digno expoente; e o público em geral, particularmente os construtores, encontra neste bem organizado e completo estabelecimento um fornecedor à altura das exigências da época presente.



Gama Filho — 1.º Vice-Presidente (PSD).



Murilo Lavrador — Presidente (UDN).



Leite de Castro — 2.º Vice-Presidente (UDN).



Alvaro Dias — 2.º Secretário (PSD).



João Luiz Carvalho — 1.º Secretário (PTB).

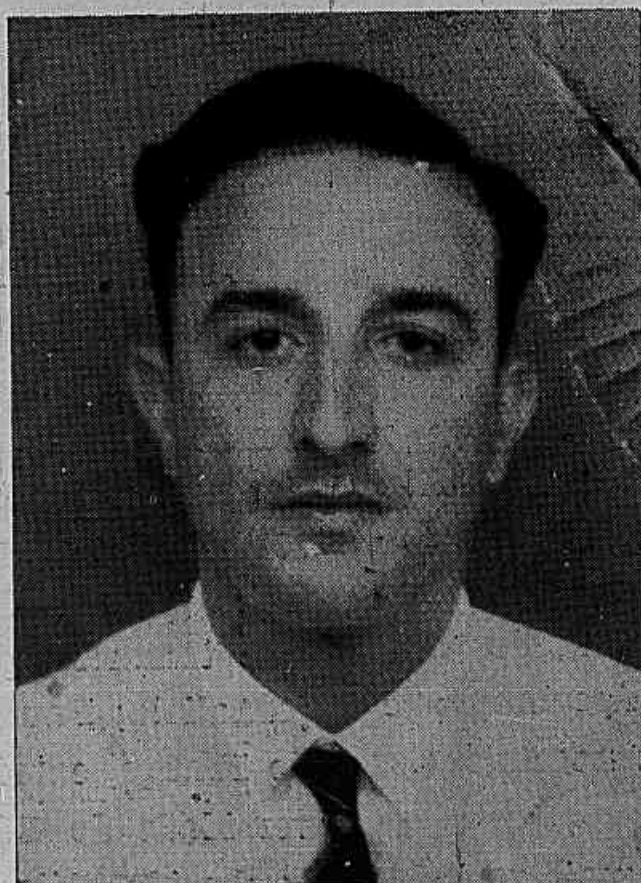


Júlio Catalano — 3.º Secretário (PSD).

CAMARA DO DISTRITO FEDERAL

Geraldo Moreira — 4.º Secretário (PTB).

Termina a 31 de janeiro de 1951 a 1.ª Legislatura da Câmara da Cidade, cujos Vereadores, em número de 50, tomaram posse em março de 1947. Cassados os mandatos dos dezoito Vereadores Comunistas, a Câmara do Distrito passou a funcionar com trinta e dois representantes do povo Carioca. Apesar das dificuldades decorrentes da exigência de "Quorum" estabelecida na lei Orgânica para uma composição mais elevada, os trinta e dois Vereadores têm levado a bom termo a tarefa que lhes tem sido distribuída nas três sessões legislativas correspondentes a 1947, 1948 e 1949, sendo de esperar que o mesmo se dê em 1950.



A primeira Mesa foi presidida pelo Ministro João Alberto, membro do Partido Trabalhista Brasileiro. A de agora é a seguinte:

Murilo Lavrador — Presidente — (UDN).
Gama Filho — 1.º Vice-Presidente — (PSD).
Leite de Castro — 2.º Vice-Presidente — (UDN).
João Luiz Carvalho — 1.º Secretário — (PTB).
Alvaro Dias — 2.º Secretário — (PSD).
Júlio Catalano — 3.º Secretário — (PSD).
Geraldo Moreira — 4.º Secretário — (PTB).

PERFEITAMENTE, SENHOR PERITO!

UM PROGRAMA DE
PRESTIGIO NACIONAL
NA RÁDIO CULTURA DE
SÃO PAULO

Uma frase que foi incorporada na gíria do povo. Um programa de rádio que desafia o tempo: 3 anos de sucesso permanente. — Alvisé Assunção convence os intelectuais a aderirem ao Rádio, "DESAFIO AOS CATEDRATICOS" — cultura ao alcance do povo, de forma diferente, original e agradável.



Sem dúvida alguma que a difusão de cultura entre o povo é uma das finalidades mais importantes do Rádio. Mas quando se cogita de produzir um programa sensacional, surge logo o problema de como interessar o povo, a grande massa, num programa dessa natureza. Essa dificuldade foi superada pelo popularíssimo programa "DESAFIO AOS CATEDRATICOS" a interessante audição que a Rádio Cultura de São Paulo apresenta todas as terça-feiras, das 20,30 às 21,00, em 1300 klos, sob o comando desse "gentleman" do microfone que é J. Alves Assunção e com a colaboração de destacadas figuras dos nossos meios intelectuais e científicos.

Os ouvintes enviam suas perguntas sobre os mais variados

assuntos e elas são respondidas ao microfone pelos próprios catedráticos. Uma das notas interessantes desse programa é que qualquer pergunta embora respondida pelos catedráticos é sempre premiada com 50 cruzeiros. Não sendo satisfatoriamente respondida pelos catedráticos o consulente recebe 250 cruzeiros.

No clichê vemos um aspecto colhido na audição de terça-feira passada de "DESAFIO AOS CATEDRATICOS" em que tomaram parte os Drs. Menotti Del Picchia, poeta e jornalista; Paulo Sawaya, catedrático de zoologia e Eduardo França, catedrático de História Moderna, ambos da Universidade de São Paulo e Napoleão Mendes de Almeida, conhecido filólogo.

FESTAS CENTENÁRIAS DE JUIZ DE FÓRA

A 31 de Maio de 1850 era fundada, às margens do Paraibuna, a cidade de Juiz de Fôra, que iria, menos de cem anos depois, transformar-se numa das mais ricas e adiantadas de todo o Brasil.

Juiz de Fôra é, hoje, com efeito o primeiro município brasileiro, possuindo um parque industrial que constitui legítimo orgulho e que lhe valeu o cognome honroso de "Manchester mineira", na expressão feliz de Rui Barboza, por sinal, um dos seus maiores admiradores.

Avenida Rio Branco



Rua Halfeld, principal da cidade.



Praça Antonio Carlos, homenagem da cidade a um dos mineiros ilustres que mais serviços lhe prestaram.

Segundo dados recentes coligados pelo I. B. G. E., Juiz de Fôra tem 129.272 habitantes. Sua população pecuária é de 59.000 bovinos, 26.000 suínos, 1.670 ovinos, 2.700 equinos e 1.200 caprinos. Possui ainda 843 estabelecimentos industriais e 250 agrícolas; 165 escolas primárias, 11 secundárias, 6 superiores e 39 diversas; 14 hotéis, 10 bancos, 76 templos católico-romanos, 11 protestantes e 19 espíritas. Está situada a 550 mts. de altitude e sua temperatura média é de 20,5, o que lhe proporciona um clima ameno e saudável.

A arrecadação municipal atingiu, em 1949, 22.500.000 cruzeiros, uma das maiores de todo o país. Mas apesar de toda essa pujança econômico-financeira, Juiz de Fôra não pôde realizar um programa de festejos comemorativos do seu centenário, à altura de suas tradições. Profunda divergência surgida entre o prefeito Dilermano Cruz e as classes conservadoras foi a causa dos lamentáveis acontecimentos. Alcançou brilho, entretanto, o programa elaborado pelo general Onofre Muniz, comandante da 4.ª Região Militar, que proporcionou aos juizdeforanos instantes de alegria e felicidade. Desse programa constou, outrossim, a realização do congresso encarástico, que atraiu multidões de fiéis de todos os pontos de Minas e do Distrito Federal.

UMA CASA QUE HONRA JUIZ DE FÓRA

A IMPORTADORA AUTO GLOBO LTD. INAUGURA SUAS INSTALAÇÕES COM A PRESENÇA DAS AUTORIDADES LOCAIS

Associando-se aos festejos do centenário de Juiz de Fôra, a Importadora Auto-globo Limitada, de cuja firma fazem parte os Srs. Dr. João Felício Fernandes Junior, Dona Helena Fonseca, José Baptista Brochado, Gilson Lobo, Raimundo Baptista Brochado, com a presença do Sr. General Onofre Muniz, comandante da Região Militar, Dr. Altamiro de Oliveira, representando o Sr. Dilermando Cruz, Prefeito da Cidade, personalidades de destaque da sociedade local, representantes da imprensa e do rádio, inaugurou, festivamente, as suas instalações modelares à avenida Getúlio Vargas, 340.

Iniciou a solenidade a bênção às instalações pelo reverendo padre Newton Pimenta, que, em palavras carinhosas, disse de sua satisfação de se achar presente como sacerdote e ser sua missão muito grata, cabal demonstração de fé dos componentes da firma, à qual desejava muita prosperidade como o merecem.

Como Presidente da firma, que representa no Estado de Minas a MAN, Fábrica de Caminhões, tratores e motores a óleo Diesel; Distribuidores de Borgof S/A, e equipamentos elétricos "Lucas", de 6 e 12 volts, usou da palavra o Dr. João Felício Fernandes Junior, que, num belo improviso, focalizou a bênção do Reverendo Newton Pimenta, agradeceu a presença do Sr. General Onofre Muniz, do Sr. Altamiro de Oliveira, representante do Sr. Prefeito, representante da imprensa, rádio e demais convidados, declarando ser a presente inauguração a modesta contribuição da Auto-globo Limitada associando-se ao Centenário da Cidade. Usaram ainda da palavra associando-se à solenidade o Sr. General Onofre Muniz, o Sr. Altamiro de Oliveira, em nome do Prefeito e o nosso companheiro D. Antonio de São Pazo pela nossa revista.

Focalizaram os oradores a experiência da firma na especialidade de acessórios para automóveis e em transportes, pois, a mesma é possuidora de uma conceituada empresa de Transportes. A Auto-globo Limitada desejando expandir o seu campo de ação, dentro de breve, inaugurará uma filial em Belo Horizonte, já estando bem adiantados os trabalhos de adaptação ao ramo da loja na Capital Mineira.

Aos presentes foi oferecido um fino lunch acompanhado de champagne.

Flagrante da inauguração, vendo-se o Sr. General Onofre Muniz, na ocasião em que uma Sra. da Sociedade local procedia ao ato inaugural.



LONG-LIFE

Meias de fina qualidade



Produto das Indústrias
Schuery & Musse Ltda.



Rua Fonseca Hermes, 73

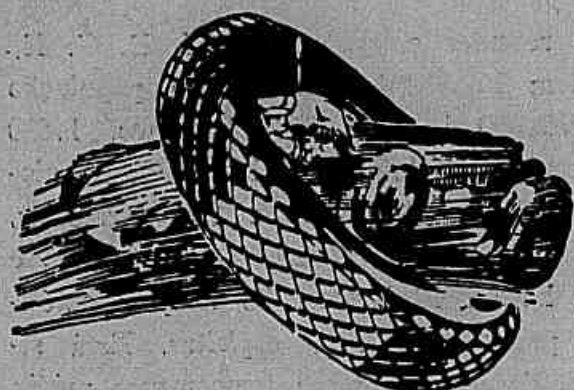
Juiz de Fôra

FIRMAS QUE SE ASSOCIAM AO CONGRESSO EUCARISTICO E AO CENTENARIO DE JUIZ DE FÓRA

Fabrica Domingos Lopes

FOGOS EM JUIZ DE FÓRA
Só De DOMINGOS LOPES

J. R. BATISTA



P E Ç A S E
A C E S S Ó R I O S
— P A R A —
A U T O M Ó V E I S E
C A M I N H Õ E S
I N T E R N A T I O N A L,
— F O R D E —
C H E V R O L E T

Rua Getulio Vargas, 321 Juiz de Fôra

CIA. DIAS CARDOSO S. A.

RUA HALFELD, 342

Teleg. PROGRESSO

JUIZ DE FÓRA MINAS

Grande estabelecimento gráfico —
Papeleria — Brinquedos instrutivos
— Fabrico e reforma de instrumentos
de música.

Fabrica de Papel
"União Industria"

E. GOMES ALVES

Av. Dos Andradas 1146 - Juiz de Fôra

Deposito: R. do Lavradio 42, Rio de Janeiro

Industria Santa Helena Limitada

Barbante de algodão nacional: — crús, gomados,
tintos e alvejados. — Fios para crochet, cerzir e
bordar, tintos, alvejados e mercerizados.

CAMPEÃO

MARCA REGISTRADA

RUA BENJAMIN CONSTANT, 326 — Caixa Postal, 254
End. Teleg. "Santelena" — Fone 3279
JUIZ DE FÓRA — MINAS GERAIS

Mariano Procopio Ferreira Lage, a figura de maior destaque entre os fundadores de Juiz de Fôra, nasceu na cidade de Barbacena, em 1821.

Negociante e industrial, entregou-se a diversos cometimentos que muito contribuíram para o desenvolvimento de toda a região, tais como a estrada macadamizada de Juiz de Fôra a Entre Rios e Petrópolis, — destinada especialmente ao transporte de café — e o aperfeiçoamento da raça cavalar, durante a sua presidência na Companhia União e Industria, na Escola de Agricultura e Colonia, e no Prado Fluminense, em Juiz de Fôra.

Exerceu, outrossim, o cargo de diretor das Docas da Alfandega e era deputado à Assembléa Geral Legislativa e diretor da Estrada de Ferro D. Pedro II quando faleceu, em Fevereiro de 1872.

Realisou diversas viagens à Europa, no desempenho de funções oficiais, tendo sido con-

Mariano Procopio

E A FUNDAÇÃO DE JUIZ DE FÓRA

decorado com a Dignataria da Ordem da Rosa, com a Comenda de Cristo e com o Oficialato da Legião de Honra, da França. Na direção da Estrada de Ferro Pedro II, sua administração foi uma das mais fecundas daquela ferrovia, tendo êle iniciado uma série de melhoramentos que culminaram com a reforma do Regulamento, a construção de um novo edificio na estação da Corte, o aparelhamento das oficinas de S. Digo e do Engenho de Dentro e o prolongamento simultaneo de três pontos da linha: Barra do Pirai a Cachoeira, Entre Rios (hoje Três Rios) a Porto Novo do Cunha e Entre Rios a Juiz de Fôra.

Mariano Procopio era filho de José Mariano Ferreira Armond e de d. Maria José de Santa

Ana (Baroneza de Sant'Ana), fundadores da celebre fazenda "Fortaleza de Sant'Ana", hoje propriedade do dr. João de Rezende Tostes. Desposara a sra. Maria Amalia Ferreira Lage, tendo desse consorcio nascido 7 filhos, dentre os quais os srs. Frederico Ferreira Lage e Alfredo Ferreira Lage, — este, fundador do Museu Mariano Procopio, monumento de arte que honra o Brasil. Suas reliquias historicas são as mais preciosas e sua pinacoteca das mais raras, contendo telas de Fraurnard, Prud'hon, Isabey, Cobert, Daubigny, Pedro Americo, Parreiras, Batista da Costa, Bernardelli, Amoedo, Décio Vilares e outros.

Num gesto de grande patriotismo e desprendimento, o dr. Alfredo Ferreira Lage o doou, ainda em vida, à Prefeitura Municipal de Juiz de Fôra.

Mariano Procopio foi, como se viu, uma das figuras de maior relevo, não somente de Juiz de Fôra, mas de todo o Brasil.

O BANCO DE CRÉDITO REAL DE MINAS GERAIS E O CENTENÁRIO DE JUIZ DE FORA

O BANCO DE CRÉDITO REAL DE MINAS GERAIS S. A. celebrou a sua assembléa de instalação a 23 de Janeiro de 1889. Teve a aprovação de seus estatutos e autorização para funcionar, com sede na cidade de Juiz de Fora, que ora comemora o seu centenário, pelo decreto imperial n.º 10.317, de 22 de Agosto do mesmo ano, firmado por Sua Magestade D. Pedro II, e deu início às suas operações regulares a 5 de Setembro de 1899, com o capital social de quinhentos contos de réis, dividido em 2.500 ações de 200 mil réis cada uma.

Foram incorporadores do banco os Srs. Dr. João Ribeiro de Oliveira e Sousa, Francisco Batista de Oliveira e Visconde de Monte Mário.

Hoje êsse estabelecimento, que tão inestimáveis serviços tem prestado ao comércio, à indústria e à lavoura de todo o país, possui um capital realizado de Cr\$ 70.000.000,00 (setenta milhões de cruzeiros), que será aumentado para cem milhões de cruzeiros, conforme autorização da assembléa geral dos acionistas, realizada em 29 de abril do corrente ano, e reservas que atingem a Cr\$ 81.000.000,00.

Seu balancete de Março último atesta, da forma mais exuberante, a solidez econômica e financeira do referido banco, que é hoje, indiscutivelmente, um dos maiores e mais conceituados de todo o Brasil. Dêle extraímos os dados seguintes:

Capital e reservas	Cr\$ 151.000.000,00
Total dos depósitos	Cr\$ 2.164.907.852,90
Soma do ativo	Cr\$ 6.181.988.471,90

Seus departamentos, em número superior a 80, se acham localizados nos Estados de Minas, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Bahia, Paraná e Distrito Federal, sendo vastíssima sua rede de correspondentes, no país e no estrangeiro.

Fazem parte de sua diretoria atual, depositária de tão gloriosas tradições de prestígio e solidez, os Srs. Dr. Sandoval Soares de Azevedo, Dr. João Tavares Corrêa Beraldo, Dr. Luiz Camilo de Oliveira Neto, Dr. João Franzen de Lima e Dr. Odilon Duarte Braga, todos êles nomes de grande projeção nos círculos financeiros do país e os quais deve o banco uma boa parcela do seu invejável progresso.



Economia e Finanças

ACORDO COMERCIAL COM A ALEMANHA OCIDENTAL

No Itamarati realizaram-se há dias, em cerimônias que se efetuaram no Gabinete do Ministro Bueno do Prado, Chefe do Departamento Econômico e Consular do Ministério das Relações Exteriores, atos que representam virtual conclusão dos entendimentos entre o Governo Brasileiro e a Missão Econômica Alemã no sentido de se estabelecerem em bases concretas as relações comerciais entre o Brasil e a República Federal da Alemanha. Foram rubricadas as minutas do Acôrd de Pagamento, pela manhã, e à tarde, as do Ajuste de troca de mercadorias e do Protocolo Adicional. Uma vez observadas determinadas normas jurídicas que regulam as relações entre a Alta Comissão Aliada na Alemanha Ocidental e a República Federal da Alemanha, serão assinados, em Bonn, pelos dois contratantes, os instrumentos definitivos dos convênios ora concluídos.

O Poder Executivo submeterá ao Congresso Nacional, uma vez celebrados, definitivamente, os atos que ora se concluem, de acôrdo com o preceito constitucional.

"Ação da Comissão de Acôrdos Comerciais" — Os entendimentos com a Alemanha Ocidental chegam ao seu termo, como fruto inicial dos trabalhos da Comissão Consultiva de Acôrdos Comerciais, que se instalou no Palácio Itamarati a 31 de Maio último. O relatório respectivo aprovado na Comissão, unanimemente, e louvado por proposta do representante da Confederação Nacional do Comércio, foi submetido ao Ministro das Relações Exteriores, que o aprovou. Houve, assim, entre a instalação do novo órgão assessor e a autenticação das minutas do ajuste com a Alemanha apenas o espaço de oito dias.

"Caracteres do Ajuste de Troca de Mercadorias" — O Ajuste de Trocas entre o Governo de República Federal da Alemanha e o Governo brasileiro foi negociado e celebrado, diz seu preâmbulo, no desejo de desenvolver as relações econômicas entre os dois contratantes. Os dois países admitirão a importação e exportação de mercadorias constantes das listas anexas, assim resumidas:

A — Exportações brasileiras para a Alemanha:

Matérias primas	US\$ 65.550.000
Gêneros alimentícios ..	44.550.000
Manufaturas	500.000
Diversos	4.400.000

Total (FOB) .. US\$ 115.000.000

De lista de mercadorias que o Brasil exportará para a Alemanha, destacam-se, pelo maior valor, as seguintes: das matérias primas, algodão em rama (US\$ 25.000.000), couros vacuns, salgados e secos (US\$ 10.000.000), sisal (5 milhões de dólares), fumo em folha (igual soma), lã em bruto, exclusive os tipos merino (US\$ 3.700.000) e minérios de ferro (3.000.000 de dólares). Nos gêneros alimentícios, a maior cota foi dada ao café: 30.000.000 de dólares.

B — Exportações alemãs para o Brasil:

Animais vivos	US\$ 1.600.000
Matérias primas	17.120.000
Gêneros alimentícios ..	90.150.000
Diversos	4.880.000

Total .. (FOB) .. US\$ 115.000.000

Os dois Governos autorizarão as operações mercantis, por trimestre, na base mínima de 25 % dos valores de cada lista. Em caso de escassez temporária de produtos, será reduzida a percentagem em apreço, a fim de não haver dano ao consumo interno. Poderão igualmente ser autorizadas operações acima da percentagem citada. Por mútuo acôrdo, os dois Governos poderão modificar as listas. A concessão das licenças de importação e exportação será feita sempre tendo em vista o princípio básico de equilíbrio razoável dos pagamentos mantendo-se tanto quanto possível uma distribuição justa entre os produtos constantes das listas.

As licenças de exportação e importação concedidas durante a vigência do Ajuste continuarão válidas após a terminação eventual do mesmo. Não serão prejudicados pela expiração do Ajuste os contratos a longo prazo para exportação da Alemanha Ocidental para o Brasil, de produtos industriais, cujo período de manufatura se prolongue além da duração do convênio, desde que a respectiva compra tenha sido contratada e as licenças concedidas durante o período de vigência.

As mercadorias incluídas nas duas listas anexas serão destinadas exclusivamente ao consumo interno ou a transformação pelas manufaturas do país importador. As exceções serão admitidas mediante mútuo acôrdo.

Os pagamentos das mercadorias negociadas com base no Ajuste serão efetuados de conformidade com os dispositivos do Acôrdo de Pagamentos. O Brasil e a República Federal da Alemanha envidarão esforços no sentido de se incentivar seu comércio comum e facilitarão viagens de negócios, bem

como operações outras inerentes ao comércio.

"Vigência e execução do Ajuste" — Para acompanhar e facilitar a execução do Ajuste, os dois Governos constituirão Comissões Mistas, que se reunirão periodicamente.

O Ajuste, após sua ratificação, vigorará pelo prazo de um ano, prorrogando-se, tacitamente, sempre por um ano, se não fôr rescindido mediante aviso prévio de 60 dias.

O BRASIL NA EXPOSIÇÃO DE MICHIGAN

O Escritório de Expansão Comercial do Brasil em New York, seguindo sua política de divulgação do Brasil e dos produtos brasileiros nos Estados Unidos, através de exhibições periódicas nos mais importantes centros de comércio do país, acaba de se fazer representar na Feira do Estado de Michigan, realizada em Detroit entre 25 de Março e 2 de Abril, com um "stand" em que se exhibiram amostras de têxteis, produtos de

DR. UBALDO VEIGA

ESPECIALISTA EM

DOENÇAS DA PELE E SIFILIS

Chefe desta clínica na Beneficência Portuguesa
Consultas: Rua do Ouvidor, 183, 5.º andar —
sala 504 — nas 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras, das
16 às 17.30 horas.

CORPO ESBELTO E FACEIRO...

VINHO CHICO MINEIRO

Não! não faça regime para emagrecer. Tome de hoje em diante Vinho Chico Mineiro, usado há mais de meio século! A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tornará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de dormir. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, pontos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(EXIGIR A EMBALAGEM VERDE)

E lembre-se que o segredo de uma linda cabeleira sem caspas é

CABELOS BRANCOS está em

EUTRICHOL ESPECIAL

Espermente-o e verá

MULTIFARMA:

PRAÇA PATRIARCA, 26 — 2.º — S. PAULO
Remessa pelo Reembolso Postal

cerâmica, conservas alimentícias, artigos de borracha, matérias primas em geral, assim como fotografias, cartazes e filmes.

Na Feira de Michigan, visitada durante os nove dias de sua duração por mais de cem mil pessoas, e dedicada quase exclusivamente a desportos e turismo, o Brasil foi o único país estrangeiro representado.

No dia da inauguração da Feira, o "stand" brasileiro foi visitado pelo Prefeito Albert C. Cobo, de Detroit, que demonstrou grande interesse pelo desenvolvimento industrial do Brasil, mostrando-se entusiasmado com o progresso de São Paulo, evidenciado pelas inúmeras fotografias expostas. No segundo dia da exposição, o funcionário do Escritório, encarregado do "stand", foi entrevistado durante um programa de televisão, e ali exibiu dois produtos brasileiros, farinha de banana e mate, aproveitando a ocasião para discorrer sobre as propriedades estimulantes do mate, e sobre a excelência da farinha de banana na alimentação infantil, o segundo já consumido no mercado americano.

Entre os produtos brasileiros que despertaram maior atenção, incluem-se os tecidos de rayon das indústrias Matarazo, e os de algodão da Companhia Renascença, de Belo Horizonte, os quais foram alvo de grande interesse, devido ao seu bom acabamento e aos desenhos e cores originais. Houve mesmo ofertas de compras das amostras expostas. As pedras semi-preciosas brasileiras, tais como ametistas e topázios, foram também grandemente admiradas pelos visitantes, que afirmaram ser difícil adquirir essas pedras na área de Detroit. O interesse pelos produtos brasileiros não foi de natureza passiva, inspirado por mera curiosidade — antes todos os pedidos de informações incluíam o aparente desejo de saber onde poderiam ser comprados, nos Estados Unidos. A todos que assim se manifestaram, o representante do Escritório forneceu listas de exportadores brasileiros.

O Governador do Estado de Michigan, Sr. E. Mennen Williams, esteve de vi-

sita ao "stand" brasileiro, onde permaneceu por período relativamente longo, demonstrando interesse pelos artigos exibidos, e conversando sobre as realizações e possibilidades do Brasil.

Durante os últimos dias da exposição, foram exibidos 5 filmes sonoros por dia, os quais despertaram genuína admiração entre a audiência, que comentou entusiasmadamente sobre a arquitetura, planejamento moderno das cidades e belezas naturais do Brasil.

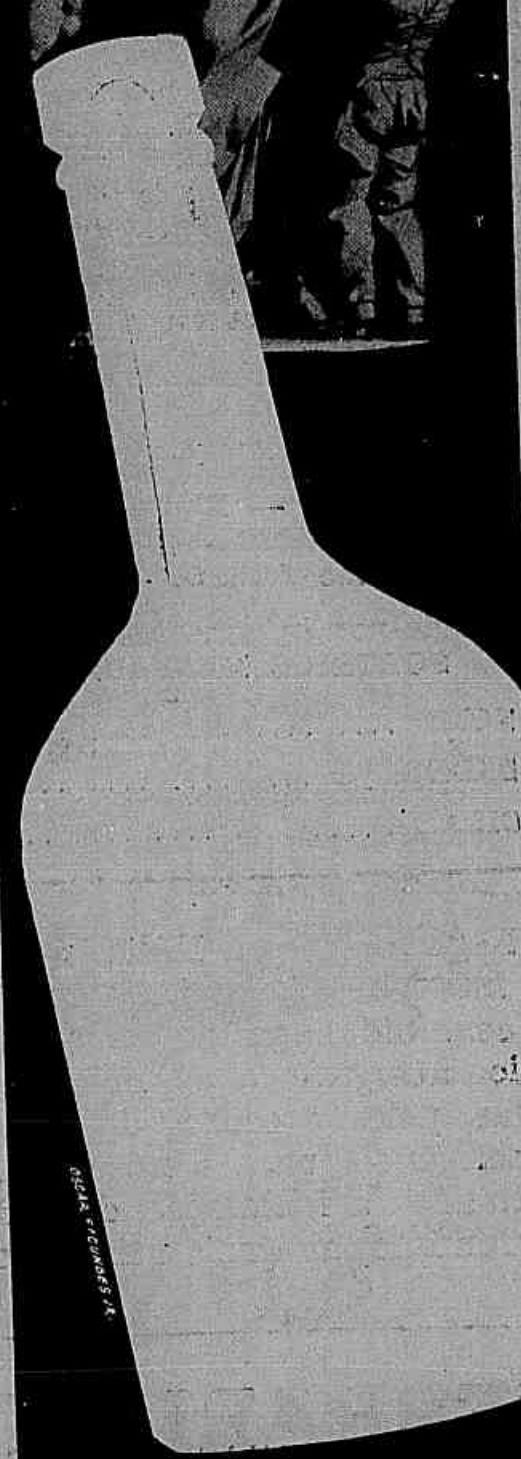
Entre os mais de 100.000 visitantes que passaram pela Feira, pelo menos dois terços estiveram no "stand" brasileiro. A área compreendida por Detroit, subúrbios e cidades circunjacentes, é — como se sabe — de grande importância, como centro industrial e comercial americano. A representação do Brasil, havida pela segunda vez, foi objeto de vivo empenho por parte dos promotores do certame, que ofereceram o espaço utilizado sem despesa, em vista do êxito passado.

VARIAS NOTICIAS

- Mais de 600 mil toneladas de minérios, no valor de 156,5 milhões de cruzeiros foram exportadas pelo Brasil, no ano passado. Nossas exportações foram superiores em 11,2% no volume físico em em 47,6 % no valor, em relação a 1948. Cabe o primeiro lugar aos de ferro, entre os minérios enviados ao exterior.

- Segundo estudos procedidos pela Secretaria da Agricultura de São Paulo, os excedentes exportáveis de arroz, pelo porto de Santos, estão previstos em 2.260.000 de sacas. O consumo aparente para São Paulo foi calculado em 628 mil toneladas de arroz em casca. Quando á forma de realizar os próximos negócios com o exterior, sugere-se que, em face dos preços baixos estipulados pelos países concorrentes, teremos de apelar para as trocas nas bases de compensação. Nesse sentido os exportadores pleitearão a inclusão do arroz na lista de mercadorias liberadas para aquele regime de comércio.

O TÔNICO DAS LACTANTES



AGUA INGLÊSA



Rua 1.º de Março, 149-151
(Em frente ao Arsenal de Marinha)

VENDAS A CRÉDITO

Tel. 43-2895
RIO DE JANEIRO

ROUPAS RENNER
CAMA E MESA - MALAS E ARTIGOS
PARA VIAGEM - BRINS NACIONAIS E
EXTRANGEIROS PARA HOMENS E
SENHORAS - CRETONES - POPELI-
NES - MORINS - ALGODÕES, ETC.
SÉDAS DE VARIOS TIPOS E PADRÕES

ARSENAL do POVO

RESULTADO DO 181.º SORTEIO DE APÓLICES DA

“A EQUITATIVA”

Relação das apólices sorteadas em 15 de Maio de 1950

SORTEADAS COM CR\$ 10.000,00

N.º da apólice sorteadas	NOME DO SEGURADO	Localidade
304.228 —	João Pinto Lapa	Distrito Federal
411.524 —	Oswaldo Gonçalves Campos e D. Maria A. R. Campos	Camocim — Ceará
430.764 —	Almir Serra M. Menezes	Blém do Pará
454.424 —	João Batista dos Reis ..	Damolandia — Goiás
444.625 —	Eucadio de A. Figueiredo	Campo Grande — M. Grosso
311.779 —	José Ramos de Queiróz ..	Salvador — Bahia
F.1.712 —	Manoel de Souza Santos ..	Distrito Federal
251.518 —	Quintino Castro	Pedro 2.º — Piauí
306.211 —	Nelson Silva	Carangola — Minas — Z. Matta
404.886 —	Inácio Rakus	Iraty — Paraná
292.804 —	Erasmo Luiz Gonzaga ..	Manga — Minas — Z. B. Horiz.
F.4.904 —	Atílio de Oliveira Machado	Petrópolis — E. do Rio
F.2.665 —	Eponina B. S. de Mello	Araxá — Minas — Z. B. Horiz.
446.786 —	Miguel Alexandre Bacil ..	Marília — São Paulo
411.569 —	Plínio Figueiredo	Marília — São Paulo

NOTA: — E' de se notar que o Sr. Oswaldo Gonçalves Campos em conjunto com D. Maria Assumpção R. Campos, já teve sua apólice de n.º 411.524, sorteadas com Cr\$ 10.000,00 em 16/11/949 e o Sr. Manoel de Souza Santos, também teve sua apólice de n.º F. 01.562 sorteadas com Cr\$ 10.000,00 em 16/11/949.

“A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL”, já distribuiu em sorteios a importância de Cr\$ 39.983.000,00.

O próximo sorteio deverá ser realizado em 15 de Junho de 1950

A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL — Sociedade Mútua de Seguros Sobre a Vida. — Sede Av. Rio Branco, 125 — Rio de Janeiro. — DEPARTAMENTO DE SEGURO FAMILIAR COM SORTEIOS MENSIS. — Rua São José, 50 — 3.º - 4.º - 5.º pavimento.

Mande-nos informações sobre o SEGURO FAMILIAR COM SORTEIOS MENSIS.

NOME
ENDEREÇO
CIDADE ESTADO

● Negócios com a Itália, na base de compensação deverão ser intensificados próximamente, em consequência do acôrdo concluído com aquele país. Está previsto que tais negócios atingirão a 50 milhões de dólares, envolvendo madeiras, peles e couros do Brasil. O tratado estabelece a transferência para o nosso país de capitais e maquinária destinados a instalação de indústrias de celulose, nitratos e alumínio, as quais utilizarão matérias-primas nacionais.

SERRARIA ITAPAGIPE

ARTHUR DONATO, COMÉRCIO E INDÚSTRIA S. A.
Madeiras e materiais de construção

PARQUE DONATO — Assoalho de absoluta segurança
Premiado na Exposição de Sevilha de 1929/1930

End. Tel. “DONATO”

Agentes distribuidores da CIA. INDUSTRIAL DE MADEIRAS DA BARRA DE SÃO MATHEUS — Exploração Florestal e Serraria — Conceição da Barra, Espírito Santo — End. tel. “Cimbarra”
Transportes Marítimos NAVEGAÇÃO ARTHUR DONATO LTDA.
Linha regular Rio — Vitória — Conceição da Barra — Iates
“São Matheus” — “Serafim Donato” — Tel. NAVEDONA.

Construtores Navais — Trapicheiros

INDÚSTRIAS REUNIDAS OANECO S. A. — Carreiras para embarcações até 600 toneladas — RUA CARLOS SEIDL, 258..

Trapiche “Vitória” — Armazenagem de mercadorias em geral
RUA CARLOS SEIDL, 224/6 End. tel. NECOSA — Telef. 48-2737
Escritórios: RUA BARÃO DE ITAPAGIPE, 71 — Telefones: —
28-4641 e 28-3844 — RIO DE JANEIRO.

AGEISHA

(Conclusão)

— Foi um bailarino que o “shogun” trouxera de Tóquio, por ocasião da festa dos fogos naquela cidade.
Nara impalideceu.
— E o bailarino foi preso? — interrogou com o coração aos pulos.
— Não, porque morreu de uma lança. Um guarda do palácio, que presenciara o crime, matou-o com um seguro golpe...
A rapariga deixou o mendigo, desesperada. Chorava em altos soluços. E prosseguiu o caminho, levada por uma grande rajada de amargura.
Para onde seguira Nara, depois que soubera da morte de Miki?
Andara sem destino pela estrada, chorando sem par num contínuo desespero, durante toda a noite. Quando amanheceu, partiu para Tóquio.
Chegando ao seu “chalezinho”, na rua Kogimachi, a amante do bailarino assassinado fechou-se em seu dormitório. E no outro dia foi encontrada morta, com as artérias do pescoço por um punhalzinho, que ela comprimia na mão pequenina e gelada.
Era o sacrifício imposto pela desgraça de um grande amor cortado pela morte...

JOALHERIA DA MODA

O Dr. Augusto Sant'Ana de Araujo, profissional de largo tirocinio em Portugal, em joias finas e pratarias, de acôrdo com o nosso amigo Mario Xavier, adquiriu sua posição em firma, passando a “Joalheria da Moda”, a ser brevemente inaugurada, a figurar na praça com a denominação de Mario Xavier & Companhia Ltda. uma delicada atenção ao seu amigo e primitivo proprietário da firma. A reforma da referida casa, à rua Senador Dantas, 118 D, está sendo levada a efeito com grande gosto, o que de certo, será mais uma bela iniciativa de portugueses no seu embelezamento da Cidade Maravilhosa.

EM TODA INDUSTRIA, A TECNICA CAMINHA A PASSOS LARGOS EM BUSCA DO APERFEIÇOAMENTO.

E' A EPOCA DA ESPECIALIZAÇÃO, QUE PERMITE AO HOMEM CONHECER MELHOR, EM ÂMBITO MENOR, ASSIM, EM TODOS OS SETORES DE TRABALHO, O LEMA E' PRODUZIR MAIS, COM MAIOR PERFEIÇÃO E COM ECONOMIA.

...E NADA MAIS NATURAL QUE OS INDUSTRIAIS E CAPITALISTAS PROCUREM PARA CONSTRUIR SEUS EDIFÍCIOS DE FABRICA, DE ESCRITÓRIOS E DE DEPOSITOS, AS FIRMAS QUE PELO SEU TEMPO DE ATIVIDADE, PELO APERFEIÇOAMENTO DE SEUS METODOS E PELA COMPROVADA GARANTIA DE SEUS SERVIÇOS MELHOR SE RECOMENDAM.

CIA. COSTRUTORRA PEDERNEIRAS S. A.

RIO — S. PAULO — SALVADOR

PARA OS MOÇOS DE NOSSA
TERRA



CLUBE Juvenil **TODDY**



UMA INICIATIVA OPORTUNA, APRESENTADA NA

RÁDIO MAYRINK VEIGA

PELA **TODDY DO BRASIL S.A.**

• SOB A DIREÇÃO DA PROFESSORA MARIA DE LOURDES ALVES •

CONCURSOS

"SKETCHS"

NOTÍCIAS

ENTREVISTAS

MÚSICA

UMA VIDA PREDESTINADA

(Conclusão)

devido a um chamado para socorrer um empregado que limpava as gaiolas das cobras em Bronx Park. O medico japonês Noguchi havia lido nos jornais, a noticia da estadia em New York do cientista Brasileiro e havia indicado seu nome como provavel e único salvador do pobre homem.

Informado da qualidade de serpente que havia picado o empregado, Vital Brasil rumou imediatamente para Bronx Park onde o encontrou já em estado desesperador. Esse foi o grande momento para o sábio que constatou a eficácia do seu soro de uma cascavel americana na picada de uma cascavel norte americana!

A cobra coral foi a única da qual não se obteve soro eficiente. Após muito pesquisar, o nosso Vital Brasil descobriu o processo de um soro polivalente para imunizar contra qualquer serpente. Sempre excluindo a coral.

Ele mesmo contára um fato interessante quando no início do Instituto Butantã: um simples camponês, ao despertar pela manhã, calçou os chinelos, e, ainda tonto de sono, não reparou que havia uma aranha dentro de um deles. Sentindo a picada verificou do que se tratava, e incontinentemente saiu a procura de socorro no Instituto Butantã que ficava um tanto distante. Sofrendo dores incriveis, conseguiu arrastar-se por algum tempo pela estrada porém não aguentou pois o pé já estava muito inchado. Contorcendo-se de dores, e quasi semi-inconsciente, deixou-se cair. Alguns homens que passavam conseguiram fazer com que ele mal dissesse que fôra uma aranha que o picara e que queria ser levado ao Butantã. Chegou em estado de coma. Dr. Vital Brasil que lá se achava pesquisando, verificou a gravidade do estado porém, como não havia ainda experimentado o soro em creatura humana hesitou, e logo em seguida, com a aprovação dos presentes fez a primeira experiencia. Em pouco tempo o agonizante abriu os olhos, e para a felicidade de todos, salvou-se graças a Deus.

Houve também, um médico, seu colega e amigo que sofria de ataques de epilepsia e estudava afim de conseguir preparar uma vacina para o seu mal. Vital Brasil procurou auxiliá-lo e conseguiu um soro harmônico de grande aceitação devido ao seu poder reconstituente.

Quando nas suas demonstrações, ensinando como pegar vivas as cobras para seus estu-



**NUNCA É TARDE PARA CONFIAR
SEUS IMÓVEIS A UMA BOM ADMINISTRACÃO**

Rápida locação • Rigorosa seleção de inquilinos • Cobrança pronta de alugueis • Perfeito serviço de conservação e reparos de imóveis • Assistência legal gratuita • Segura orientação na compra e venda de imóveis • Atenta vigilância na limpeza e ordem dos imóveis

F. R. DE AQUINO & Cia. Ltda.
MATRIZ: Av. Rio Branco, 91-6 - TEL. 23-1830
FILIAL EM S. PAULO - Rua 15 de Novembro - 200- 6º andar - TEL. 3-7111

dos e para a preciosa colheita do veneno para o preparo do soro, Vital Brasil mostrava ao vivo, segurando a cobra com um pau o qual tinha um gancho na extremidade que servia para prender a cabeça do ofidio. Com grande humorismo, contou o cientista que uma vez, um caipira disse: — "E"... mas eu não tenho esse ferrinho "temperado" como vancê!.....

Esse foi seu grande trabalho! Fazer com que os caipiras, colonos, fazendeiros, etc., compreendessem a necessidade de não matar as serpentes, e sim pegá-las vivas e enviá-las ao Instituto que, além do porte gratis, por cada serpente, fornecia uma ampoula de soro gratis.

Nas suas observações, Vital Brasil constatou que as serpentes são encontradas à noite com mais facilidade; que elas só se alimentam de pequenos seres vivos e que elas proprias apanhem; que não atacam o homem a não ser inofensiva, não morde e que só se alimenta quando estão com fome; que a mussurana é de outras cobras.

Vital Brasil, finalmente em 1919, resolveu deixar São Paulo e mudar-se para Niterói onde fundou o Instituto que atualmente tem

o seu nome. Nessa época, porém, este era ainda um barracão, pois foi seu filho — Dr. Alvaro Vital Brasil — arquiteto, que idealizou o edificio, sendo o mesmo inaugurado em 1938.

Em 1924, a convite do Governador de São Paulo, Vital novamente tornou a dirigir o Instituto Butantã ate 1927, deixando-o para ficar definitivamente a testa do seu laboratório de pesquisas em Niterói.

Vital Brasil casou-se pela segunda vez, em 1920 com a Sra. Dona Diná Carneiro Viana a quem deixou viúva com nove filhos, tendo nascido o seu ultimo filho quando Vital completava setenta anos de idade.

No Instituto Vital Brasil — para mencionar somente as pessoas da familia do eminente sábio — colaboravam os seguintes: — Dr. Vital Brasil filho, jovem e brilhante medico, a mão direita do sábio nos estudos de laboratório, diretor do Instituto e que faleceu em 1936, vítima de seus trabalhos em culturas, contando apenas 32 anos de idade; Ruy Vital Brasil — químico que assumiu a direção geral; Mario Vital Brasil e Déa Vital Brasil (noje sua esposa); Augusto Esteves e Alvarina Vital Brasil Esteves, dois grandes colaboradores e Oswaldo Vital Brasil, diretor científico, cujos trabalhos originaes têm sido lidos com grande interesse na Europa e na America do Norte, principalmente suas observações sobre o Curare — substancia venenosa de nossos indigenas — e que tem sido cao estudada pelo cientistas.

Vital Brasil, entre os filhos illustres, deixou duas filhas dotadas nas belas artes: Lygia e Vitalina. Ambas são de uma sensibilidade artistica apurada. A primeira tem o dom da pintura, a segunda — Vitalina, é virtuose do teclado, além de ser conhecida pelos seus qotes morais e espirituais.

Passados dez dias do aniversário do grande cientista, e das belas manifestações publicas, radiofônicas e pelos jornais, em homenagem ao iluminado bemfeitor — a maravilhosa fagulha de vida que animava esse elevado espirito que foi o sábio Prof. Vital Brasil extinguiu-se para os nossos olhos.

E' certo, porém, que a cintilante vibração de Vital Brasil páira sobre o mundo, na sua obra e em tudo o que a continuação dessa obra representa de sublime para a Humanidade — a própria Vida!

DALMIRA

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS PÓROS
A VENDA EM TODA A PARTE

Horacio Saldanha & Cia. Ltda.

DISTRIBUIDORES DE:

BATERIAS FIRESTONE para carros de passeio, onibus e caminhões
MATERIAL ELETRICO E ISOLANTE

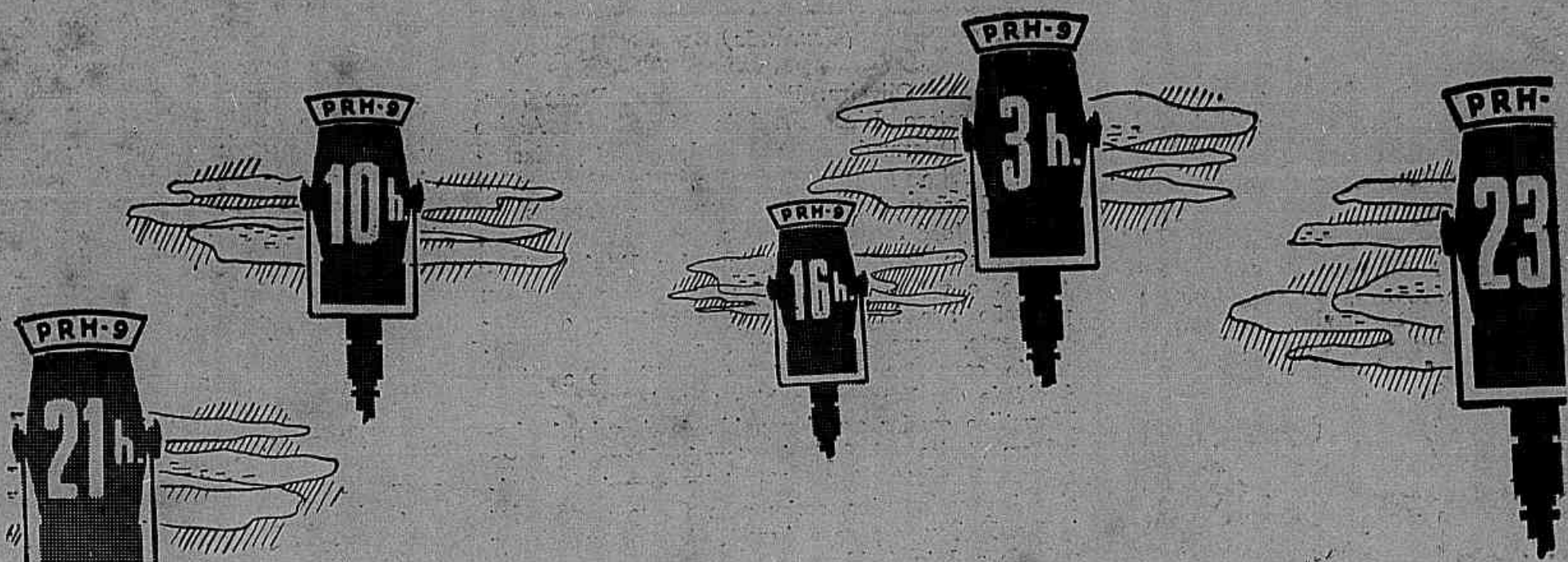
Fio esmaltado americano.
Spaghetti de algodão e plastico.
Celeron em chapas de 1/16 a 3".
Celeron em bastões de 1/4 a 3".
Fenolite em chapas de 1/16 a 1".
Fenolite em tubos.
Papelão isolante vulcanizado.
Fibra vermelha vulcanizada.
Mycalex — Cambric. —

Bronze phosphoroso.
Condensadores de partida.
Ventiladores suicos conjugado c/ar quente e frio.
Motores monofasicos e trifasicos.
Chaves magneticas "Allen-Bradley".
Chaves blindadas "Bulldog".
Tubos galvanizados de 1/2" a 3".
Arame farpado holandez N.º 3 1/2.

RIO DE JANEIRO

ESCRITÓRIO : — RUA SÃO JOSÉ, 85 — 3.º — TEL. : 32-6091 — 22-6810

DEPOSITO : — RUA LAVRADIO, 160 — TEL. : 32-7696

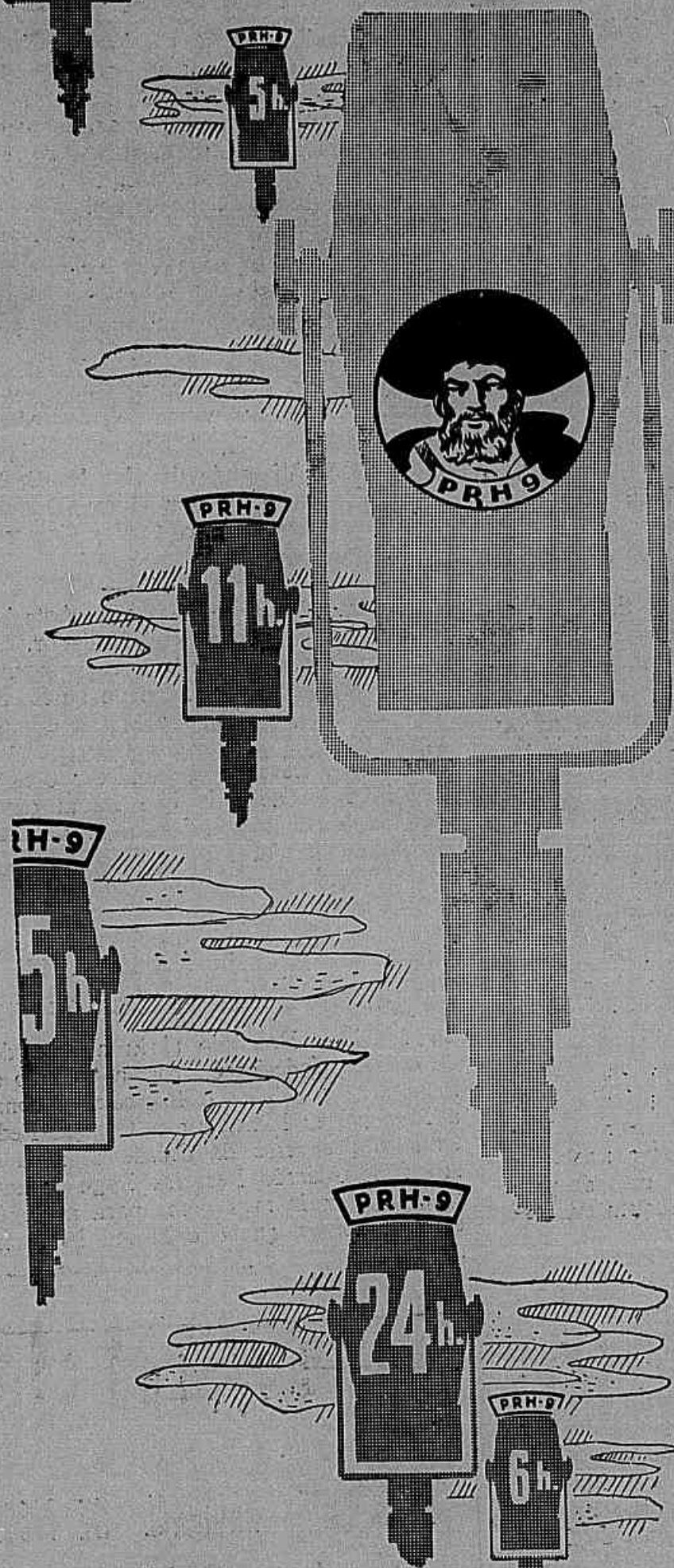


*pela primeira vez
no Brasil*

A Bandeirantes não sai mais do ar!

**24 horas
divertindo e
informando!**

Primeira e única no Brasil, a RÁDIO BANDEIRANTES está no ar, dia e noite, ininterruptamente, proporcionando aos seus ouvintes: programas educativos, entretenimentos, reportagens, "fúros" políticos e esportivos, notícias internacionais, etc.. A qualquer hora sintonize seu rádio para a mais popular emissora paulista — a sua BANDEIRANTES!



RÁDIO BANDEIRANTES
SENTINELA AVANÇADA DO ESPAÇO!



Ag. Pettinati



**CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

**MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA**
De Mme. Campos
Limpa os poros — Modela o rosto
À VENDA EM TODA A PARTE

**Galeria
Santo Antonio**
Rua da Quitanda, 25
ESPECIALISTA EM RESTAURA-
ÇÕES DE QUADROS A OLEO



**AGUA PURA
SAUDE SEGURA**
SO' COM VELAS
ESTERILISANTES
SENUN

**Caspa ?
Petroleo
Soberana**

REMINISCENCIAS DE JUIZ DE FORA

(Conclusão)

Estevão de Oliveira, Belmiro Braga, Brant Horta, Francisco Lins, Franklin Magalhães, Albino Esteves, Dilermando Cruz, Olegário Pinto, Machado do Sobrinho, Mario Magalhães, Lindolfo Gomes, João Massena, Augusto Franco, Amanajás de Araujo, José Rangel e outros.

Havia um Mecenas, ocomendador Eugênio Fontainha, o qual enquanto foi rico, sempre dispensou proteção aos intelectuais e aos artistas, espontaneamente, comprando livros e quadros, subvencionando concertos e exposições, auxiliando a vinda à cidade das boas companhias teatrais.

Magnifico orador era Amanajás de Araujo, bacharel em direito e boêmio inveterado. Dono de vasta cultura literária, Amanajás tinha arroubos oratórios impressionantes, assim pela forma como pelas idéias. Exilou-se para o Acre, onde morreu sem ter voltado a Juiz de Fora.

Grande rabula era o coronel Almeida Novais, abolicionista e propagandista da República. Dotado de voz estentóricia, quando Almeida Novais defendia no juri a gente lhe ouvia os gritos dos pontos mais distantes do Forum, apesar de não haver ainda altofalantes. O alto falante era mesmo a gargalhada, que ele molhava a espaços com vastos copos de limonada. Novais não usava gravata e só vestia, mesmo no juri, uma blusa de operário. Réu que defendesse era réu absolvido. Mas morreu pobre, porque gostava muito de defender os réus miseráveis.

Azevedo Junior, notável jornalista político, já havia deixado a cidade, mudando-se para o Rio. Tinham desaparecido os vespertinos "Correio da Tarde" e "Imprensa Livre", em que ele colaborava ativamente.

Eram três os jornais da manhã, "O Farol", o "Correio de Minas" e o "Jornal do Comércio". No "Correio de Minas" pontificava o polemista Estevão de Oliveira e no "Jornal do Comércio", dirigido por Francisco Valadares, o secretário era Francisco Lins, cuja crônica diária tinha inúmeros leitores. Francisco Lins selecionou algumas dessas crônicas para um livro que intitulou "Borboletas negras". Há páginas admiráveis nesse livro. Tanto o "Correio de Minas" como o "Jornal do Comércio" funcionavam na rua Halfeld.

Na rua Direita, esquina de Marchal Deodoro, esteve "O Farol" durante longos anos, numa casa baixa que tomava todo o terreno onde hoje se levanta o Rocha Hotel. Embora jornal político, "O Farol", que fizera com extraordinário brilho a campanha civilista, tinha acentuado cunho literário. Como redatores ou colaboradores escreviam assiduamente para o velho diário Heitor Guimarães, Mario Magalhães, Machado do Sobrinho, Belmiro Braga, Francisco Magalhães, Mario de Lima, Aldo Delfino, Alvaro da Silveira, Lindolfo Gomes, José Costabile, Dilermando Cruz e muitos outros. A sala de redação era uma espécie de cenáculo, onde se reunia toda essa gente para as conversas literárias. Silvio Romero, que então passava uns tempos em Juiz de Fora, residindo numa casa da parte alta da rua de Santo Antonio, frequentava essas reuniões.

— Este "Farol" tem brados !

Com isso queria significar que o jornal tinha certa influência e era conhecido em todo o país. O engenheiro Clorindo Burnier também aparecia pela redação, depois de sua aula na Escola de Engenharia, para dois dedos de prosa. Uma noite, por sinal, o dr. Clorindo sacou o lenço para enxugar o suor do rosto. Mas o lenço era simplesmente um pedaço de toalha com que ele, na Escola, limpava o giz do quadro negro e que por distração metiera no bolso. Eram célebres os esquecimentos do ilustre engenheiro.

Quando os literatos andavam sem dinheiro, faziam palestras literárias, a dois mil réis a entrada, ou publicavam almanaques. Eu fiz várias palestras e publiquei um almanaque. Heitor Guimarães também, Albino Esteves a mesma coisa. Ganhava-se honradamente, e com esforço, o pão de cada dia. Depois o negócio foi ficando outro...

Um pão de tostão chegava e sobrava para o café matinal de toda uma família e era encontrado, ainda quente, às seis horas da manhã, no peitoril da janela. O leite era também a cem réis o litro, um leite sobre o qual boiavam bolas de manteiga. Em qualquer farmácia se aviava qualquer receita por muito menos de cinco mil réis, mesmo quando o médico prescrevia xaropes vindos de Paris. Quem foi que disse que moça saía à rua sem o pai ou sem o irmão? Não vê !

Juiz de Fora tinha trinta mil habitantes, a vida corria mansa e tranquila, havia tempo vago para a conversa amável na sala das redações ou à mesa dos cafés, entre amigos de verdade. Falava-se de letras, de música, de pintura e um pouco também de política. Hoje não se conversa mais, o hábito perdeu-se, como tantos outros. Ganhava-se pouco, mas o dinheiro tinha valor e nota de quinhentos mil réis não andava aos ponta-pés, como agora anda. Não havia nem "filas", nem escassez de gêneros alimentícios, nem saia curta, nem mulheres de calças. Uma que aparecia na rua Halfeld, vinda do Rio, de "jupe-culotte", tomou uma vaia, que Deus te livre. Quando o sino da cadeia batia as nove horas da noite, todo o mundo ia para casa, com exceção dos jornalistas, dos boêmios e dos cocheiros dos carros de praça, que esperavam os trens noturnos.

UM MONUMENTO DE ARTE, DE ESTUDO E DE VENERAÇÃO

(Conclusão)

São corallinas, ágatas, cristais, mármore, etc., lindas amostras de grande valor científico.

A BIBLIOTÉCA DO MUSEU contendo mais de 3.000 volumes, raríssimos, obras de grande luxo, vem colaborando grandemente na educação e formação de nossa mocidade. A todos encantam suas obras de 100, 200, 400 anos ! Verdadeiras relíquias ilustradas por Gustavo Doré, Raphael, Leonardo de Vinci, Murilo, Bida, etc.

Encontram-se aí duas grandes estantes provenientes do Palácio de São Cristovão, da própria Biblioteca de D. Pedro II.

Dentre os numerosos autógrafos, destacam-se os de D. Pedro I (cartas à Marquesa dos Santos), D. Pedro II, Conde D'Eu, Rainha Vitória, Marquesa dos Santos, D. Amelia (segunda esposa de D. Pedro I), Visconde de Cavalcanti, Duque de Caxias, Napoleão, Victor Hugo, Dumas, Castro Alves, José de Alencar, Carlos Gomes e muitos outros.

Tal momento de História e de Arte bem demonstra o espírito de seu ilustre fundador. Sabendo amar a Terra em que nasceu, compreendendo e sentindo a sua grandiosidade, formado na Escola de D. Pedro II, respeitando e acatando sempre as autoridades do País, com elas colaborando em tudo quanto pudesse elevar e engrandecer o nome do nosso Brasil, filho de pais que foram exemplos de cidadãos brasileiros, mirando-se sempre no espelho da honra, do dever e da bondade, paciente e abnegado, estudioso e culto, Alfredo Ferreira Lage terá a sua memória gravada na Alma Brasileira. O seu nome não deve e não pode ser esquecido principalmente pelos juizforenses, sendo ele um dos filhos que mais amou, honrou e homenageou Juiz de Fora.

Se Mariano Procópio abriu a rota do progresso de nossa Cidade, se ele com a "União e Indústria" firmou com solidez o intercâmbio comercial entre a Manchester Mineira e a Capital Federal, adiantando o progresso da Cidade de mais de 50 anos, seu filho Alfredo Ferreira Lage tornou-a famosa, polindo a mais rara gema para a Corôa da Princesa de Minas, que é o Museu Mariano Procópio. A ele, portanto, a nossa homenagem e o nosso preito de Saudade !...

DR. OSVALDO SERRA DA FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA

Doenças da Pêe e Sifilia

Tratamento especializado da cutis, cravos, espinhas, manchas da pêe, verrugas, sinais congênitos (nevus), extração de pêlos da face. Tratamento de varizes, úlceras, eczemas crônicas e alergias, urticárias, doenças dos cabelos e unhas. Tratamento dos angiomas e cânceres da pêe pelo RADIUM (Radioterapia).

Ondas curtas, Ultra-violeta, Infra-vermelho, Neve-carbonica, Diatermia, Radium.

Consultório: Rua 13 de Maio, 23 — Edifício Darke-7.º and. — salas 723/. Consultas diárias das 16 às 19 horas exceto aos sábados.

FALTA

CONTRA - CAPA